

Caderno de *O Estandarte*



Centenário da
Educação Teológica



CENTENÁRIO DA
EDUCAÇÃO TEOLÓGICA





APRESENTAÇÃO

Rev. Eduardo Galasso Faria

É do conhecimento de todos o cuidado e o carinho com que os fundadores da nossa igreja viam o Seminário e sua importância a causa do evangelho. A primeira grande campanha da IPI do Brasil como igreja foi em favor do Seminário. A imagem utilizada pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira para se referir à nossa casa de profetas foi muito significativa: a menina dos olhos da igreja. De fato, como a igreja poderia se desenvolver sem os pastores? Na Reforma do século XVI também esta era a preocupação: a preparação cuidadosa daqueles cuja vocação era o ministério pastoral e o atendimento ao povo de Deus.

Aos 488 anos da Reforma Protestante e com os mais de 100 anos da IPI do Brasil, vemos que o mundo mudou bastante e, com ele, as pessoas. Hoje há urgência em compreender as profundas transformações que afetam o nosso planeta e seus habitantes. Os questionamentos são outros e as novas perguntas precisam de outras respostas. Vivemos em um tempo de pluralismo no Terceiro Mundo, com carências profundas que nos convocam a uma solidariedade ecumênica.

Como nos preparar para tão grande e importante tarefa? E como fazer isso sem orientação séria e segura? É possível evitar os desvios e becos para nos abrir ousadamente à ação do Espírito Santo, que prepara o nosso itinerário e dá as forças para cumpri-lo?

O *Caderno de O Estandarte* que temos em mãos por ocasião das comemorações dos 488 anos da Reforma, pretende tratar desta relevante questão. Para tal, resolvemos partir da história da educação teológica na IPI do Brasil.

O Rev. Leonildo Silveira Campos escreve sobre o Seminário de São Paulo, nossa instituição teológica centenária. O Rev. Tamarozzi faz um relato de sua expe-

riência sonhadora com o preparo de obreiros em Fortaleza, na década de 60. Sobre o Instituto Bíblico João Calvino e o Seminário Teológico de Londrina temos o relato do seu diretor, Rev. Silas de Oliveira. Do Seminário Teológico de Fortaleza e da Igreja no Norte e Nordeste, bem como de suas realizações, fala o diretor, Rev. Áureo Rodrigues de Oliveira. O Rev. Hermany Rosa Vieira, contando com a colaboração dos Revs. Jonas Furtado do Nascimento e Michael Silvalee, faz um apanhado sobre a experiência da igreja com os Centros de Treinamento Missionário (CTMs) nas várias regiões do Brasil.

Atualmente temos um grande desafio nesta área de atuação da IPI do Brasil, que se tornou real a partir da Assembléia Geral de Santo André, em agosto de 2005, ao aprovar, após diversos estudos, uma reforma da atual educação teológica em suas instituições de ensino. Aqui a questão é como colocar em prática um novo modelo pedagógico e teológico que insira os novos pastores e especialmente o povo de Deus no momento em que vivemos e atuamos como servos do Senhor Jesus. Estaremos em condições de rever os antigos métodos de trabalho, os velhos currículos, as propostas hoje bastante desgastadas? Teremos ousadia suficiente para deixar os velhos caminhos e nos empenhar nos desconhecidos? Se não conseguirmos, certamente seremos atropelados por um quadro religioso que, cada vez mais, nos questiona, mas que também nos impele para novos experimentos. Sobre este ponto fala-nos o secretário geral da igreja, Rev. Gerson Correia de Lacerda, que é também o diretor do Seminário de São Paulo.

A todos que olham com carinho para esta causa desejamos uma leitura proveitosa, que leve à participação. E que Deus nos abençoe!

O Rev. Eduardo é professor do Seminário Teológico de São Paulo e coordena a edição dos Cadernos de O Estandarte



SUMÁRIO

	Apresentação	3
1	O Seminário Teológico de São Paulo	7
2	A educação teológica no Sul – Retrospectiva história e perspectivas para o futuro	45
3	A educação teológica e a IPI do Brasil no Norte/Nordeste	59
4	O Seminário Presbiteriano Independente Rev. Manoel Machado (1965-1975)	79
5	Os Centros de Treinamento Missionário da IPI do Brasil	85
6	Celebração do Centenário e Novo Projeto	101

1

O SEMINÁRIO TEOLÓGICO DE SÃO PAULO

NOTAS HISTÓRICAS

Rev. Dr. Leonildo Silveira Campos

INTRODUÇÃO

Neste texto reunimos informações e dados sobre parte da história da formação de pastores, numa denominação centenária, a IPI do Brasil. Iremos focalizar a sua mais antiga escola de teologia, situada em São Paulo, organizada em 1905, dois anos após o surgimento da igreja. Trata-se, portanto, da história de um seminário que se confunde com os eventos que marcaram o início e desenvolvimento da denominação independente, mas cujas raízes estão fincadas nas origens, conflitos e expansão do presbiterianismo brasileiro, na segunda metade do século XIX.

Este artigo está dividido da seguinte forma: Na primeira parte, há um esboço da história da educação teológica presbiteriana independente, iniciada 40 anos antes da organização do ramo independente, seguida da organização do primeiro Sínodo, em 1888, da cisão do presbiterianismo, em 1903, da diminuição do entusiasmo anti-maçônico inicial, até a crise econômica e ideológica dos anos 30. Na segunda parte, acompanharemos os eventos principais que marcaram a história do Seminário de São Paulo, principalmente no período de 1960 a 1980, na qual analisaremos o seu papel nas crises da denominação, suas andanças no espaço físico da capital de São Paulo, até a aquisição de sua atual sede, coincidentemente, numa rua chamada Genebra.

Para isso, reunimos dados que permitem fazer uma leitura dos desafios enfrentados pela nova denominação, que, corajosamente, rompeu com as fontes de financiamento norte-americanas e construiu suas próprias formas de praticar a educação teológica, contando com seus próprios recursos na realização de seus objetivos. Porém, não se deve ampliar exageradamente o conceito de “independência” e “criatividade” nacional, pois a IPI do Brasil manteve a sua fidelidade ao presbiterianismo norte-americano no seu sistema doutrinário e administrativo, continuando a ser uma denominação conservadora e de crescimento estável, nos últimos 50 anos, porém pouco acima do crescimento vegetativo.

1. AS ORIGENS DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NO PRESBITERIANISMO INDEPENDENTE BRASILEIRO

A história da primeira tentativa de reunir jovens promissores para lhes dar uma formação bíblica e teológica, a fim de consolidar a expansão da fé presbiteriana no Brasil, começa com o esforço do Rev. Ashbel Green Simonton que, ao morrer prematuramente em 1867, deixou funcionando o primeiro seminário no Rio de Janeiro, ao lado do primeiro presbitério e já circulando o mais antigo jornal evangélico brasileiro - a *Imprensa Evangélica*. Os 20 anos seguintes marcariam o advento de um modelo provisório de educação teológica no meio presbiteriano do país.

1.1. – DO “SEMINÁRIO PRIMITIVO” ÀS “CLASSES AVULSAS”

O Seminário do Rio de Janeiro instalou-se em um sobrado com três pavimentos na Praça da Aclamação. No primeiro pavimento, estava o salão de cultos; no segundo, o Seminário propriamente dito e, no terceiro, morava o poeta Santos Neves.

Nesse “seminário primitivo”, como foi considerado pelo Rev. Vicente Themudo Lessa, foram formados os primeiros pastores nacionais: Antônio Trajano, Modesto de Carvalhosa e Miguel Torres, encerrando essa primeira escola de teo-

logia as suas atividades antes que o segundo aluno a se matricular, Antônio Pedro de Cerqueira Leite, terminasse os seus estudos. Isto porque Simonton morreu, Schneider foi realizar missões na Bahia e Carlos Wagner (luterano) se aposentou, voltando para a suíça, sua terra natal.¹

Cerqueira Leite, depois pastor em Sorocaba, veio para São Paulo, iniciando-se com ele a formação de ministros por meio da tutela de outros pastores e presbitérios, modelo que vigoraria até a institucionalização definitiva da formação pastoral no meio presbiteriano.²

Na realidade, o Seminário iniciado por Simonton funcionou como outros posteriormente, isto é, mais como “classes teológicas avulsas” do que como um seminário nos moldes de Princeton, por exemplo, de onde viera o pioneiro do presbiterianismo brasileiro. Porém, essas “classes avulsas” se mostravam mais como uma invenção nacional, portanto provisória, usada para resolver o problema da necessidade de pastores nacionais, atendendo-se assim a demanda desta ou daquela região do vasto campo presbiteriano no Brasil.³ Essa situação somente iria se alterar após o Sínodo de 1888, que definiu os limites da autonomia do presbiterianismo brasileiro e decidiu pela organização definitiva de um seminário teológico.⁴

1.2. – EDUCAÇÃO TEOLÓGICA EM TEMPOS DE AUTONOMIA E DE CRISES

No entanto, a educação teológica foi objeto de debates sobre a sua localização e de uma decisão histórica, já na primeira reunião do Sínodo Presbiteriano no Brasil, em 1888, quando se tomou a decisão de organizar um seminário à altura do novo momento de autonomia administrativa do presbiterianismo brasileiro.⁵

Todavia, os passos necessários para a instalação de um seminário somente se dariam após o Sínodo de 1892. Assim, em 15 de novembro daquele ano, em Nova Friburgo, o Rev. J.R. Smith deu início a uma classe teológica e alguns meses depois, em fevereiro de 1893, pastores nacionais, entre eles Eduardo Carlos Pereira e Álvaro Reis, deram origem ao Instituto Teológico de São Paulo, que desenvolveria as suas atividades em paralelo ao seminário oficial do Sínodo, o de Nova Friburgo.⁶

Nos anos seguintes, o Instituto de São Paulo receberia contribuições financeiras de crentes de diversas igrejas, especialmente da 1ª IPI de São Paulo, onde o

Rev. Eduardo Carlos Pereira era o pastor e encarava o seminário como uma oportunidade para a formação de um pastorado nacional.

Foi nessa época que se adquiriu um terreno de 5 mil metros quadrados, 50 m de frente e 100 de fundos, na Rua Maranhão, próximo ao Mackenzie, onde se lançou a pedra fundamental de um prédio em 7/7/1898, com um custo orçado em 64 contos de reis. Para fazer frente às despesas de construção, somente da 1ª Igreja de São Paulo saiu mais da metade desse valor, por volta de 36 contos de reis.

Porém, os ânimos andaram acirrados no período intermediário entre a instalação do primeiro Sínodo, em 1888, e a cisão de 1903. Essa tensão acabou refletindo nos projetos de formação teológica dos futuros pastores. Havia dois grupos: os que advogavam um seminário em Campinas, no Colégio Internacional; outro que defendia o Mackenzie, em São Paulo, como o lugar ideal para um seminário que servisse a igreja nacional.

Foi nesse contexto que estourou a questão maçônica, na passagem do século XIX para o XX, ao lado das lutas entre a visão nacional e estrangeira. Dessa forma, as coisas que já estavam complicadas ficaram ainda mais, apesar da fusão do Seminário de Nova Friburgo com o Instituto Teológico de São Paulo.

No entanto, por detrás das discussões sobre a questão do Mackenzie, estava não o problema da maçonaria, mas o conflito de mentalidades: Qual seria a tarefa da igreja: formar cidadãos segundo o modelo norte-americano, em escolas da igreja, ou formar crentes por meio da pregação direta do evangelho? Por sua vez, as propostas de se dar no próprio Mackenzie uma formação teológica para os pastores esbarravam nas ênfases de Eduardo Carlos Pereira, cuja meta era dar uma educação aos filhos da igreja, que fosse a mais eclesial e a menos secular possível, ou seja: “educar os filhos da igreja, na igreja e para a própria igreja”.

Como consequência da cisão de 1903, o grupo independente ficou sem seminário, pois o prédio da Rua Maranhão permaneceu sob controle do Sínodo, sendo posteriormente vendido e os valores aplicados na educação teológica em Campinas.⁷ Por isso, nos primeiros dois anos da independência, uma nova campanha iria mobilizar os independentes em prol da construção de um novo seminário, até que, em 21/4/1905, foi inaugurado, com muitas festas e discursos, o Instituto Teológico, dentro do Colégio Evangélico, que posteriormente se estabeleceram na Rua Visconde do Ouro Preto, próxima ao Mackenzie, uma travessa da Rua da Consolação.

Para o Colégio Evangélico vinham meninos e jovens de várias partes do Estado de São Paulo, a fim de receberem formação escolar. Porém muitos deles se tornariam aspirantes ao ministério, recebendo nesse mesmo espaço a formação

específica para o pastorado da nova denominação. A cerimônia que marcou o início do Instituto Teológico e Colégio Evangélico foi saudada por Eduardo Carlos Pereira como uma realização do Plano de Ação delineado pelos pastores nacionais, em 1893.

Mas, segundo *O Estandarte*,⁸ a reunião festiva de inauguração do novo Colégio foi “um solene protesto contra a maçonaria na igreja”. Essa postura é percebida, por exemplo, no discurso de A. G. Silva Rodrigues, no qual o traço da confissão anti-maçônica dos independentes pode ser localizado facilmente, o que indicava ser essa bandeira ainda fonte de emoções e entusiasmo nos presbiterianos da nova denominação. Rodrigues acreditava que esse ponto seria o diferencial do novo Seminário:⁹

“Se o Seminário Synodal [o da Rua Maranhão] prepara homens cuja missão é anunciar ao mundo que a luz da Maçonaria alumia tanto como a de Jesus, o nosso Instituto Teológico, embora humilde em seu começo, terá por tarefa preparar ministros de Jesus que anunciem a suficiência da luz que Ele trouxe ao mundo.”

Nos anos posteriores, veio, com a institucionalização do movimento independente, uma natural redução dos ânimos mais exaltados contra os sinodais.¹⁰ Em 1916, Eduardo Carlos Pereira, ao lado dos líderes presbiterianos como Erasmo Braga e Álvaro Reis, participou do Congresso do Panamá, nascendo, desse período, uma maior abertura para empreendimentos comuns a presbiterianos, independentes e metodistas. Todavia, no final dos anos 20, quando o líder de 1903, Eduardo Carlos Pereira já estava morto, começou a ficar complicado para a IPI do Brasil a manutenção de um seminário, pois eram poucos alunos e os gastos enormes.

Influenciava nessa crise a situação catastrófica da economia mundial. Até porque a base da economia brasileira era o café e a maioria das igrejas presbiterianas independentes estava radicada em zonas atingidas pela crise econômica, que explodiu a partir de 1929, com a quebra da bolsa de New York, e refletiu diretamente no Brasil, exportador de alimentos para os países do hemisfério norte. Datam dessa época os primeiros estudos de um sistema de cooperação entre o Seminário Independente de São Paulo e o Seminário Presbiteriano de Campinas.

Contudo, esses entendimentos não foram em frente, quando então apareceu a oportunidade de uma parceria, desta vez com o Seminário Evangélico do Rio de Janeiro (Seminário Unido), o qual, desde 1921, a IPI do Brasil apoiava simbolicamente. Foi então que a crise financeira levou o Sínodo da IPI a fechar o

Seminário de São Paulo e a transferir os seus alunos (Adolpho Machado Correa, Eduardo Pereira de Magalhães, Rafael Camacho e Roldão Trindade de Ávila) e o professor Alfredo Borges Teixeira para a capital federal.

O corpo docente daquele Seminário, que nasceu no início dos anos 20, fruto dos sonhos unificadores do Congresso do Panamá, de 1916, ficou assim constituído: Reitor, Alfredo Borges Teixeira (independente); Julio C. Nogueira, (presbiteriano); Alfredo Azevedo (congregacional); Epaminondas Moura (metodista); Erasmo Braga e Galdino Moreira (presbiterianos), professores convidados.¹¹

Nos anos 20, todavia, no interior da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) houve enormes disputas contra e a favor de um Seminário Unido no Rio de Janeiro. O debate todo se movimentava pressionado por forças favoráveis ou contrárias ao fechamento do Seminário de Campinas. Por outro lado, quem colocaria as mãos no bolso para o sustento de um seminário inter-denominacional? Nesse sentido, como bem mostrou Júlio Andrade Ferreira, o grande problema foi como passar de um bonito ideal para uma realidade pobre, que exigia investimentos.¹²

No decorrer do ano de 1930, houve a revolução, que levou ao poder Getúlio Vargas, enquanto no Seminário Unido, no dia 12 de novembro, se formavam Rafael Camacho e Roldão Trindade de Ávila. O ano posterior no Seminário Unido pareceu ter sido normal, apesar da Revolução Constitucionalista em São Paulo, em 9 de julho de 1932, ano em que se tornaram fortes as evidências de que a cooperação no âmbito do ensino teológico não iria muito longe. No mês de maio daquele ano, faleceu Erasmo Braga, o incentivador do projeto de cooperação; a IPB, na reunião de sua Assembléia Geral, em Alto Jequitibá, decidiu pelo fechamento do Seminário Unido e a administração pelos sínodos dos seminários daquela denominação; a IPI também tomou decisão semelhante, retirando-se daquele projeto, após a formatura daquele ano, de Adolpho Machado Correa.¹³

No ano de 1933, novamente em São Paulo, o Seminário começa a procurar espaços, pois a propriedade da Rua Visconde de Ouro Preto estava alugada para o Colégio Panamericano e o resultado do aluguel era usado na manutenção do próprio Seminário. O novo corpo docente seria formado pelos Revs. Alfredo Borges Teixeira, Lívio Teixeira, Otoniel Mota, Seth Ferraz e Vicente Themudo Lessa.

O curso começou em 7 de março na biblioteca do Rev. Lívio Teixeira, onde quatro novos alunos matriculados (João Euclides Pereira, João Rodrigues Bicas, Luís Pereira do Lago e Teófilo Calemi) começaram a receber as suas aulas. Seis meses antes, o Rev. Francisco Augusto Pereira Júnior escreveria, em *O Estandarte*, um artigo propondo o fechamento do Seminário por falta de recursos financeiros.

ros. A resposta veio do Rev. Jorge Bertolaso Stela, escrevendo que o “fechamento do Seminário impeliria as vocações ministeriais da nossa igreja para outras denominações, e isto redundaria na morte da Igreja Independente”.

A partir do Sínodo de 1934, o Seminário se instalaria novamente nas salas anexas da 1ª IPI de São Paulo, onde permaneceu até 1936, quando então ocorreu nova mudança, desta vez para a 3ª IPI de São Paulo. Todavia, o problema financeiro continuava grave e o relator da Comissão de Educação do Sínodo, Rev. Otoniel Mota,¹⁴ registrou esta patética constatação da crise endêmica:

“Há uma certa indiferença ou falta de simpatia da Igreja Independente para com a sua Faculdade de Teologia, coisa que se revela pela ausência ou pequenez das contribuições para essa instituição, mesmo quando se fazem apelos especiais. Se um crente tem 50\$000 para serem distribuídos aos fins gerais, ele dá 45\$000 para Betel e 5\$000 para a Faculdade. Tal sentimento de indiferença para com o Seminário, se realmente existe – e custa crê-lo – é contrário aos interesses vitais da Igreja Independente, contrária às suas mais nobres tradições. Cumpre desarraigá-lo, extirpá-lo”.

Em 1938, o Seminário volta para a 1ª IPI de São Paulo, porém nesse ano a IPI do Brasil iria mergulhar na famosa “crise doutrinária”, que tomaria o Seminário como alvo de críticas quanto à questão das penas eternas. Essa sucessão de problemas começou quando subiram para o Sínodo duas consultas, uma relativa à licenciatura de um aluno, Rui Gutierrez, oriundo do Seminário, que confessou diante do Presbitério ter dúvidas quanto às penas eternas e ter simpatia com a teoria do aniquilamento da alma. A outra consulta perguntava ao Sínodo: “Podem continuar no ministério de nossa igreja ministros que defendem idéias semelhantes?” O Sínodo respondeu negativamente às duas consultas, porém, o Presbitério Oeste decidiu licenciar o candidato, gerando uma reunião extraordinária do Sínodo em agosto daquele ano.

O Seminário foi atingido diretamente pelo vendaval, pois os professores engrossaram a posição liberal, que defendia a liberdade de divergência da Confissão de Fé em seus pontos secundários, no auge das discussões, apresentaram a renúncia coletiva. Segundo o Rev. Roldão Trindade de Ávila, em um testemunho dado 30 anos depois, “a queda do corpo docente foi o maior golpe sofrido pela Faculdade em toda a sua história, com prejuízos incalculáveis”.¹⁵

Como resultado da crise, melancolicamente, no final do ano letivo, se formou o único aluno da turma: Erinthos Batista de Carvalho.

O novo ano, 1939, deveria começar com novos professores nomeados pela Mesa Administrativa: Azor Etz Rodrigues e Orlando Ferraz, ambos representando a ala conservadora, mas fiel à IPI do Brasil. Porém, os dois pastores não atenderam a convocação que lhes foi feita, sendo então nomeados o Rev. Roldão Trindade de Ávila, Vicente Themudo Lessa e Francisco Augusto Pereira Júnior. Mudando-se de Sorocaba para São Paulo, onde era pastor, o Rev. Roldão alugou uma casa espaçosa na Rua Major Sertório, na qual o Seminário se instalou, em 1939, com os seus três novos alunos, que, somando-se aos veteranos, atingia a soma de nove seminaristas.

No final de 1939, morreu o Rev. Lessa. No ano seguinte, 1940, voltou ao magistério da Faculdade de Teologia, o Rev. Alfredo Borges Teixeira, afastado na crise de 1938, porém por pouco tempo, pois uma nova crise, se desenhou, produzindo muitas pressões contra a sua volta, o que o levou a renunciar ao seu cargo. Por sua vez, o Rev. Francisco Augusto Pereira Júnior seguia os conservadores, enquanto o Sínodo nomeava o Rev. Orlando Ferraz, cujas atividades durou apenas um ano.¹⁶

O Seminário, em 1941, mudou para a Rua Pelotas, onde, nos números 231 e 241, instalaram-se o internato, as salas de aulas e a biblioteca. Porém, foi preciso mandar dois alunos para Campinas (Lauro Rodrigues de Oliveira e Rubens Cintra Damião), devido à falta de espaço.

Em 1942, foram contratados dois professores da IPB: o Rev. Jílio C. Nogueira e Paulo Pernasseti. No ano seguinte, vem para o Seminário o Rev. Adolpho Machado Correa, que, ao lado do Rev. Roldão, permaneceria no Seminário até a aposentadoria de ambos, em 1968.

Em 1945, foi contratado o Rev. Walter Augusto Ermel e, no ano seguinte, o grande tema relacionado com o Seminário, debatido em *O Estandarte* foi a possibilidade da mudança do Seminário para Sorocaba, onde a IPI do Brasil havia adquirido a chácara Betel, inaugurando-se um discussão cíclica que, ao longo dos 50 anos seguintes, de vez em quando voltaria.

Em 1948, a IPI do Brasil começou a tomar medidas jurídicas para recuperar o prédio da Rua Visconde do Ouro Preto, o que aconteceria somente em 1953. Todavia, o prédio estava muito deteriorado e foi necessária uma ampla reforma, exigindo uma nova campanha nacional, sem contar que houve resistência do inquilino (Colégio Panamericano) para entregá-lo. Por esse motivo, a campanha de retomada do prédio contou até com uma “guerra psicológica” por parte dos estudantes, que estavam cansados da má situação à qual estavam submetidos nos dois sobrados da Rua Pelotas. Sobre isso, em 1964, num artigo escrito para *O Estandarte*



Edifício Eduardo Carlos Pereira, da 1ª IPI de São Paulo, que abrigou o Seminário de 1975 a 2000

arte, o Rev. Daily escreveu sobre “O Seminário dos meus dias”, no qual relata que, em maio de 1951, quando ele era um dos 18 internos na Rua Pelotas, em um local em que caberiam no máximo 12 alunos, chegou a notícia de que o Seminário iria voltar para a Rua Visconde de Ouro Preto. Foi empacotada a mudança, mas o Colégio Panamericano resistiu à entrega por mais 35 dias, quando, então, os seminaristas começaram a fazer uma pressão telefônica: “*Como é, vocês vão ou não vão desocupar isso aí. E os xingatórios vinham do outro lado da linha. Mas a consulta continuava. E assim foi durante mais 35 dias até que a esperança se tornou realidade.*”¹⁷

Porém, o “bem-estar” no novo-antigo prédio durou pouco, pois, em 11/2/1958, a Mesa Administrativa resolveu vender aquele prédio, comprar um terreno com 20.800 metros quadrados, no km 12 da Rodovia Raposo Tavares, saída para

Sorocaba, no Jardim Bonfiglioli, e ali desenvolver um projeto “definitivo” para o Seminário de São Paulo.

As aulas, com a entrega do prédio da Rua Visconde de Ouro Preto aos compradores, voltaram para as dependências da Primeira Igreja de São Paulo, agora sob o pastorado do Rev. Aretino Pereira de Matos e do Rev. Daily Resende França.¹⁸

Para construir o primeiro prédio que serviria para as aulas, biblioteca, residência do zelador, capela, refeitório e dormitório dos alunos em regime de internato, foi escolhida uma empresa de evangélicos, pertencente aos irmãos Fernandes Franco, a C.F.Franco Engenharia e Comércio.

O novo espaço foi marcado por vários eventos, desde o lançamento da pedra fundamental até as várias etapas da construção, que foi noticiada por *O Estandarte* com muita matéria e fotografias. A festa de inauguração, em 21/4/1963, atraiu muita gente das igrejas da região metropolitana de São Paulo. O jornal oficial, festivamente, registrou que a consagração do novo prédio do Seminário era uma “*materialização em cimento e ferro de velhos anseios dos nossos primeiros lutadores*”, ao lado de uma fotografia do “prédio consagrado”, acompanhado de uma frase que seria a mais importante da década: “*Seja a nossa casa de profetas um exemplo de ordem, disciplina e lealdade*”.

Ninguém poderia adivinhar naquela altura que o Seminário permaneceria naquele “prédio consagrado” e “casa definitiva do Seminário”, por apenas sete anos letivos.¹⁹ Porém, a construção não estava acabada e, nos anos posteriores, foi lançada uma campanha nacional, para dar continuidade ao planejado, quando então saiu a campo um grupo de estudantes, que cantava e pregava nas igrejas locais, liderado pelo administrador do Seminário, o Rev. Jônatas do Valle Moreira.²⁰

Entretanto, essa atividade, tão necessária para o futuro do Seminário, viria encobrir outros problemas, que marcariam o novo período, de 1963 a 1978.

2. AS CRISES DO SEMINÁRIO DE SÃO PAULO ENTRE 1963 E 1978

Os primeiros anos da década de sessenta foram marcados por um intenso debate ideológico no Brasil, provocando tensões que desaguaram no golpe militar de 1964. Porém, esse golpe foi antecedido por uma intensa luta ideológica, que sacudiu as instituições seculares e religiosas brasileiras, entre 1960 e 1964. Surgiu

daí uma polarização, que atingiu tanto as camadas médias como o proletariado urbano e rural do País, afetando em particular a população mais jovem, que ansiava por mudanças concretas na sociedade brasileira, vindo as contradições no lar, no trabalho e nas escolas. Essa tensão, também forte no interior da comunidade religiosa, gerou conflitos internos e formas de mobilização, provocando nos fiéis das várias denominações religiosas uma tomada de decisão quase sempre contra o comunismo, só esporadicamente a favor das chamadas “reformas de base”.

Nos dias que antecederam ao golpe, a Primeira IPI de São Paulo, sob a liderança de seu pastor, levou ao Presbitério de São Paulo e fez aprovar (em 18/1/64) uma moção anti-comunista endereçada ao Seminário, tido pelos autores do documento como “um foco de influência marxista”, um preconceito que alimentaria a crise de 1968.²¹ Os dizeres eram fortes e indicavam o nível da batalha ideológica que estava em andamento:

“Considerando que o Comunismo, materialista e ateu, é uma força indiscutivelmente diabólica que se insinua nas sociedades humanas apresentando-se como salvação da humanidade, garantindo a promessa de nivelamento das classes sociais e os recursos econômicos equitativamente distribuídos aos povos (...) considerando, ainda, que a malfadada ideologia do materialismo histórico, ameaça alcançar, já agora, as próprias igrejas evangélicas e a *nossa Faculdade de Teologia (...)* Resolve: *Hipotecar a essa Colenda Congregação [de professores do Seminário] seu irrestrito apoio a todas as medidas que forem tomadas com o fim altamente cristão, de imunizar a nossa Escola de Profetas contra a contaminação do veneno satânico da tremenda doutrina marxista*” (os grifos são nossos).

É claro que esse conflito entre estudantes da Faculdade de Teologia e as autoridades da igreja já permeava as discussões desde o início dos anos 60. Escritos de seminaristas em *O Estandarte* (entre eles os de: Moysés Campos de Aguiar Neto, vítima de cassação disfarçada por parte do Presbitério Leste, em 1966; Gabriel Afonso Pita; Roberto Vicente Cruz Themudo Lessa; Humberto Carlos Parro; Eduardo Carlos Pereira e outros ex-alunos do Seminário) eram objeto de implacável crítica por parte de pastores da igreja, às vezes no próprio jornal. Nesse sentido, o editorial de 15/3/64, às vésperas do golpe militar de 1964, sobre o “princípio de autoridade”, condenava a contestação das autoridades legítimas da igreja como uma grave tendência para o anarquismo, mostrando que isso era um sinal claro de que, na IPI do Brasil, a quebra da autoridade do Supremo Concílio e de seu representante legal, a Mesa Administrativa, não iria ser tolerada.

É importante observar que, mesmo após a implantação do regime militar, até 1972, quando aconteceu uma segunda crise no Seminário de São Paulo, esses argumentos foram insistentemente repetidos nos documentos oficiais da igreja, inclusive na crise final que deu origem a Igreja Presbiteriana Independente Renovada. Para uma melhor compreensão desse período curto, mas rico de eventos, vamos dividi-lo em partes:

3. A CRISE DO SEMINÁRIO DE SÃO PAULO DE 1968

A Faculdade de Teologia de São Paulo, então o único centro de formação teológica de pastores da IPI do Brasil, já experimentava sinais de um confronto entre professores, autoridades eclesiásticas e jovens seminaristas, desde o início dos anos 60. Essas escaramuças levaram à demissão do Reitor e do Deão da Faculdade, em 1966, respectivamente os Revs. Wilson Guedelha e Ciro Machado, e à substituição deles pelo Rev. Rubem Cintra Damião (Reitor) e Rev. Abival Pires da Silveira (Deão).

A crise maior, porém, estava por vir e chegaria no bojo da crise estudantil dos anos 1967-68, quando, em junho de 68, os estudantes se recusaram a prestar exames no meio de ano, foram todos expulsos e o Seminário ficou fechado por 45 dias, reabrindo em agosto, após o corpo discente ter sido depurado pela diretoria e por seus concílios de origem. Essa crise foi desencadeada quando os estudantes, durante os meses de abril, maio e junho, realizaram reuniões do Centro Acadêmico Eduardo Carlos Pereira e elaboraram uma crítica pormenorizada a cada disciplina e professor, propondo reuniões com a diretoria para um diálogo que produzisse reformas.

Os alunos, no entanto, interpretavam as solenes advertências, feitas no culto especial realizado na 1ª IPI de São Paulo, em 21 de abril, aniversário do Seminário, pelo Dr. Célio de Melo Almada, presidente da Fundação Eduardo Carlos Pereira, como a palavra de um compreensivo pai, que eventualmente poderia suportar alguns desaforos de seus filhos. No entanto, a despeito de suas palavras realistas de que alguma reforma era necessária para que o Seminário atingisse os seus fins, Dr. Célio, juiz de direito aposentado, sempre foi um homem da legalidade e, nesse sentido, se expressou em sua mensagem:

“Muitos de nossos jovens e dentre eles muitos dos próprios seminaristas estão contaminados desta esperança vã, que o Estado resolva todos os problemas sociais e que a Igreja desça de sua dignidade, para empunhar a bandeira das reformas políticas e sociais (...). [Também acrescentava o ilustre Presidente, numa palavra à IPI]: “não estamos abandonando moral e materialmente uma instituição tão cara ao nosso passado? Que Igreja é esta que não cuida da educação condigna dos vocacionados para o Santo ministério?”

O discurso do Dr. Célio, infelizmente, não ajudou a desarmar os ânimos agitados de ambas as partes. Havia, por outro lado, a influência que os alunos traziam de ambientes estranhos ao Seminário, *a fortiori* do meio acadêmico, e as atitudes deles expressavam o espírito da época, visto que alguns deles participavam do movimento estudantil universitário, com suas passeatas e assembléias, eventos liderados pela UNE (União Nacional de Estudantes) ou outras entidades congêneres. Vários seminaristas eram alunos da USP (Universidade de São Paulo), onde faziam cursos nas áreas de humanas ou de letras. Mesmo assim, o diálogo entre as partes, alunos e professores do Seminário, prosperava, até que o questionamento atingiu as disciplinas do Rev. Daily, quando então as reuniões foram suspensas, o representante dos alunos não mais convocado e a Congregação passou a realizar as suas reuniões na 1ª IPI de São Paulo e não mais na sede do Seminário, situado no km 12, da rodovia Raposo Tavares.²²

Depois de três meses de um diálogo de surdos, a situação caminhava para



Rev. Antonio Gouvêa Mendonça preside cerimônia de formatura do Seminário na 1ª IPI de São Paulo

um beco sem muitas saídas. O próprio Deão do Seminário, o Rev. Abival, participou de várias reuniões dos alunos, sendo recebido como amigo pelos estudantes, enquanto era considerado pelos professores como um representante do corpo docente com um papel importante na busca de um diálogo e de negociação com os alunos. No entanto, em uma das últimas reuniões do Centro Acadêmico, os alunos foram alertados pelo Deão de que a situação caminhava para um impasse. Rompido o diálogo (segundo os alunos, pelos professores; do ponto de vista destes últimos, pelos alunos), os seminaristas decidiram não se submeter às provas no final do semestre. Os alunos temiam que um massacre iria acontecer nas provas, pois corria o boato de que o Rev. Daily dizia que, nas provas, os alunos iriam saber “quem era quem no Seminário”. Para isso os alunos encaminharam uma declaração à Congregação em que, depois de lamentarem o clima de “desconfiança e suspeita”, declaravam-se em estado de rebeldia:²³

“Para os alunos, num clima dessa natureza, inexistem condições de preparar-se e apresentar-se aos exames já marcados (...) são obrigados, pesarosamente, a comunicar-lhes que não comparecerão aos exames do mês de junho e que aguardarão o restabelecimento de clima favorável à normalização do ambiente para o prosseguimento do curso e a abertura do diálogo sério, que vem sendo solicitado, e que já teria solucionado o problema.”

Essa era a peça que faltava para uma reação fulminante da Congregação que, dois dias após, publicou uma “*Comunicação*” seguida de cinco considerandos, redigidos após um pequeno histórico da situação, contendo uma deliberação “firme e necessária”, na visão das autoridades eclesiásticas, mas “violenta e pouco cristã”, do ponto de vista dos alunos:

“Considerando que a última atitude assumida pelos alunos desta Faculdade, ao assinarem um documento no qual declaram que não comparecerão as provas parciais de junho, já devidamente marcadas, *caracteriza uma rebelião*; que essa atitude é agravada pelas manifestações antecedentes, através de outros documentos, bem como pela imposição de condições para o prosseguimento do curso; *que, em um Seminário Evangélico, é inadmissível tal atitude, reprovável até em escolas seculares (...)* que *qualquer orientação e deliberação sobre as atividades escolares desta Faculdade são de alçada exclusiva da Congregação*, nos termos do Regimento Interno, *não cabendo ao corpo discente ditar normas de conduta, nem impor*

condições; delibera excluir todos os alunos que assinaram a mencionada declaração, nos termos do artigo 53, inciso IV, do Regimento Interno. A presente deliberação não elide a possibilidade de reexame de casos particulares, a critério desta Congregação, mediante entendimento com os concílios da IPIB. As atividades escolares continuarão normalmente, com o prosseguimento dos exames, aos quais poderão comparecer os alunos que não assinaram o referido documento. Os alunos ora excluídos deverão desocupar seus alojamentos até o último dia do corrente mês. a) Rubens Cintra Damião, pela Congregação” (os grifos são nossos).²⁴

A crise maior chegaria no bojo da crise estudantil dos anos 1967-68, quando os estudantes se recusaram a prestar exames no meio do ano, foram todos expulsos e o Seminário ficou fechado por 45 dias

No entanto, o “*Comunicado da Congregação*”, como uma peça típica da retórica guerreira, não deixou claro certas coisas, até para melhorar a sua capacidade de persuasão junto aos concílios da IPI do Brasil, que deveriam dar aval ao que fora decidido pelos professores. Primeiro: o clima de rebeldia foi artificialmente conduzido ou no mínimo exacerbado pelo Rev. Daily, cuja reputação de professor foi duramente atingida na crítica feita pelos alunos das disciplinas por ele ministradas. Segundo: a atitude e atos dos alunos foram identificados como “rebeldia” tal como eram consideradas todas as atitudes dos estudantes universitários no mundo todo, naquele ano de 1968. Terceiro: o documento prometia a continuidade das atividades escolares para os “demais alunos”, sem permitir ao leitor concluir que não havia alunos para que a Faculdade de Teologia continuasse funcionando, até porque, somente um aluno, candidato ao ministério da IPB, não quis assinar o documento, alegando que isso era um problema interno da IPI, no qual ele preferia não se envolver. Quarto: tudo o que aconteceu foi inscrito dentro de um cenário internacional, versão ideológica que jamais teve qualquer comprovação no que se refere aos seminários teológicos brasileiros.

É claro que era verdade que os alunos participavam de passeatas estudantis, que o presidente do Centro Acadêmico, Guilherme Breder, um engenheiro agrônomo e antigo estudante do Seminário do Centenário, da IPB, fora um ativista de grupos que, ideologicamente, davam apoio ao então deputado federal Leonel Brisola e que, por ter levado um grupo de lavradores para participar do último comício feito por Jango Goulart, antes do golpe de 1964, foi processado no Rio de

Janeiro e regularmente tinha de comparecer à Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo para assinar um livro, por determinação de um juiz, que o condenou no Rio de Janeiro.

Porém, todos aqueles que eram estudantes na Faculdade de Teologia da IPI naqueles dias, são testemunhas de que tanto Breder, o presidente do Centro Acadêmico, como o representante dos alunos, Gezer Pires de Camargo, neto de um dos fundadores da IPI do Brasil, foram os que mais tentaram segurar alguns poucos que tinham tendências radicais no grupo de estudantes.

Porém, quase todos eram o que hoje se pode considerar “jovens festivos” e “inofensivos”, que, no auge da adolescência, pensavam poder mudar o mundo e os rumos da história. Teriam os professores, sob a liderança do Rev. Daily, se envolvidos com as obsessões do regime militar, criando e localizando inimigos de tudo e de todos aonde eles não existiam? De uma coisa é certa, ao historiador cabe não somente descrever, interpretar, mas também julgar os fatos, sendo, por isso mesmo, a sua tarefa cheia de armadilhas, pois há um enorme risco de se interpretar erradamente o passado e de se praticar injustiça com aqueles que ficaram no passado e hoje não estão mais vivos para explicar ou se redimir do que a eles se imputa.

Afixado no edital do Seminário o ato de expulsão de todos os alunos, no mesmo dia os alunos encaminharam uma nova declaração às autoridades da Faculdade de Teologia, reafirmando a decisão tomada, mas reformulando a linguagem, que parecia arrogante no início da crise, mas que agora aparentava humildade e obediência, dando a entender que aceitavam continuar a batalha nas instâncias eclesiásticas superiores.²⁵ Assim, os alunos declaravam acatar

“a decisão emanada da Egrégia Congregação do Seminário, demonstrando a obediência que lhe é pertinente, colocando nas mãos de Deus e das autoridades eclesiásticas o encaminhamento da solução de seus propósitos. Declaram outrossim que todos se retirarão das dependências desta Casa até o dia trinta de junho, conforme prazo estabelecido, solicitando apenas tempo maior para carregarem os seus pertencentes.”

Vencido o prazo para desocupar o prédio, os alunos se espalharam, cada um para a sua casa fora de São Paulo. Mas os que trabalhavam foram acolhidos em casa de crentes da cidade. Por exemplo, o casal Marta del Nero e David Ribeiro, em viagem prolongada pelo exterior, à revelia de seu pastor, acolheu em sua casa cerca de seis estudantes. No mês de agosto, os ex-seminaristas que não conseguiram retornar ao seminário se organizaram na forma de uma república, no próprio bairro do Jardim Bonfiglioli, a 200 metros do prédio do Seminário. Ali

alguns, como o então estudante Leontino Farias dos Santos, continuaram a luta até serem recebidos de volta.

Foi então que Leontino precisou se deslocar para o nordeste de avião, num final de semana, para atender uma das últimas exigências colocadas pela direção do Seminário para a sua volta, pois queriam uma carta de seu Presbitério de origem dando-lhe novas referências. A surpresa da direção, ao receber na segunda-feira uma carta solicitada na sexta-feira, foi de espanto, pois aparentemente não se esperava e, segundo o então estudante, nem se desejava a volta dele. O Rev. Leontino tornou-se, anos mais tarde, o Presidente da Assembléia Geral da IPI do Brasil (1999-2003). Cabe ressaltar que um presbítero da 1ª IPI, então patrão do estudante, condoído pela sua situação colocou as mãos no seu próprio bolso e pagou a viagem ao nordeste, a fim de que o jovem buscasse a carta de seu Presbitério. Um outro estudante, seu colega, se dirigiu ao interior do Estado de São Paulo, para apanhar uma outra carta, que desmentisse calúnias levantadas contra o amigo em uma igreja onde ele havia trabalhado nas férias. O mês de setembro já se encaminhava para o fim.

Esse foi o clima que cercou a volta e a “tranqüila retomada das aulas” nos meses de agosto e setembro, um período agitado para os alunos, que foram considerados em “condições de voltar a estudar”, isto porque, um grupo deles, especialmente os líderes e os presbiterianos, foi avisado que não seria re-matriculado de forma alguma.²⁶

A maior parte dos prejudicados foi a de alunos vindos da IPB, pois a discussão entre a Congregação e as autoridades eclesiásticas se daria apenas com os concílios da IPI. Sendo assim, do grupo de 27 alunos excluídos, oito deles não retornaram em agosto, sendo desses oito, a metade pertencentes à IPB.²⁷ Os que



Revs. Isaar Carlos de Camargo, Antonio Gouvêa de Mendonça e Gerson Correia de Lacerda, 1976, na sala dos professores do Seminário de São Paulo

fizeram a matrícula no semestre seguinte tiveram de assinar um “termo de compromisso” no qual declaravam:

“Comprometo-me a submeter-me em tudo às disposições do Regimento Interno desta Faculdade e a todas as decisões de sua Congregação (...); a acatar todas as deliberações dos Concílios da IPIB; a não fazer nenhum pronunciamento que contrarie qualquer deliberação dos Concílios desta Igreja, ou que se oponha à sua orientação doutrinária; a ter sempre o devido respeito para com a Bíblia, a Palavra de Deus; a cultivar sempre uma vida de pureza e piedade, como convém a um candidato ao Ministério Sagrado, e a freqüentar assiduamente os serviços religiosos realizados neste Seminário; a respeitar devidamente as autoridades eclesiásticas a que estou sujeito, bem como ao corpo docente desta Faculdade; a zelar pelo nome da IPIB e desta Faculdade. Estou ciente de que a quebra de qualquer um dos compromissos acima importará no cancelamento de minha matrícula nesta Faculdade, independentemente de qualquer processo disciplinar.”

Novamente o documento dos professores, que os alunos foram forçados a assinar caso quisessem voltar para o Seminário, estava cheio de verdades, porém misturadas com insinuações outras em suas entrelinhas. Todavia, os alunos não



Revs. Gerson Correia de Lacerda e Leontino Farias dos Santos, deão e diretor: Formatura da Turma de 1982, no templo da 1ª IPI de São Paulo

apelaram da decisão de 20/6/68 para ninguém, pois a Fundação Eduardo Carlos Pereira, apesar de ser então presidida pelo imparcial presbítero e juiz de direito aposentado, Dr. Célio de Mello Almada, era composta pelos mesmos integrantes da Congregação, que, por sua vez também eram membros da Mesa Administrativa e representavam os seus respectivos presbitérios no Supremo Concílio da denominação. Os estudantes perceberam a inutilidade de uma reação junto às estruturas da igreja. Por isso mesmo, o veredicto publicado em *O Estandarte* passou à opinião pública da denominação apenas a versão dos professores.²⁸

No final de 1965, a solenidade de formatura foi cancelada pela direção da Faculdade. Desde 1905, talvez aquele tenha sido um dos poucos anos, quem sabe o único, em que não houve formatura na Faculdade de Teologia da IPI do Brasil.

No final do mês de julho, houve uma assembléia de todos os alunos, numa sala de aulas de uma escola estadual nas proximidades, quanto então se decidiu pela volta ao Seminário de todos os que pudessem e fossem aceitos, continuando assim a luta estudantil ali dentro pela melhora das condições acadêmicas do Seminário. Obviamente, os mais radicais contra essa volta estratégica foram alguns que, já se sabia, que não seriam mais aceitos em hipótese alguma. Porém, líderes que sabiam deste então que não seriam aceitos de volta ao Seminário, tais como o presidente do Centro Acadêmico e o representante dos alunos junto à Congregação, procuraram, num gesto de grandeza, incentivar os colegas a continuarem os seus estudos.

O número de meados de julho do jornal oficial da igreja trazia publicado o “*Manifesto da Faculdade de Teologia*”. Antes, apresentou uma manifestação oficial do jornal, em um editorial, onde se registrou o seguinte, introduzindo o documento dos professores:

“Os dias que atravessamos se caracterizam pelo espírito de rebeldia, principalmente por parte da juventude estudantil (...) cremos que a nossa juventude, idealista e inexperiente, está sendo usada, na verdade, por líderes esquerdistas, que se aproveitam do entusiasmo dos jovens e das falhas realmente existentes nas organizações atacadas, para difundirem suas idéias revolucionárias (...).”

A seguir, o articulista, citava, para apoiar o seu argumento, um discurso de 28/6/68, do presidente Costa e Silva: “A mocidade brasileira está servindo de biombo para homens sem escrúpulos”. A partir dessa citação, o articulista seguia

criticando expressões dos alunos do Seminário por quererem um “clima de universidade”, com “livre ventilação de idéias”, sem “o policiamento intelectual” das autoridades da igreja, justamente em um Seminário Teológico, local destinado ao preparo de pastores para o exercício do ministério na IPI do Brasil.

No final daquele ano, os alunos do quinto ano planejaram a formatura e convidaram o Rev. Jorge Bertolaso Stela para paraninfo, que chegou até a preparar o seu discurso, porém, a solenidade foi cancelada pela direção da Faculdade. Desde 1905, talvez aquele tenha sido um dos poucos anos, quem sabe o único, em que não houve formatura na Faculdade de Teologia da IPI do Brasil. O Brasil, por sua vez, desde o dia 13 de dezembro, vivia sob a égide do Ato Institucional nº 5, o qual institucionalizou a ditadura militar no País.

Poucos nos presbitérios assumiram e defenderam a posição dos estudantes. A maioria aceitou e acatou a versão dos integrantes da Congregação. Essa posição mais conservadora apareceu na forma de um editorial assinado no jornal oficial da Igreja, pelo Rev. Álvaro Simões, conhecido conservador, braço direito do Rev. Seth Ferraz, na Terceira IPI de São Paulo:²⁹

“A Igreja angustiada, volta os seus olhares de aflição para a Faculdade de Teologia e pergunta – Será verdade, tudo o que se fala e se comenta sobre a nossa Casa de Profetas? (...) O diabo e a maldade vem aumentando assustadoramente os problemas da Faculdade (...) que sempre viveu em crise. Pode até ser chamada de um ‘Seminário em Crise’ (...) não concordamos com a infeliz idéia de que a ‘Faculdade deve preparar ministros para o mundo’ como alguém [Rev. Abival] afirmou no Supremo Concílio, mas cremos que ela deve formar ministros para a Igreja, capazes de, corajosamente, ‘enfrentar o mundo’(...) os professores (...) que lá ainda estão enfrentando a borrasca (...) não devem pensar que, por causa de aluno sem vocação e sem senso de responsabilidade e disciplina, a igreja os venha colocar no ostracismo (...) os que levados por influências malsãs, dos profissionais de agitação, alunos ou não, jogaram por terra o prestígio de nossa Faculdade de Teologia. As modificações que se exigem como fruto de uma época em rápidas transformações, justas e aceitáveis, não autorizam a quem quer que seja, aluno ou não, a fazer baderna e confusão. As decisões tomadas pela Congregação e Fundação foram consideradas corajosas e devem merecer os aplausos de toda a Igreja (...)”.

Após um ano desses acontecimentos, o terreno e o prédio do Seminário



Revs. Leontino Farias dos Santos, Elizeu Rodrigues Cremm, Gerson Correia de Lacerda e Tiago Escobar, na mudança para a sede do Seminário na rua Genebra, em 2000

foram vendidos, antes mesmo que os planos de construção, paralisados no início da década, fossem concretizados. A transação imobiliária, até hoje pouco conhecida, compreendida e aceita por muitas pessoas que viveram aquele período, se envolveu em dúvidas. Um dos motivos dessa falta de aceitação foi que o projeto ainda estava sendo construído e pouco menos de sete anos tinham se passado desde a festiva inauguração provisória e o lançamento de uma Campanha Nacional, que fora desencadeada justamente para o término da construção do Seminário.

Por outro lado, a venda dos imóveis do Seminário, decidida pelo Rev. Daily, com o apoio da Mesa Administrativa, Supremo Concílio e Fundação Eduardo Carlos Pereira, parecia para muitos resultar de uma euforia com rendimentos em fundos de investimentos, uma ilusão da época ligada ao famoso “milagre brasileiro”. Em abril de 1970, o Rev. Daily informava à igreja que foram vendidos os 14 mil metros quadrados por 450 mil cruzeiros novos, sendo 150 de entrada e o restante em 30 parcelas de 10 mil. O velho casarão da Rua Artur Prado (onde o Seminário funcionou de 1970 a 1975) foi comprado por 362 mil, com 170 mil de entrada e 24 parcelas de oito mil.

O presbítero Antônio Monteiro da Cruz, da 1ª IPI de São Paulo, também participante do mercado de imóveis daquela capital, registrou em nome dos membros da Comissão nomeada para a realização do negócio o seguinte: *“Em meu nome e de meus companheiros, dou graças a Deus pelo fato de nos ter permitido realizar para a IPI um dos melhores investimentos de capital. O futuro o dirá (...).”*³⁰

Infelizmente, o futuro vivido pela IPI nos 30 anos seguintes desmentiu as boas intenções do prezado presbítero e de seus companheiros. Cabe também aqui

ressaltar que, com a morte trágica do Rev. Daily, em um acidente automobilístico em 1971, o desaparecimento do dinheiro resultante da venda do prédio para AEB (Associação Evangélica Beneficente), aplicado em fundos de investimentos, ficou sem as devidas explicações para a igreja que financiou a formação desse precioso capital. Por má administração ou descuido de todos os que detinham a autoridade eclesiástica naquele momento ou por uma circunstância de mercado, alheia às boas intenções, desapareceu nos ralos de uma economia imprevisível imposta pelo regime militar.³¹

4. A CRISE DO SEMINÁRIO DE SÃO PAULO DE 1972

Quatro anos após os eventos de 1968, reapareceram os problemas causados pela crise anterior, agora no casarão da Rua Artur Prado. O contexto administrativo da igreja agora era outro, pois sua administração estava nas mãos do Rev. José Coelho Ferraz, que acumulava as funções de secretário executivo da Confederação Evangélica do Brasil, então em fase de extinção. O maior problema da IPI do Brasil, como denominação naquele momento, era a crise provocada pela renovação espiritual, que deu origem, em 1972, à Igreja Presbiteriana Independente Renovada, que depois se uniu a grupos dissidentes da IPB, da Igreja Cristã Presbiteriana e deu origem a Igreja Presbiteriana Renovada.³²

Na direção do Seminário, continuavam os mesmos professores de antes. Porém, no corpo docente havia mudanças. O Rev. Gordon Shaw abandonou a IPI do Brasil e debandou para o lado renovado; o Rev. Adolpho Machado Correa se aposentou, em 1968, e, em 1969, o Rev. Roldão Trindade de Ávila. Ambos, desde o início dos anos 40, trabalhavam no Seminário. Os Revs. Antonio Gouvêa Mendonça e Milton dos Santos passaram a dar aulas no Seminário, no início dos anos 70. Porém, continuavam alguns veteranos, como o Rev. Rubem Cintra Damião (Reitor), Rev. Abival Pires da Silveira (Deão), e os Revs. Paulo Cintra Damião, Jair Ribeiro de Melo, Wilson Guedelha e Isaar Carlos de Camargo.

A eleição do Rev. Ferraz, em janeiro de 1972, se deu dentro de um contexto em que se suspirava por um líder forte para colocar “ordem na casa”. Havia um anseio por disciplina e ordem e os “avivados” eram considerados os responsáveis pela desordem interna. No Paraná, a ofensiva renovada havia conseguido tirar do Instituto Bíblico João Calvino o Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, quando então



Celebração do Centenário do Seminário de São Paulo, na Catedral Evangélica de São Paulo: Revs. Gerson Correia de Lacerda, Sérgio Paulo de Almeida, Assir Pereira, Leonildo Silveira Campos e Leontino Farias dos Santos

aquela escola assumiu o nome de Instituto Bíblico de Arapongas, sob a direção do Rev. Palmiro de Andrade.³³

Em janeiro de 1975, com a união entre a Igreja Presbiteriana Independente Renovada e a Igreja Cristã Presbiteriana, que já tinha o seu Seminário em Cianorte, PR, desde 1965, o Instituto de Arapongas foi fechado e os seus alunos transferidos para lá. Surgia assim o Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana Renovada, o principal centro de formação bíblico-teológico da nova denominação calvinista de feição pentecostal.³⁴

Em São Paulo os problemas eram outros, embora os mesmos que haviam provocado, em 1968, a crise anterior. Isto porque eram problemas que ainda estavam intocados, até que, em 1972, uma nova crise provocou a suspensão de alunos por 15 dias, no bojo de uma crise de descrédito que envolvia, inclusive, a circulação de cartas anônimas por toda a IPI do Brasil, denunciando o abandono administrativo e docente do Seminário por parte das autoridades da igreja.³⁵

Naquele ano de 1972, no Seminário de São Paulo, ao lado da crise denunciada pelos estudantes, havia também problemas de ordem administrativa, envolvendo inclusive a situação financeira da igreja nacional. Naquela época, o salário dos professores e dos funcionários da Casa chegou a sofrer um atraso de até oito meses. O bedel e zelador do Seminário, José Borges de Andrade (tio Zé), para poder casar a sua única filha, precisou fazer empréstimos e receber contribuições até de alunos que trabalhavam em bancos para se sustentar, entre eles o Banco do Bahia, aberto à contratação de seminaristas pelo Rev. Eliseu Vieira Gonçalves desde os tempos em que operava com o nome Banco Cruzeiro do Sul, por um presbítero do Ipiranga, Jordão Mendes da Silveira.

No auge da crise, os alunos apelaram para o novo presidente do Supremo Concílio, Rev. José Coelho Ferraz, cuja plataforma, antes da eleição, prometia resolver o “caso do Seminário”. A ele entregaram um documento pedindo providências, mas imediatamente o documento foi encaminhado ao Reitor, Rev. Rubens Cintra Damião, com a seguinte observação, por ele relatada posteriormente: “Esses alunos são desobedientes e estão contra a ordem legal de nossa igreja; são subversivos, portanto, e como tal devem ser tratados”.

Constatada a inutilidade de se esperar alguma ação por parte do então presidente do Supremo Concílio, alguns alunos colocaram no quadro de avisos, coberto por um vidro e com um pequeno cadeado (cuja chave foi jogada fora), uma longa denúncia contra a situação de abandono e desorganização que, segundo eles, o Seminário estava vivendo.³⁶ Esse estado de coisas, considerado desorganizado pelos alunos, não era assim percebido pelo então Reitor, que inclusive levava para casa montanhas de fichas dos alunos para poder datilografar pedidos de históricos, inclusive para o curso de Filosofia de Mogi das Cruzes, onde dezenas de pastores da IPI do Brasil complementaram os seus estudos. O atendimento do Reitor era pessoal e esforçado, mas faltava-lhe uma secretária que lhe desse o apoio necessário.

Quanto à qualidade do ensino, a despeito da carta anônima que circulou, em 1972 era bem melhor do que a que havia em 1968. Mesmo assim, os estudantes ainda centravam fogo nas críticas a alguns docentes, situação essa que provocaria uma nova crise alguns anos depois, em 1979. A crise da secretaria, que era “carregada solitariamente nas costas pelo Sr. Reitor”, o qual era obrigado a fazer tudo para não deixar a situação piorar, somente foi resolvida com a contratação, após a mudança do Seminário para o prédio da Primeira Igreja de São Paulo, em 1976, agora sob a reitoria do Rev. Antonio Gouvêa Mendonça, de Isva Xavier, esposa do Rev. Josué Xavier, que fora anteriormente secretária do Instituto José Manuel da Conceição, em Jandira.

A reação do Reitor e da Congregação diante da “violação” do quadro de avisos pelos alunos foi menos truculenta que a de 1968, mas em 19/5/72 saiu o ato de suspensão de 18 alunos, convocando-se para serem ouvidos outros seis, que aparentemente nunca o foram, pois estavam ausentes das aulas havia semanas. Um pequeno número de alunos, para evitar a penalidade, assinou o documento exigido pela Congregação.³⁷ A acusação aos alunos foi a de terem demonstrado solidariedade com aqueles que teriam violado o quadro de avisos e que “*não tiveram a dignidade de se identificarem no prazo fixado*” e por terem se recusado a assinar um documento exigido pela Congregação nos seguintes

termos: “*Não concordo com a atitude tomada por alguns alunos desta Faculdade, que afixaram um documento anônimo no quadro oficial de avisos deste Seminário*”. Na verdade, independentemente da legalidade ou não da violação do quadro de avisos, todos os alunos concordavam em gênero, número e grau com o conteúdo da denúncia exposta publicamente naquele momento.

Em 20 de maio, os alunos enviaram documento pedindo o reexame da decisão e das declarações de cada um “a fim de que se evitem mal-entendidos e culpabilidades imerecidas”, insistindo que “não estamos nos recusando a aceitar a decisão da Congregação nos suspendendo, à qual nos submetemos humildemente, mas recusamos a interpretação dada às nossas declarações”.³⁸ Esse documento jamais foi respondido pela Congregação e o livro de atas desse período de crise do Seminário desapareceu nas mãos do então secretário da Congregação, Rev. Isaar Carlos de Camargo, reaparecendo anos depois, aparentemente um outro livro, em que todo esse período de conflitos simplesmente foi omitido.

No ano seguinte, 1973, o Rev. Abival renunciou à função de professor no Seminário e, em 1975, por questão de saúde, o Rev. Rubens Cintra Damião também deixou o cargo de reitor. Foram então nomeados os Revs. Antonio Gouvêa Mendonça (Reitor) e Josué Xavier (Deão).

Foi nessa época que o Seminário se mudou para o edifício Eduardo Carlos Pereira, ao lado da Primeira Igreja de São Paulo, marcando o fim do sistema de internato.³⁹ No novo endereço, na Rua Nestor Pestana, ocupando dois andares daquele prédio, o Seminário passou a pagar um aluguel simbólico, na forma de despesas de condomínio, para a 1ª IPI de São Paulo, até o ano 2000, quando a Fundação Eduardo Carlos Pereira, que já havia comprado um prédio para acolher os seminários de Londrina e de Fortaleza, comprou um outro para o Seminário de São Paulo, na rua Genebra, 180.⁴⁰

5. A CRISE DO SEMINÁRIO DE SÃO PAULO DE 1978

O período iniciado em 1975, com a posse do Rev. Mendonça, o fim do internato e a mudança para o prédio da 1ª IPI de São Paulo foi marcado, logo em seus três primeiros anos, por uma nova crise, desta vez envolvendo a demissão de quatro professores pela Fundação Eduardo Carlos Pereira (Rubens Cintra Damião, Isaar Carlos de Camargo, Wilson Guedelha e Jair Ribeiro de Melo), a renúncia do Reitor (final do primeiro semestre de 1978), a intervenção da Mesa Administrati-

va e do Supremo Concílio no Seminário.

A demissão dos professores, determinada pela Fundação, ocorreu após um período de atrito entre eles e o Reitor, que procurava implantar uma reforma interna, o que exigiria, segundo o Rev. Mendonça, “*coisas tão prosaicas como preparar o programa de curso, entregá-lo na secretaria e implementar em classe com seus alunos esses programas de ensino, como seria normal em qualquer escola séria*”. A tentativa do Reitor de regularizar essa situação esbarrava, segundo ele, na oposição deliberada daqueles professores. Porém, a direção do Seminário tinha total respaldo da Fundação, conforme demonstram documentos da época.⁴¹

Porém, uma vez decidida a demissão, os quatro professores apelaram para a Mesa Administrativa, que determinou a imediata reintegração deles em 12/8/78. Ora, tão logo decidida a reintegração, o Reitor substituto sentiu-se desprestigiado, quando dois dias depois, enquanto a Fundação se reunia no prédio em que o Seminário funcionava, dois dos professores com a reintegração garantida pela Mesa Administrativa tentaram reassumir as suas aulas. Essa tentativa levou o novo Reitor temporário, no mesmo momento, a se dirigir e interromper a reunião da Fundação, perguntando pelas providências que deveriam ser tomadas no caso, pois os professores estavam em classe reassumindo as suas aulas. Imediatamente, a Fundação determinou a suspensão temporária das atividades do Seminário, até que a situação, agora um conflito de poderes, fosse resolvida pelo Supremo Concílio, convocado para se reunir extraordinariamente no início de setembro.⁴² Os estudantes, curiosamente, invertendo a situação de 10 anos antes, agora participavam do episódio por meio de um abaixo assinado, pedindo seriedade de todos, amor à igreja e espírito cristão por parte das autoridades eclesiais envolvidas.

A anulação da demissão dos professores e a convocação extraordinária do Supremo Concílio, pela Mesa Administrativa, trazia à luz um conflito maior que pairava no ar desde a reunião do Supremo Concílio de Campinas, quando se colocou em discussão a questão financeira da igreja, que, desde a morte do Rev. Daily, exigia alguns esclarecimentos ou, segundo outros, uma certa correção nos seus rumos. No entanto, como ocorre em todas as crises, a de 1978 trouxe ao conhecimento de todos a existência de um conflito que não mais poderia ser deixado de lado, entre o Seminário, Fundação e Supremo Concílio.

Porém, ao lado desses problemas havia um outro relacionado com uma multa aplicada pelo INPS ao Seminário, por falta de recolhimento das contribuições àquele instituto previdenciário, desde que os professores se tornaram registrados, não como pastores, mas como professores. Na crise do Seminário de

1978 havia, portanto, além dos dois ingredientes mencionados (o rompimento do equilíbrio de poderes entre as várias instâncias e aplicação de multas), a necessária rediscussão das relações entre a Fundação Eduardo Carlos Pereira, submetida como todas as fundações à Curadoria de Fundações do Ministério Público, e a educação teológica da IPI do Brasil.

Na crise do Seminário de 1978, havia a necessidade de rediscussão das relações entre a Fundação Eduardo Carlos Pereira e a educação teológica da IPI do Brasil

Porém, o que deveria ajudar na solução dos problemas se tornou mais um elemento complicador na prática, pois o então presidente da Fundação, Rev. Laudelino de Abreu Alvarenga era um juiz de direito, assim como o antigo presidente da Fundação, Presb. Célio de Melo Almada, também era juiz de direito, enquanto os Revs. Rubens Cintra Damião e Isaar Carlos de Camargo atuavam na Procuradoria do Estado de São Paulo. Nesse sentido, foi até irônico o fato dos estudantes intervirem no episódio pedindo mais amor, caridade e seriedade nas decisões a serem tomadas, para que a luta pelo poder não implicasse em prejuízos para a igreja. Invertiam-se agora as condições da crise de 1968, quando aos alunos restou apenas o papel de vítimas. Agora eles se julgavam “conselheiros” pedindo “prudência” e “amor” nas decisões a serem tomadas pelas autoridades do Supremo Concílio.

Porém, a maior consequência da crise, agravada em junho com a renúncia do Reitor, foram os atos posteriores, tal como a demissão dos professores mais antigos pela Fundação, o que provocou um abalo enorme nas relações de poder na cúpula dirigente da Igreja. Isto ocorreu até porque os professores demitidos possuíam um enorme poder na Mesa Administrativa do Supremo Concílio, que se reuniu novamente para decidir sobre assuntos que diziam respeito a alguns de seus pares. Não se pode esquecer que a eleição do Rev. José Coelho Ferraz e a criação de seu carisma como “o homem capaz de resolver a questão do pentecostalismo na igreja”, que resultou na cisão dos renovados em 1972, dando origem à Igreja Presbiteriana Independente Renovada, depois com a unificação grupo com a Igreja Cristã Presbiteriana na nova denominação Igreja Presbiteriana Renovada, pouco ajudaram na solução da crise do Seminário. Até porque, alegando enfermidade, o Rev. Ferraz se ausentou das reuniões decisivas e a condução dos trabalhos foi entregue ao vice-presidente, Rev. Lutero Cintra Damião.

O contexto das lutas e da crise do Seminário de 1978 pode ser melhor apreciado por meio de um exame do documento datado de 9/9/78, assinado por Laudelino de Abreu Alvarenga, pastor e juiz de direito, em nome da Fundação que

ele presidia, no qual pedia do Supremo a manutenção da decisão tomada de afastar aqueles professores, propondo assim encerrar “as crises cíclicas do Seminário”, que, segundo a sua versão, aconteciam de cinco em cinco anos.

Porém, caíram a Fundação e o reitor, mas os professores foram reconduzidos às suas funções, inclusive o Rev. Isaar, que, poucos anos depois, já no início da administração do Rev. Abival, foi escolhido para ser Diretor do Seminário, encerrando-se assim o período em que a direção do Seminário esteve à cargo de uma Secretaria, da qual o Rev. Lutero Cintra Damião era presidente e os Revs. Geraldo Aparecido Sorano e, posteriormente, Mario Ademar Fava ocuparam o cargo de diretor do Seminário de São Paulo.⁴³

6. O SEMINÁRIO DE SÃO PAULO APÓS AS CRISES

Nos anos 80, o Seminário de São Paulo atingiu uma maior tranqüilidade para o seu funcionamento.

Com a eleição de uma nova diretoria na IPI do Brasil, tendo à frente o Rev. Abival, que prometia renovar as áreas de educação religiosa e teológica, como de fato o fez, uma nova situação foi criada, graças à abertura de novos seminários, em Londrina e Fortaleza.

O Seminário de Londrina foi organizado em 28/2/1982, tendo assumido a sua direção o Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, que o administrou com pulso forte, até a sua morte no final da década de 90.

Já o Seminário de Fortaleza foi inaugurado em março de 1986, com o objetivo de consolidar a presença da IPI no norte-nordeste, região que, por falta de apoio e atenção do sul do país, não se desenvolveu, desde 1903, como poderia ter acontecido. Dezesesseis anos depois, o número de alunos e a mudança da fisionomia das igrejas locais e presbitérios da região demonstram a eficácia da decisão e o acerto da visão estratégica demonstrada pelo Supremo Concílio, que aprovou, acompanhou e incentivou a implantação desse Seminário.⁴⁴

É claro que o apoio da Fundação Eduardo Carlos Pereira foi uma condição necessária para que tudo isso ocorresse por meio do saque de sua conta de poupança, oriunda da venda de sepulturas do Cemitério de Congonhas.⁴⁵ Daí surgiram os recursos suficientes para a aquisição dos imóveis de Londrina, Fortaleza e São

Paulo, patrimônio hoje que se aproxima dos cinco milhões de reais. Porém, as crises econômicas cíclicas pela qual passa a tesouraria central da IPI do Brasil têm provocado dificuldades internas nos três seminários, pois a Fundação somente pode entrar com recursos investidos em imóveis e não na manutenção direta dos seminários. Essa dificuldade econômica, que às vezes é maior ou menor, tem provocado, vez ou outra, discussões sobre a viabilidade ou não da manutenção de todos eles. Essa questão tornou-se mais aguda neste início de século, principalmente porque há necessidade de várias modificações administrativas e físicas para que os seminários se adaptem às exigências do Ministério da Educação, a fim de terem os seus respectivos cursos devidamente reconhecidos. Isto porque a falta de reconhecimento de um curso poderá trazer problemas no futuro no relacionamento com as autoridades educacionais de Brasília, assim como a perda da competitividade de nossos seminários no atendimento da demanda por cursos teológicos de nível superior no país.

Como resultado disso, a educação teológica na IPI do Brasil, nos últimos 20 anos, evoluiu de uma situação de monopólio de uma só entidade educacional, o Seminário de São Paulo, para um contexto de pluralismo de seminários, em que várias modalidades de cursos e enfoques são oferecidos aos presbitérios e candidatos ao ministério da palavra e dos sacramentos, bem como a outros ministérios específicos.

Essa competição interna, como todas as competições sadias, tem as suas vantagens, pois reduziu a pressão, normal a nosso ver, que sempre se exerceu sobre o Seminário localizado na capital paulista, surgindo daí a possibilidade de se analisar os seminários, corpo docente, ênfases e cursos, à luz das suas vantagens. Dessa forma, as pressões oriundas da igreja se distribuem, embora muitas vezes de uma forma desigual entre os três seminários, provocando, ora aqui ou ali, tensões internas entre estudantes, direção do seminário, Secretaria de Educação Teológica e a IPI do Brasil de um modo geral.

O Rev. Dr. Leonildo é professor do Seminário Teológico de São Paulo e da Universidade Metodista de São Paulo

Notas

- ¹ Boanerges Ribeiro, *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma*, São Paulo, 1987, O Semeador, 1987.
- ² Conforme Boanerges Ribeiro (op. cit. p. 212) se formaram sob essa tutela: Eduardo Carlos Pereira,

Zacarias de Miranda, Delfino dos Anjos Teixeira, Caetano Nogueira, Miguel Torres, Belmiro César, José Primênio, Herculano Gouvea, Jovão Vieira Bizarro e João B. de Lima.

- ³ Vicente Themudo Lessa, *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo, 1863-1903*, São Paulo, Edição da 1ª IPI de São Paulo, 1938, p. 317 ss.
- ⁴ Id. *Ibid.* p. 111.
- ⁵ Boanerges Ribeiro registrou parte do conflito existente entre missionários americanos quanto a forma e local da educação teológica. Ela seria atrelada ao Colégio Internacional de Campinas ou a Escola Americana em São Paulo? Essa formação deveria passar por uma educação para estadistas ou simplesmente de um pregador do Evangelho? Sobre isso veja B.Ribeiro, *op. cit.* p. 213ss.
- ⁶ Vicente Themudo Lessa, *op. cit.* p. 428 ss.
- ⁷ A perda do Seminário da Rua Maranhão, para o qual a 1ª Igreja de São Paulo investiu pesadamente, 50% do total de 64 contos de reis do total gasto, representou um duro golpe na memória dos Independentes. Por exemplo, quando se decidiu organizar um Seminário Presbiteriano Independente, em São Paulo, em 1905, na retórica dos discursos encontramos palavras como estas: “Permitiu o Senhor que o edifício construído com tanto entusiasmo de nossa parte ficasse em poder dos que se opunham a sua construção ou nela tomaram parte mínima. Para sermos fiéis à coroa real de nosso grande Mediador foi necessário sacrificar sem hesitação esse filho querido do entusiasmo de nossas igrejas (...) revela agora obter um modesto prédio arrendado, onde se reúnem, sob direção idôneo alguns moços recomendados pelos respectivos pastores e sessões. No Presbitério de 14/1/1905, quando se decidiu fundar um internato, com dois cursos, um voltado para a educação primária e secundária e outro para a formação de pastores, as coletas que seriam seis durante o ano para o Seminário, já havia atingido em 31 de dezembro de 1904 o total de oito contos de reis. Contudo eram apenas 39 igrejas e 15 congregações, contando com 3.267 membros adultos (O Estandarte, 26/1/1905).
- ⁸ O Estandarte, 4/5/1905.
- ⁹ O Estandarte, 4/5/1905.
- ¹⁰ “Sinodal” era o termo usado para separar os presbiterianos leais ao Sínodo de 1903 dos independentes, que fizeram da antimaçonaria a sua principal bandeira de luta, a qual se expressava no slogan “pela coroa real do salvador”.
- ¹¹ A convivência do professor do Seminário Unido, Alfredo Borges Teixeira e do líder presbiteriano independente Epaminondas Melo do Amaral, (braço direito e sucessor de Erasmo Braga, no Comitê Brasileiro pela Unidade, depois Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil e, em 1934 da Confederação Evangélica do Brasil), com o clima político da Capital da República talvez tenha provocado nos presbiterianos independentes uma maior visão da necessidade de um envolvimento político dos evangélicos brasileiros. Esses dois pastores da IPI, mais o pastor Odilon de Moraes, assinaram, junto com outros professores do Seminário Unido e pastores evangélicos do Rio, entre eles Erasmo Braga, um manifesto da Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil pela constituinte de 1933. Uma reprodução desse “Memorial dirigido aos crentes evangélicos de todo o Brasil” (O Expositor Cristão, 22/2/1933, p. 6) nos dá a idéia da importância daquele meio sobre a reflexão teológica: “Os abaixo assinados, ministros e oficiais de Igrejas, após demorado estudo da situação política e social do Brasil, chegaram a conclusão de que o momento exige que os crentes evangélicos cerrem fileiras e afirmem uníssonos (...) urge abandonemos de vez a atitude de simples observadores, atitude de expectativa, de aparente bem estar, de indiferença e comodismo (...) urge que a voz dos evangélicos de todo o Brasil se faça ouvir por aqueles que vierem a compor a Assembléia Constituinte, que decidirá sobre os problemas que afetam a vida espiritual e social do Brasil”. O manifesto dividido em várias partes propunha dois pontos importantes para essa ação evangélica: na ordem política e na ordem social. Um outro manifesto da Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil declarava que: “Que todas as congregações disseminadas por todo o Brasil elevem a Deus súplicas em favor da elaboração e promulgação da Constituição brasileira (...) que somente mereçam os sufrágios dos evangélicos os candidatos à futura constituinte que sejam portadores de programa liberal, e, assim advoguem a causa da separação entre a Igreja e o Estado, da igualdade e liberdade de culto, e do ensino leigo nas escolas públicas” (O Expositor Cristão,

18/11/32). Nesse mesmo jornal e edição havia uma nota sobre uma carta enviada pelos evangélicos ao relator da comissão para elaboração do ante-projeto da nova constituição, solicitando que se mantivessem o princípio da separação entre Igreja e Estado, da Constituição de 1891. Na edição de 8/2/33 uma nota dava conta de que jovens evangélicos, entre eles Benjamin Temudo Lessa, Rubem Escobar Pires e Paulo Carlos de Oliveira, por iniciativa da Classe Organizada Jonadab, da 1ª IPI de São Paulo, davam expediente público em um posto da Campanha Pró-Alistamento Eleitoral, na Av. São João, 34, s/loja, sala 7, buscando incentivar os crentes a terem uma participação maior nas eleições. Em 10/5/33, nesse mesmo jornal podemos ler que o crente não deveria “votar absolutamente em candidatos ou partidos que adotem programas favoráveis a medidas que comprometam a laicidade do Estado, introduzam ou facultem o ensino religioso nas escolas oficiais, Rio de Janeiro, maio de 1932. “Na Igreja Metodista, o pastor de Santos, Guaracy Silveira, se elegeu deputado federal constituinte pelo Partido Socialista, assinalava agradecido pelo apoio recebido de presbiterianos independentes como o venerando pastor Vicente Themudo Lessa e da família Borges Teixeira, que unida teria marchado para as urnas votando em Guaracy Silveira. Esses fatos indicam que parte dos educadores teológicos da IPI do Brasil, naquele período participava e acompanhava de perto o panorama político. Observemos que o Brasil vivia os efeitos de uma guerra interna, que foi a revolução de 1930 e a revolta paulista de 1932, com milhares de mortos. Por outro lado, estavam ativos os comunistas, os integralistas (fascistas brasileiros) e a Liga Eleitoral Católica. Certamente a educação teológica da IPI não estava alheia ao que acontecia no país.

- ¹² Seguimos aqui as informações registradas pelo reverendo Roldão Trindade de Ávila, cuja palestra feita no Seminário de São Paulo foi reproduzida numa revista especial intitulada: “Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo (1905-1985) – 80 anos de teologia num contexto de mudanças”, bem como a palestra de Júlio Andrade Ferreira, “O Seminário Unido (uma experiência em educação teológica)”, proferida em 28/5/1985, publicada na mesma revista.
- ¹² Seguimos aqui as informações registradas pelo reverendo Roldão Trindade de Ávila, cuja palestra feita no Seminário de São Paulo foi reproduzida numa revista especial intitulada: “Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo (1905-1985)– 80 anos de teologia num contexto de mudanças”, bem como a palestra de Júlio Andrade Ferreira, “O Seminário Unido (uma experiência em educação teológica)”, proferida em 28/5/1985, publicada na mesma revista.
- ¹² Cf. Júlio de Andrade Ferreira, “O Seminário Unido (uma experiência em educação teológica), in “Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo (1905-1985) – 80 anos de teologia num contexto de mudanças”, São Paulo, STPI, 1985, p. 14 ss.
- ¹³ Seguimos aqui as informações registradas pelo reverendo Roldão Trindade de Ávila, cuja palestra feita no Seminário de São Paulo foi reproduzida na mesma revista acima mencionada “Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo (1905-1985) – 80 anos de teologia num contexto de mudanças”, sob o título: “Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo (1930-1949), p. 4ss. Já o Rev. Adolpho Machado Correa, registrou a sua memória em Lares, escolas e igrejas (Piracicaba, Edição do Autor, 1980).
- ¹⁴ O Estandarte 11/03/1936.
- ¹⁵ Rev. Roldão Trindade de Ávila, “Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo 1930-1949”, in Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo 1905-1985 – 80 anos de teologia num contexto de mudanças, Publicação especial para a comemoração do 80º aniversário do Seminário de São Paulo, 1985, p.8.
- ¹⁶ O grupo conservador mais radical da IPI partiu para a cisão, organizando-se em São Paulo a Igreja Presbiteriana Conservadora (11/2/1940), a qual se filiou e foi um dos líderes o Rev. Francisco Augusto Pereira Jr.
- ¹⁷ O Estandarte, 15 e 30 de abril de 1964, p. 7.
- ¹⁸ Segundo informações publicadas no O Estandarte (15/4/62) o prédio da Rua Visconde de Ouro Preto foi vendido por 26 milhões de cruzeiros, sendo a primeira parcela de 7,02 milhões; a segundo para um ano depois (dez. 60), de Cr\$ 2,8 milhões; a terceira (junho de 61), Cr\$3,02 milhões; e a quarta (dez.61)

de Cr\$3,17 milhões, em suma, com juros a IPI iria receber ela venda o total de Cr\$31.005.000,00. Até abril de 1962, o custo da construção do novo prédio já havia consumido Cr\$15.539.000,00. O mestre de obras era o presbítero Moisés Rodrigues, da IPI de Porto Feliz, que junto com o seu irmão haviam reformado o prédio da R. Visconde de Ouro Preto, agora trabalhando por empreitada para a empresa C.F. Engenharia e Comércio, pertencentes, por sua vez, aos irmãos Franco, da 1ª IPI de São Paulo.

¹⁹ O Estandarte, 30/4/63.

²⁰ Os contribuintes nessas campanhas assinavam compromissos com o Seminário durante um certo tempo, possibilitando um planejamento das etapas seguintes da construção. Porém, o país começava a viver um período de enorme inflação e o pouco que se construiu com a venda do prédio da Rua Visconde de Ouro Preto correu o risco de desaparecer.

²¹ O Estandarte, 15/3/64, p.8 e 9.

²² A última dessa reunião da Congregação realizada no Jardim Bonfiglioli, devido a proibição da presença legal do representante dos alunos, seminarista Gezer Pires de Camargo, foi gravada por alunos a partir de um microfone colocado numa fenda da parede. Por sua vez, reuniões do Centro Acadêmico foram gravadas ou eram ouvidas por um pastor que morava nas imediações, o qual foi declarado “figura indesejável” no espaço do Seminário, pelos alunos. Referências ao conteúdo dessas reuniões foram objeto de perguntas a um seminarista preso por autoridades do Exército no ano seguinte. Suspeitava-se, então, de um estranho e misterioso aluno, chamado Jonas, matriculado em pleno mês de abril a pedido do ev. Daily, quando as matrículas haviam se encerrado no início de março, e que desapareceu tão logo a crise foi superada, em agosto daquele ano. Os alunos suspeitavam que se tratava de um espião colocado no Seminário pelas autoridades militares para oferecer relatos do que acontecia ali dentro. Tudo isso indica o alto grau de tensão que se estabeleceu na comunidade de estudantes e professores daquela “casa de profetas”.

²³ Documento subscrito pelo presidente do Centro Acadêmico Eduardo Carlos Pereira, 16/6/68.

²⁴ O Estandarte (15/7/68) publicou na íntegra o documento dos professores sob o título “Manifesto da Faculdade de Teologia”, com uma introdução da direção do jornal, na qual se endossava a versão dos professores, o que seria de se esperar num jornal oficial da Igreja. Essa versão inseria o que acontecia no Seminário de São Paulo com uma teoria divulgada como verdadeira pelo Rev. Daily, que a subversão internacional tinha decidido usar os seminários teológicos evangélicos latino-americanos para intervir no meio evangélico.

Dentro desse esquema deveriam entrar em greve ou realizar manifestações subversivas estudantes do Seminário Evangélico da Costa Rica, do ISEDET, de Buenos Aires, o Seminário Presbiteriano de Campinas, o Metodista, de Rudge Ramos e o finalmente, no final daquele semestre o Seminário da IPI, em São Paulo. Essa teoria, tida como fantasiosa pelos alunos, jamais teve qualquer comprovação no campo da realidade, a não ser como explicação ideológica usada para dar sentido aos fatos que aconteceram. O texto introdutório de O Estandarte, praticamente o editorial daquele número, foi bem objetivo nessa teoria: “Os dias que atravessamos se caracterizam pelo espírito de rebeldia, principalmente por parte da juventude estudantil (...) cremos que a nossa juventude idealista e inexperiente, está sendo usada, na verdade, por líderes esquerdistas, que se aproveitam do entusiasmo dos jovens e das falhas realmente existentes nas organizações atacadas, para difundirem as suas idéias revolucionárias (...)” A seguir o articulista, talvez o Rev. Sergio Paulo Freddi, usava citações de discurso do General Costa e Silva, então presidente da república, feito em 28 de junho no qual afirmava que “a mocidade brasileira está servindo de biombo para homens sem escrúpulos” que desejavam golpear as instituições democráticas e livres do país. O editorial terminava, antes de apresentar o documento da Congregação criticando as manifestações dos seminaristas colocando entre aspas partes da declaração dos estudantes que nunca veio a público na IPI, dizendo que eles queriam “um clima de universidade” no Seminário, onde houvesse “livre ventilação de idéias” sem qualquer “policimento intelectual” por parte das autoridades eclesiásticas. Um outro texto menos rebuscado ideologicamente e mais agressivo saiu da lavra do Rev. Álvaro Simões, que pastoreava a 3ª IPI, ao lado do veterano Rev. Seth Ferraz, na edição de O Estandarte, de 15/9/68: “A Igreja, angustiada, volta os seus olhares de aflição para a Faculdade de Teologia e pergunta: será verdade tudo o que se fala e se comenta sobre a nossa Casa de Profetas? (...)

O diabo e a maldade vem aumentando assustadoramente os problemas da Faculdade (...) que sempre viveu de crise (...) não concordamos com a infeliz idéia de que a ‘Faculdade deve preparar ministros para o mundo! como alguém [o texto omite o nome do Rev. Abival] afirmou em reunião do Supremo Concílio, mas cremos que ela deve formar ministros para o a Igreja, capazes de, corajosamente ‘enfrentar o mundo’ (...) os professores que lá ainda estão enfrentando a borrasca (...) não deveriam pensar que, por causa de aluno sem vocação e sem senso de responsabilidade e disciplina, a Igreja os venha colocar no ostracismo (...) os que levados por influências malsãs, dos profissionais de agitação, alunos ou não, jogaram por terra o prestígio de nossa Faculdade de Teologia. As modificações que se exigem como fruto de uma época em rápidas transformações, justas e aceitáveis, não autorizam a quem quer seja, aluno ou não, a fazer baderna ou confusão”, terminando com um lógico apoio as decisões tomadas pela Congregação e Fundação Eduardo Carlos Pereira, consideradas “corajosas e que devem merecer os aplausos de toda a Igreja”. O alvo dessas palavras, escritas no auge das batalhas eclesiásticas, não eram somente os estudantes, mas também até a um dos professores visto pelos mais conservadores como parcialmente responsável pelo que tinha acontecido. Na teoria conspiratória do Rev. Daily, que era cultivada por vários de seus companheiros de política eclesiástica, o Rev. Abival, então pastor da 4ª IPI de São Paulo, era visto como um elo de ligação de uma onda subversiva internacional que visava subverter a ordem eclesiástica na IPI. O Rev. Daily chegou mesmo a informar que em seu argumento perante o Supremo Concílio iria denunciar uma conversa que o Rev. Abival teria tido com Emilio de Castro, um importante líder e representante uruguaio no Conselho Mundial de Igrejas, de quem teria recebido a incumbência de ser, em um portunhol do Rev. Daily “um punto del contacto”. O Rev. Abival conseguiu uma carta de Emilio de Castro dizendo que não conhecia o Rev. Abival, que jamais havia conversado com ele qualquer coisa sobre isso. Essa carta, em mãos do Rev. Abival, foi levantada por ele durante os momentos em que o Rev. Daily falava sobre a “subversão na IPI”, transformando aquela carta no ar como uma espada que poderia destruir a argumentação fantástica do Rev. Daily. No entanto essa versão fabulosa continuou sendo repetida na década seguinte como se fosse verdade.

²⁵ Para que os alunos pudessem se defender em seus respectivos presbitérios, foram multiplicados em mimeógrafo todos os documentos enviados aos professores, inclusive a avaliação de suas respectivas disciplinas e do ato de expulsão, os quais foram encaminhados para os tutores eclesiásticos. Os que voltaram o foram por pressão e entendimentos do seus respectivos presbitérios, e muitos deles tinham uma visão oposta da crise apresentada oficialmente pelos professores.

²⁶ Alguns alunos que trabalhavam em São Paulo foram acolhidos na casa de crentes. Um casal da Primeira Igreja, Dr. Davi e Marta Del Nero Ribeiro, em viagem prolongada pelo exterior, acolheu cinco seminarista em seu apartamento, provocando um conflito com o seu pastor que os acusou de cumplicidade com “perigosos subversivos”. Dos cinco, um é o atual presidente da Assembléia Geral da IPI e um outro autor deste artigo. Dois outros são ministros da IPI. Os demais, principalmente os impedidos de voltar para o Seminário, alugaram um apartamento no Jardim Bonfiglioli e montaram uma república, dando continuidade aos seus estudos na USP, enquanto trabalhavam em Bancos. No final do ano seguinte, as autoridades da Igreja, convencidas pelo Rev. Daily, venderam os 20 mil metros de terreno e o prédio construído depois de uma campanha nacional para isso e a sua consagração em 1963, assunto que mereceu enormes espaços no O Estandarte nos anos 62 e 63, numa operação imobiliária que deixou muitas dívidas e uma enorme soma de dinheiro desaparecido sem explicações, até por causa da morte trágica do Rev. Daily, em 1971, em um acidente automobilístico, quando a direção da Igreja se dirigia para Brasília, levando recursos para a construção do Templo que seria o “templo nacional” de Brasília. Parte do dinheiro foi empregada na compra do prédio da Rua Artur Prado, 331, onde o Seminário funcionou precariamente entre 1970-1975. Outra parte, a que desapareceu, aparentemente foi perdida em aplicações feitas na bolsa de valores, durante a crise dessa entidade nos anos 70-71. O grande problema é que essa movimentação, parece que não foi contábil e oficialmente registrada na tesouraria da Igreja pela direção da Igreja naquela período, impedindo que o assunto fosse esclarecido após a morte do Rev. Daily.

²⁷ O impacto da crise sobre a vida espiritual dos alunos impedidos de voltar ao Seminário foi altamente negativo. Muitos abandonaram o presbiterianismo e alguns até a fé evangélica. Um se tornou alcoólatra e pai-de-santo, outro kardecista, outros nunca mais voltaram a ser membro de uma igreja evangélica, embora tenham seguido outras profissões como magistério, advocacia, odontologia e outras. Essa

foi uma geração que a luta eclesial, aliada com o autoritarismo do País, estragou. Somente um se tornou pastor da Igreja Presbiteriana Unida, justamente o presidente do Centro Acadêmico, um engenheiro agrônomo, Guilherme A. Montezuma Breder, já falecido. Prosseguiram a sua formação e se tornaram ministros da IPIB, alguns por um curto período de tempo: Leontino F. Santos, Otoniel Marinho de Oliveira, Silas Gouveia, Gerson C. Lacerda, Alcides Duque Estrada, Leonildo S. Campos, Ronan Pereira da Silva, Assir Pereira, Lazaro H. Soares, Tercílio de Almeida Coutinho e Geodi Camargo de Almeida (que depois renunciaram a jurisdição da IPI e se tornaram pentecostais), Cilas Gonçalves, Dimas Barbosa Lima, Ilson Marra de Castro, Sérgio Paulo de Almeida, Izaque Trindade.

²⁸ Estandarte, 15/8/1968.

²⁹ O Estandarte, 15/9/1968, p. 1 e 2.

³⁰ A IPI do Brasil teve um prédio para o Seminário construído no começo de sua história na Rua Visconde de Ouro Preto, próximo ao Mackenzie, no centro da cidade. Esse imóvel, alugado para um colégio por mais de 25 anos, período em que o Seminário andou de um lado para outro, foi vendido em 11/2/58. O novo prédio seria inaugurado em 1963, após inesquecível campanha nacional. Porém, no final de 1969, as autoridades da Igreja, convencidas pelo Rev. Daily, venderam os 20 mil metros de terreno, num primeiro momento, para uma construtora e, em um segundo momento, o prédio construído no Jardim Bonfiglioli para a AEB (Associação Evangélica Beneficente). Na época houve quem desconfiasse que o preço de ambas as vendas foi feita por um valor abaixo do mercado. Assim, o Seminário perdeu a sua casa, construída depois de uma campanha nacional memorável e de sua festiva consagração em 1963, assunto que mereceu enormes espaços no O Estandarte, nos anos 62 e 63. Essa operação imobiliária, explicada parcialmente em O Estandarte de 15/4/70, deixou, no entanto muitas dúvidas na mente de muitas pessoas da IPIB.

³¹ Nesse aspecto somos de parecer que não se deve atribuir única e exclusivamente a uma só pessoa os desacertos de uma situação que foi definida como boa por um grupo de pessoas. Culpabilizar uma pessoa e inocentar estruturas e grupos sociais não é uma boa forma de interpretar e compreender os atos históricos! Pois, a história não é feita por indivíduos e sim por um conjunto de pessoas e ações desenvolvidas no tempo.

³² No segundo semestre do ano de 1968, no Seminário, para os cultos diários o Rev. Daily começou a trazer pessoas comprometidas com um projeto de avivamento espiritual na IPI. Numa das oportunidades veio o Rev. Palmiro de Andrade, depois um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Renovada, que falou sobre a necessidade “de acender uma fogueira no púlpito da Igreja”. A sua pregação se tornou um artigo publicado em O Estandarte (15/11/68) que afirmava, entre outras coisas o seguinte: “Vários pastores e crentes, espalhados pela pátria, já estão empenhados na reconstrução espiritual da Igreja. Quem nos acompanhará?” Entre os seminaristas não houve nenhuma adesão, mesmo depois da vinda de um outro nome importante do avivamento: Rev. Jairo Jacó, que após um emocional sermão pediu para os estudantes irem até o “altar” (tablado aonde estava o púlpito) para orar e jejuar o resto do dia por um avivamento no Seminário. Ficou sozinho até por volta do meio dia, quando desanimado encerrou o seu trabalho e retornou para Osasco. A via pentecostal era ridicularizada pelos alunos, desde quando no primeiro semestre foi realizada uma noite de queima de livros sobre pentecostais e a doutrina do Espírito Santo. Dois anos depois, o Rev. Daily, agora já no prédio da Rua Artur Prado, indagado pelos estudantes sobre a “batalha espiritual” que estava em andamento nos presbitérios recebia respostas dele do seguinte teor: “Como presidente do Supremo Concílio eu deixo as pessoas se matarem, depois eu passo recolhendo os corpos” (sic). Os seminaristas interpretavam assim: “O que me importa são os votos que consigo com a minha política de tolerância com o pentecostalismo...”.

³³ O Instituto Bíblico João Calvino foi instalado pelo Presbitério de Maringá, em 4/1/62, e colocado sob a direção dos reverendos, pai e filho, João de Godoy (diretor do Colégio Evangélico de Arapongas) e Antonio de Godoy Sobrinho, que mantinha correspondência com grandes nomes do universo teológico dos EUA e Europa, conquistando para aquele Instituto simpatia e interesse dentro e fora do Brasil. Quando o Instituto se tornou monopólio dos “avivados” Godoy Sobrinho se desencantou com alguns de seus alunos que chegaram em reunião do Sínodo a se expressarem da seguinte forma: “Há um câncer na IPI do Brasil que precisa ser extirpado e ele se chama Antonio de Godoy Sobrinho. Se temos

de extirpa-lo por que não agora?” A entrega desse Instituto para a renovação foi o primeiro sinal de que a força da renovação no Paraná crescia cada vez mais.. Contudo, politicamente os renovados perderam a eleição na reunião do Supremo Concílio em Brasília (1972) de seu representante, o Rev. José Ferreira Filho, pastor em Curitiba.. O que provocou uma pressão nos Presbitérios contra os renovados. Foi então que, os que não renunciaram foram excluídos da IPI, mesmo depois de uma reunião final na qual se tentou uma conciliação, em 21/4/72, em Arapongas. Entre cinco e nove de julho, organizaria-se em Assis a IPIR. O Seminário de São Paulo poucos reflexos recebeu dessa luta que ocorria mais no interior do Paraná e de São Paulo.

³⁴ Sobre a história dessas duas denominações que se juntam para promover o avivamento espiritual nos meios presbiterianos do Brasil cf. Joel de Campos Perroud, *História da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil*, Arapongas, Gráfica Aleluia, 1998.

³⁵ Uma dessas cartas, escrita aparentemente por um aluno buscava “conscientizar” representantes e pastores da IPI para o que ela chamava de “tristes e lamentáveis acontecimentos na ‘Casa de Profetas’ que ameaçam a nossa querida igreja neste tão crítico momento de sua história. Antes de considerar os problemas apelamos a compreensão do caro irmão para entender que esta carta, por ser anônima, não tem cunho subversivo, mas é ela um apelo ao irmão para prestar a sua colaboração para urgentes e necessários reparos em nosso Seminário”. A seguir o (s) missivista (s) escreve sobre a situação da secretaria da Faculdade, as más condições de ensino, registrando que “aqueles que se dirigem para eta ‘casa de ensino’, atendendo fervorosamente à vocação ministerial, logo nos primeiros contatos com a realidade dos fatos, vão se sentindo envergonhados, quando não se frustram com o baixo nível de ensino feito sem planificação e sem estrutura curricular, um ensino ‘passa tempo’, desvinculado das necessidades espirituais e intelectuais (...) o ensino teológico em nossa Faculdade tem se constituído numa verdadeira corrupção dos objetivos e propósitos daqueles que futuramente serão pastores de nossa Igreja (...) os professores, salvo exceções, não tem condições didático pedagógicas (sic) e nem espirituais para o ensino teológico (...) aulas sem um prévio preparo (...) sem integração das matérias dadas (...) há uma baixa e faltosa remuneração dos professores (...) as aulas iniciam sempre com semanas de atraso, nunca seguem o horário para começar ou terminar (...) a frequência de alunos e professores às aulas é muito irregular para não dizer ‘bagunçada’ (...) os alunos vivem em constantes crises intelectuais, espirituais e mesmo vocacionais. Entre aqueles que primam pela vocação há aqueles que usam da ‘oportunidade’ (curso teológico desintegrado) como um trampolim para outros cursos (...) “A carta anônima termina apelando: “Caro irmão, tendo analisado a situação acima exposta, verifique se os atos abordados são ou não verídicos...”, repetindo no final o moto da IPI: “Pela Coroa Real do Salvador”. É claro que essa carta anônima perdeu o seu impacto institucional, mas ela fomentou novas ações por parte dos alunos, principalmente diante da recusa da Instituição de tomar alguma providência para sanar os problemas vividos pelo Seminário. Por outro lado, é preciso também lembrar que 1972 foi o ano em que o regime militar esteve mais forte e a repressão também, inexistindo condições, em qualquer esfera da vida social, para reclamações ou movimentos reivindicatórios, o que explicava o desespero de se fazer circular cartas anônimas ou de colocação de denúncias em quadros de avisos do Seminário.

³⁶ Os alunos pressionados pela situação e com muito medo da repressão elaboraram e encaminharam carta para pastores e presbíteros representantes nos concílios superiores uma carta anônima, que começava argumentando que aquele texto não deveria ser encarado como subversivo por não estar sendo subscrita. Essa carta causou furor nas autoridades do Seminário assim como nos mesmos que eram as autoridades maiores na Igreja. Por que? A carta convidava o leitor a examinar o estado em que se encontrava o Seminário que tinha sido chamado de “a menina dos olhos da Igreja” por Eduardo Carlos Pereira. A seguir, com sarcasmo e ironia, os autores apresentavam comentários bem próximos da realidade, que quem viveu no então Seminário, então situado na Rua Artur Prado, nunca poderia negar a precariedade em que a “Casa de Profetas”. Esses comentários procuravam descrever a situação da secretaria, do ensino, dos professores, das aulas mal preparadas e mal dadas, ligando tudo a falta de uma educação “sadia” que provocava nos estudantes constantes crises intelectuais, criando espaço para outros alunos que estariam usando o Seminário como um trampolim para outros projetos de vida que não o ministério. Essa carta, a despeito de anônima foi tratada, discutida em inúmeras reuniões, e serviu como combustível para a crise de 1972, mais uma das crises do Seminário de São Paulo.

- ³⁷ Os termos da decisão da Congregação da Faculdade de Teologia foram os seguintes: “1. Considerando a atitude de desrespeito manifesta na fixação de um documento anônimo no quadro de avisos da Faculdade, de uso privativo da direção da mesma; 2. Considerando que o responsável ou responsáveis, não tiveram a dignidade de se identificarem no prazo fixado; 3. Considerando que alguns alunos manifestaram solidariedade a tal procedimento, quando se recusaram a assinar o documento exigido pela Congregação no seguinte teor: ‘Não concordo com a atitude tomada por alguns alunos desta Faculdade, que afixaram um documento anônimo no quadro oficial de avisos deste Seminário. Resolve: 1 – Suspender da freqüência às aulas pelo período de oito dias (de 20 a 27 do corrente, inclusive) os seguintes alunos: Jaime M.C.Pereira, Samuel Franco, José Carlos Vaz de Lima, Alceu Roberto Braga, Celso Machado Corrêa, Tiago Escobar de Azevedo, Sérgio Francisco dos Santos, Valdomiro de Oliveira, Aldo Gonçalves, Paulo Roberto Faria, Manoel Alves Guerra, Uriel Silveira, Noedi Barbosa, Leonildo Silveira Campos, Nelfitali Ferreira de Assis, Antonio Coine, Altamiro Carlos de Menezes, Angelo Bereta Filho. 2- Devem e estão convocados para serem ouvidos pela Congregação os seguintes alunos: Jairo Honório Correa, Carlos Grassi, Cleibe Paloni, Josafá Vasconcelos, Getro Pereira da Silva, Geodi Camargo de Almeida. Os alunos suspensos devem permanecer a disposição da Congregação durante o período da suspensão. São Paulo, 19 de maio de 1972. Pela Congregação, Rubens Cintra Damião, Abival Pires da Silveira, Jair Ribeiro de Melo, Wilson Guedelha, Milton dos Santos, Paulo Cintra Damião.’” Os nomes ausentes dessa lista são os que assinaram o documento solicitado pela Congregação.
- ³⁸ “Os alunos atingidos pela decisão da Congregação da Faculdade de Teologia suspendendo-os pelos período de oito dias de suas atividades escolares: 1- Considerando que estamos chocados com o rumo que os últimos acontecimentos tem tomado em nossa Faculdade; 2- Considerando que a decisão da Congregação que nos atingiu (...) foi baseada numa interpretação distorcida das nossas declarações perante a mesma Congregação, visto que: a) não nos declaramos ‘solidários’ com o procedimento do aluno ou alunos afixando o documento no quadro de avisos oficial, conforme diz o considerando 3 da Congregação (...nós nos declaramos contrários ao procedimento do tal aluno ou alunos, embora discordássemos também da atitude que a Congregação estava tomando, conforme dizem as nossas declarações individuais firmadas perante a Congregação no dia 19 de maio. 3. Considerando que não estamos nos recusando a aceitar a decisão da Congregação nos suspendendo, à qual nos submetemos humildemente, mas recusamos a interpretação dada às nossas declarações, RESOLVEMOS: Solicitar desta egrégia Congregação o reexame das nossas declarações e a conseqüente modificação dos termos em que foram vazados os considerandos e as resoluções desta Congregação, a fim de que se evitem mal-entendidos e culpabilidades imerecidas.” Assinaram os mesmos 18 alunos mencionados anteriormente.
- ³⁹ Com a saída do prédio da R. Artur Prado, o internato desapareceu. Para muitos isso foi saudado como o fim de uma grande dor de cabeça e de uma forma de apoiar os corpo discente incompatível com os novos tempos. Há razões para essa interpretação. Porém, o internato favorecia a integração entre uma geração de estudantes, uma interação de idéias e um respeito que brotava do fato de ser membros de uma “mesma geração”. Dessa convivência nasciam alianças e relações de amizades consideradas “mais próximas do que as que se mantém com um irmão”. Nessa época houve escolas que resolveram, contudo, colocar um ponto final os seus internatos por questões de segurança na preservação das idéias. Desde então, nunca mais os alunos que só se encontram nos corredores e na sala de aula, iriam encontrar outros mecanismos para expressar essa necessária interação social. Muitos estudantes passaram então a viver em repúblicas estudantis, longe do controle das autoridades eclesásticas, o que lhes deu liberdade e novas preocupações para os seus presbitérios e tutores.
- ⁴⁰ A Fundação Eduardo Carlos Pereira (FECP) tem uma história ligada às preocupações com a manutenção da educação teológica na IPI, desde o início dos anos 60, quando foi organizada para dar nome ao recém construído Cemitério de Congonhas. Isto porque, no município de São Paulo somente poderia estabelecer nesse comércio empreendimentos imobiliários respaldado por fundações religiosas. Como paga por esse apoio, a FECP passou a receber uma parte do valor pago por cada túmulo vendido pela DOLI, empresa que explora a venda e manutenção do Cemitério de Congonhas, na zona sul de São Paulo. Desses recursos, depositados na Caixa Econômica e sob o controle da Curadoria das Fundações do ministério público, é que saíram os recursos para a compra dos prédios de Londrina, Fortaleza e São Paulo. O nome do Dr. Célio de Mello Almada está ligado historicamente a constituição e desenvolvi-

mento das atividades dessa Fundação, que tantos bons resultados tem oferecido à IPIB.

- 41 As razões da demissão dos professores foram resumidas no documento da Fundação, endereçado para a assembléia geral da Igreja, com cópia para todos os conciliares, iniciava propondo uma discussão sobre os termos da própria convocação da Supremo Concílio. Essa “questão de ordem” abordava, segundo ela, o “desrespeito” que a Fundação estava sendo alvo por parte da Mesa Administrativa à revelia do Supremo Concílio, cujo plenário havia eleito aquela Fundação e lhe dado legitimidade em suas ações. O documento da Fundação alegava ser “tendenciosa” a convocação e de “não corresponder à verdade dos fatos”. A seguir historiava os fatos de acordo com a sua visão, registrando que o Seminário vivia em “crises cíclicas” a “cada cinco anos” e que “É hora de mudarmos este estado de coisas sob a pena de convertermos o Seminário numa Instituição medíocre e desatualizada; a Igreja numa Igreja sem identidade e desacreditada e as vocações preciosas que o Senhor nos tem dado para o Santo ministério em corações desiludidos, desorientados e abandonados em meio do caminho que escolheram com tanto entusiasmo”. (Entretanto, havia uma preocupação nova no que se relacionava ao destino dos alunos, ênfase totalmente ausente em 1968, pois muitos ex-alunos daquela época perderam a fé e abandonaram a Igreja por causa da “injustiça”, “pressões” e “desamparo” a qual foram submetidos. Para alguns deles, então ministros e conciliares da IPI, o julgamento público dos professores, 10 anos depois, foi um momento público de catarse.) A seguir o documento dissertava sobre os “poderes da Fundação”, mostrando que a decisão tomada se respaldava no seu próprio estatuto. Acrescentou-se nesse ponto os problemas decorrentes da filiação dos professores ao INPS e a multa posterior pelo não recolhimento das taxas previdenciárias. No entanto, a principal parte do documento dedicou espaço para os motivos da dispensa dos quatro professores. Os termos foram duros e amplamente divulgados a todos os conciliares por meio da reprodução do documento pela própria Fundação. Predominava, na justificativa da dispensa o que a Fundação considerava básico na atuação de cada um deles: competência, suficiência como docente, freqüência aos trabalhos de uma igreja local ou resistência ao trabalho da Fundação. Parece que este último motivo era o mais valorizado no documento da Fundação. Porém, de alguns deles foi registrado o incômodo julgamento moral, considerado por eles como “inverídico” : “Não consta que freqüente a Igreja com regularidade, o que constitui sempre um exemplo negativo para os alunos” ou o não menos terrível estigma de “incapacidade” e “insuficiência” no exercício do magistério teológico. A Fundação considerava (p.9) “que tais pessoas possam exercer outros ministérios úteis dentro da Igreja para os quais tenham qualificações, mas não há dúvidas de que o Seminário e a formação de pastores não são o melhor campo de trabalho e de influências para essas pessoas. Dizemo-lo com todo o respeito.” O documento da Fundação ia mais longe: “Falta ao Seminário alma, coração (...) e isto não vamos conseguir com pessoas dando apenas o resto do seu tempo (...) enquanto o Seminário for uma espécie de cabide onde se penduram ministérios fracassados. (...) é hora de começarmos a arregimentar gente moça de prepará-los para esta difícil tarefa (...) isto não é tarefa para poucos anos, mas levará uma geração de nosso ministério...”. Sem dúvida, essa questão seria resolvida com o preparo de professores novos por meio do mestrado em ciências da religião da hoje Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente, no ano 99, a totalidade dos professores do Seminário de São Paulo têm o mestrado e alguns o doutorado em ciências da religião, teologia ou filosofia. Porém, voltando para o documento de 1978, uma carga argumentativa foi colocada sobre a atuação presente e passada de cada professor no que se relacionava a sua vida eclesial e professoral. Porém, cada professor, em sua defesa perante o Supremo Concílio tentou, à sua maneira, contestar as acusações. Parece que os resultados foram bons para eles, pois o Supremo Concílio acabou elegendo uma nova Fundação, tendo o presbítero Carlos René Egg como presidente, reconduzindo os professores afastados, modificando a estrutura administrativa do Seminário, criando-se uma Comissão intermediária entre o Supremo Concílio e o Seminário, tirando da Fundação a pretensão de dirigir a vida interna do Seminário. Essa Comissão tinha a frente nomes que se destacaram naquele Concílio, como o Rev. Luthero Cintra Damião, Mário Fava, Geraldo Sorano, Neudir Baptista e outros. Desapareceu a figura do Reitor, aparecendo em seu lugar um diretor, nomeado por uma espécie de Secretária de Educação Teológica, que era essa Comissão. O subscritor deste texto foi então convidado para ser o tesoureiro e secretário do Seminário naquele período. Contudo, do ponto de vista dos professores, esse período administrativo, foi visto como uma interferência externa na vida do Seminário e isso continuou assim durante os últimos anos da gestão do Rev. José Coelho Ferraz, quando então se elegeu presidente o Rev. Abival Pires da Silveira e um novo diretor para o Seminário, nada mais nada menos que o Rev.

Isaar Carlos de Camargo, um dos denunciados em 1978! Os professores, Wilson Guedelha e Jair Ribeiro de Melo acabaram se retirando da docência. O primeiro continua 20 anos depois recebendo o seu ordenado como se fosse um professor aposentado do Seminário. O Rev. Jair elegantemente nunca quis ou esperou qualquer tipo de pagamento pela sua aposentadoria. O Rev. Isaar, depois de alguns meses como diretor morreu subitamente em pleno trânsito quando vinha para o Seminário no início da noite e o Rev. Rubens Cintra Damião se aposentou alguns depois.

- ⁴² A reunião do Supremo Concílio, realizada na 1ª IPI de São Paulo, em 9/9/78 teve momentos de catarse, quando antigos alunos de 1968, agora conciliares, usaram da tribuna para reforçar os argumentos da Fundação. O ex-reitor, que encaminhou carta e se fez presente para dar explicações sobre a crise, em nenhum momento ou comissão foi chamado pelo Supremo Concílio. “Entrei mudo de manhã e saí a noite calado, ninguém me perguntou nada”, desabafou o Rev. Mendonça, anos depois. O manifesto dos estudantes registrava: “A presente situação teve sua origem, principalmente, na dificuldade de relacionamento entre a reitoria desta casa e a congregação de professores.” A seguir depois de endossar a versão apresentada pela Fundação os estudantes continuavam: “Estes fatos, à primeira vista, representariam apenas um impasse de ordem administrativa, mas, segundo entendemos, são sintomas de uma realidade maior e dolorosa: uma visão distorcida do significado de Igreja, ministério cristão e transmissão fiel das doutrinas que herdamos dos apóstolos. Sentimos que a cada dia cresce em nossa Igreja a tendência à identificação entre o uso da autoridade e de cargos diretivos e o conceito de poder como concebido fora do âmbito eclesiástico (...) nos poderes constituídos à nossa volta, fora do âmbito eclesiástico, encontramos termos como ‘autoridade’, ‘chefia’ e ‘líder’, que são estranhos à Bíblia (...)” A partir daí em uma página os alunos passam a dar uma lição de como deveria ser encarado o poder e a liderança na Igreja cristã, reafirmando alguns pontos importantes: “A visão que a Bíblia nos proporciona a respeito da autoridade nos leva a repelir, em nome de Jesus Cristo, a luta pelo poder, a política-gem, as articulações de qualquer natureza, que transforma ‘autoridade’ cristã em posição em que seus ocupantes desfrutam muito bem de seus benefícios, mas demonstram declarada ignorância de suas responsabilidades (...) As crises sucessivas pelas quais tem passado o Seminário são reflexos evidentes de omissões e mesmo pressões contrárias às reformas necessárias e urgentes, como se esta casa não necessitasse de melhorias e seu corpo docente fosse intocável.”
- ⁴³ Uma discussão sobre a educação teológica da IPIB no final dos anos 80 foi proposta pelo então diretor do Seminário de Londrina, Rev. Antonio Godoy Sobrinho em Reformanda, ano I, n. 1, agosto de 1989. Esse revista surgiu para reunir escritos dos professores dos três seminários da IPI do Brasil. Contudo, por vários motivos acabou sendo publicada poucas vezes, desde 1989, quando saiu esse primeiro número.
- ⁴⁴ Dados históricos sobre o Seminário de Fortaleza podem ser obtidos na revista Reformanda, ano II, n. 2, agosto de 1990.
- ⁴⁵ O Cemitério de Congonhas é um dos 18 cemitérios particulares dos 40 existentes na cidade de São Paulo. Contudo, por causa da legislação municipal, somente entidades e fundações religiosas podem, além do poder público, organizar cemitérios nessa cidade. Por esse motivo, no início dos anos 60, um grupo empresarial ofereceu à IPI uma parceria. A IPI entraria com uma Fundação que receberia as terras situadas próximas ao Aeroporto de Congonhas e nela uma empresa, a Doli, construiria um Cemitério tipo jardim. Cerca de 20% do valor resultante das vendas dos jazigos viriam para os cofres da Fundação, cujo objetivo é, em primeiro lugar, adquirir imóveis que resultem no incentivo da educação teológica da IPI. Essa parceria possibilitou à Fundação, em 40 anos, a formar um capital de cinco milhões de reais em imóveis situados em São Paulo, Londrina e Fortaleza.

2

A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NO SUL – RETROSPECTIVA HISTÓRIA E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Rev. Silas de Oliveira

INTRODUÇÃO

A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil alimentada pela motivação profética de que devemos trazer “à memória o que nos pode dar esperança” (Lm 2.21), e sob o clima das comemorações do primeiro centenário do ensino teológico em nossa denominação, tem entre suas diversas responsabilidades o fato de cuidadosamente analisar sua caminhada educacional.

Na caminhada histórica da IPI do Brasil, o discurso teológico sempre foi marcado por inúmeras tensões. As discussões e as diferenças tão necessárias e produtivas (quando as mesmas são equilibradas e serenas), devem buscar sempre a unidade e a comunhão da Igreja de Cristo. Infelizmente, nem sempre foi assim! Em alguns momentos, as tensões provocaram sérias lesões ao corpo, prejudicando sensivelmente o seu desenvolvimento e crescimento saudáveis.

Ao ressaltarmos a importância da teologia na vida igreja, respeitando e enfatizando o contexto histórico e sócio-cultural em um país com dimensões continentais, desejamos facilitar nossa compreensão, bem como nossa visão quanto às necessidades, perspectivas e objetivos a serem alcançados. Desejamos, através deste material, recordar alguns fatos importantes que contribuam diretamente

para a história do ensino teológico na região sul do Brasil e mui especialmente na nossa denominação.

Destacamos três grandes e importantes momentos, que julgamos indispensáveis à elaboração do trabalho, provocando assim uma discussão em torno do futuro teológico em nossa região. O primeiro momento será marcado por uma rápida recordação histórica encabeçada pelo Instituto Bíblico “João Calvino”, que, com sua relevante presença, marcou a vida de diversos pastores da nossa denominação; depois, desejamos destacar o vazio histórico deixado pela desativação do Instituto até a formação do nosso Seminário na cidade de Londrina, PR; e, por fim, pretendemos pontuar algumas perspectivas e desafios futuros, tanto no Sul, quanto em toda IPI do Brasil.

1. SURGE O INSTITUTO BÍBLICO “JOÃO CALVINO”

Não é possível escrever esta página da nossa história eclesíástica sem um retorno aos anos 60, recordando, com alegria, o que a região já produziu em termos de educação teológica. Historicamente, encontramos uma década marcada por sonhos intensos, somados ao desejo enorme de se produzir uma teologia que promovesse o Reino de Deus no sul do Brasil.

A região, hoje abrangida pelo Sínodo Meridional, contou com os esforços do Instituto Bíblico “João Calvino” (IBJC), cuja idéia de criação se deu no ano de 1962, quando os Revs. João de Godoy e Antônio de Godoy Sobrinho, na época pastores de um vasto campo, sendo Arapongas a sua sede, sentiram-se motivados e apoiados pela estrutura do Colégio Evangélico de Arapongas para dar início a essa empreitada.

Os importantes dados históricos da época registram que, entre os dias 3 e 6 de janeiro de 1962, em uma reunião ordinária realizada na IPI de Paranaíba, o Presbitério de Maringá aprovou oficialmente a criação do referido instituto.

Imediatamente, no dia 10 de janeiro, aconteceu a primeira reunião com a presença dos Revs. João de Godoy (diretor do Colégio Evangélico) e Antônio de Godoy Sobrinho (pastor da IPI de Arapongas), além do professor Joel Ribeiro de Camargo. Como resultado dessa reunião, foi eleita a primeira diretoria do IBJC, que ficou assim constituída: Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, diretor; Prof. Joel Ribeiro de Camargo, secretário, e Prof. Moisés de Godoy, tesoureiro.

Os professores acima citados receberam como primeiros alunos, entre outros, os seguintes irmãos: Edener Moraes, Joel Ribeiro Camargo, José Zaponi, Josias Gouvêa Goulart, Mathias Quintela de Souza, Nicodemos Freire, Nilton Tuler, Othoniel Gonçalves e Saulo Franco.

A formação de pastores oferecida pelo Instituto Bíblico João Calvino atendeu à enorme demanda de obreiros por parte de toda a região do Sínodo Meridional

No primeiro livro de atas do IBJC, há o importante registro do culto de instalação oficial realizado no dia 25 de março. Nesta ata, encontramos um breve, porém, importante pronunciamento do Rev. João de Godoy, que apresentou os motivos pelos quais Arapongas foi escolhida para a instalação do Instituto. Vejamos:

“O Rev. João de Godoy faz breve histórico da instituição criada e fala da personalidade de João Calvino, suas obras e sua contribuição. Explica os motivos porque Arapongas foi escolhida para sede do IBJC, que são”: Primeiro – apresenta base espiritual segura; Segundo – a cidade oferece segurança e o conforto que um moço deseja; terceiro – A Igreja oferece o Ginásio Evangélico e a Escola Normal Secundária Vicente Themudo Lessa ao IBJC; finalmente, a Igreja possuiu um grupo de professores que podem estar à frente desta instituição” (página 3, Ata 3/62).

Ao longo dos anos, o projeto iniciado no coração desses dois pastores foi se consolidando, fixando a bandeira da educação teológica da IPI do Brasil na região. Infelizmente, com a crise provocada pelos movimentos pentecostais da época, o próprio uso do nome do Instituto foi prejudicado, podendo o mesmo só ser utilizado novamente após sua reabertura em 10 de agosto de 1972, sob a direção do Rev. Jonas Dias Martins.

Em relação à crise divisória, precisamos registrar a firme posição assumida pelo instituto através de sua liderança, procurando sempre dar novos rumos ao ensino teológico da denominação.

Infelizmente, a intransigência de uns, a indisposição ao diálogo e a falta de espírito cristão de outros acabaram provocando grandes estragos na caminhada da igreja. O resultado disso foram as divisões que aconteceram em igrejas da região e outras próximas como, por exemplo, em Maringá, Paranavaí, Arapongas, áreas pertencentes ao Sínodo Meridional, e em Assis e Bauru, pertencentes ao Sínodo Central.

A formação de pastores oferecida pelo Instituto Bíblico “João Calvino” atendeu à enorme demanda de obreiros por parte de toda a região do Sínodo Me-

ridional, onde tínhamos imensos vazios de liderança, pois os recursos humanos eram escassos para atender à demanda e às necessidades das igrejas. O resultado positivo pôde ser visto com o aparecimento de diversas igrejas e seu crescimento em toda a região.

O funcionamento do instituto deu-se até 1977, quando a então Mesa Administrativa da IPI do Brasil decidiu desativá-lo. Dos alunos que passaram pelo “João Calvino”, em número de sessenta e sete, muitos hoje ocupam cargos relevantes e estão exercendo cargos de liderança na igreja por todo o país.

2. DO VAZIO HISTÓRICO AO SEMINÁRIO DE LONDRINA

Com a desativação do Instituto Bíblico “João Calvino”, um vazio, no que diz respeito ao ensino teológico, pairou sobre toda a região. Apesar de muitos alunos terem sido encaminhados para o nosso Seminário de São Paulo e lá concluírem o curso, novamente a região padecia, com a ausência de uma produção teológica que refletisse os anseios e as necessidades de toda uma enorme região.

Com a desativação, já se pensava, desde 1978, em provocar a criação de uma escola superior de teologia em Londrina, pois, desde o início dos anos setenta, a cidade já estava se tornando um centro universitário. Através do Prof. Zaqueu de Mello, líder presbiteriano e fundador do Instituto Filadélfia de Londrina, foi solicitado ao Rev. Antônio de Godoy Sobrinho que encabeçasse uma discussão sobre a possibilidade de se criar uma escola interconfessional.

Em 1974, foi feita uma consulta às Igrejas Presbiteriana do Brasil, Metodista, Batista e Evangélica de Confissão Luterana, no sentido de se criar um seminário unido em Londrina, à semelhança do que ocorre em alguns importantes lugares do mundo. Marcada a reunião, somente a Igreja Evangélica de Confissão Luterana compareceu e aceitou participar do projeto.

Frustrado o projeto em seu nascedouro, as igrejas evangélicas de Londrina pensaram em criar um curso de bacharel em teologia no Centro de Estudos Superior (CESULON). A Igreja Presbiteriana Independente foi a mais entusiasmada, tendo inclusive enviado representante da Fundação Eduardo Carlos Pereira e do Seminário de São Paulo para uma reunião com as lideranças locais. Porém, este foi mais um projeto frustrado.

Com as diversas tentativas e dificuldades de se concretizar tal projeto, a IPI



Sala dos Professores do Seminário de Londrina: Revs. Silas de Oliveira, Uriel Silveira, Antônio de Godoy Sobrinho, José Roberto Cristofani, Júlio Paulo Tavares Zabatiero e Éber Ferreira da Silveira Lima

do Brasil, começou, através de algumas pessoas, a pensar seriamente em ter seu próprio projeto, ou seja, ter a sua própria escola de teologia instalada definitivamente em Londrina.

Para essa finalidade, o Rev. Antônio de Godoy Sobrinho deu início ao preparo de todo o currículo, com a duração do curso, elenco das disciplinas, departamentos, ementário, etc. Esse projeto foi encaminhado ao então Supremo Concílio, em sua reunião de 1978, na 1ª IPI de Osasco. Após longa discussão (cerca de 4 horas), o projeto foi aprovado com 38 votos a favor e 34 contra. Após a reunião, ficou a expectativa da implantação do mesmo por parte da Mesa Administrativa, o que infelizmente não veio a acontecer. A razão alegada foi a de que a igreja não estava em condições de levar a cabo tal decisão e o assunto acabou caindo no esquecimento durante algum tempo.

O assunto ficou arquivado de forma temporária, pois os ideais de uma nova liderança começavam a surgir na vida da igreja e o ensino constava na sua pauta como uma das prioridades na vida da instituição. O projeto veio à tona em 1981 e a determinação da instalação do Seminário deveria ser imediata. O sonho veio a se concretizar em 28 de fevereiro de 1982, com o culto de instalação do Seminário

na 1ª IPI de Londrina, local onde funcionou durante o seu primeiro ano, desaparecendo o vazio histórico.

Durante o culto de instalação, vários foram os momentos marcantes, mas três merecem destaque. O primeiro refere-se à última reunião entre a liderança da Igreja Presbiteriana Independente e o Presbitério de Londrina, realizada nas dependências da Primeira Igreja. Naquela ocasião, em um momento de profunda inspiração, o Rev. Jonas Dias Martins, já sofrendo com seus problemas de saúde, principalmente de visão, voltando-se para o auditório exclamou: “*Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, pois os meus olhos já viram a tua salvação...*”. Essa atitude emocionou profundamente a todos.

O segundo momento refere-se à primeira chamada dos alunos. À medida em que cada aluno foi sendo chamado, fazia-se ouvir a seguinte resposta: “*Venho em serviço do meu Rei*”.

O terceiro momento refere-se a mensagem proferida pelo Rev. Abival Pires da Silveira, na época presidente do Supremo Concílio, cujo tema do sermão foi “*Para uma teologia da crise*”. Referindo-se às diversas tendências teológicas existentes na vida da igreja, afirmou: “*a salvação não vem da direita, nem da esquerda, não vem da frente, nem da retaguarda, vem do alto, vem de Deus*”.

Após a instalação do novo seminário, o desejo de obtenção de uma sede própria começou a crescer no coração de muitos. Através da Fundação Eduardo Carlos Pereira, foi adquirida uma propriedade na região sul da cidade, tendo o Seminário a sua sede desde 1982, passando, posteriormente, o curso a ser ministrado em regime de tempo integral, com duração de quatro anos.

Naquela época, muitos acharam loucura tal investimento. Hoje, estamos localizados na melhor região da cidade e sua valorização cresce dia-a-dia.

Durante todo este período é preciso destacar a presença constante do Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, seu idealizador e diretor até seu falecimento em 10 de janeiro de 1999. Foram períodos de avanços, projetos, resistências e inúmeras lutas, em uma região marcada pelo avanço de movimentos pentecostais, que foram se infiltrando em muitas das nossas igrejas, abalando o já frágil alicerce da teologia reformada da região.

Nestes 23 anos de funcionamento, o Seminário já graduou 328 alunos, dos quais diversos estão ocupando cargos de liderança na vida da IPI do Brasil. Conta com uma extensão na cidade de Taguatinga, DF, além de Cursos de Mestrado e Especialização em Ministérios Urbanos. Todo o trabalho é desenvolvido pelos seus 13 professores, sendo quatro de tempo integral. O número total de alunos é de 114 em todos os nossos cursos, assim distribuídos:

● GRADUAÇÃO	
Londrina	66
Brasília (extensão)	22
● PÓS-GRADUAÇÃO	
Especialização – Londrina	4
Especialização – São José do Rio Preto	10
● RECICLAGEM	13
● TOTAL	114

Sem sombra de dúvida, aqueles que profetizaram a idéia de um projeto fracassado, falharam. Em meio às idéias de crescimento mais quantitativo que impera em nossas igrejas, os números demonstram a possibilidade de se fazer teologia reformada que inspire o nosso povo para o trabalho divino.

Podemos dizer que o projeto deu certo, porém não está consolidado. Há muito por fazer! Faz-se necessário uma avaliação séria do nosso projeto de educação teológica em todos os seus níveis, oferecendo à igreja opções claras do labor teológico. Daí chegamos ao terceiro momento do nosso trabalho.

3. PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O FUTURO

Neste terceiro e último ponto, queremos destacar algumas preocupações, bem como algumas propostas que julgamos necessárias à devida discussão, em tempo oportuno. O ato de produzir teologia carece de uma reflexão a partir da práxis pastoral. Sem esse diálogo, nossa teologia torna-se tão somente objeto das

nossas “sacristias”, sem o devido envolvimento com as necessidades humanas.

Depois de completarmos nosso primeiro centenário como igreja brasileira, carecemos avaliar com dedicação e esmero nossa caminhada, bem como quais são as perspectivas e desafios que o futuro teológico nos reserva. Entre as mais diversas questões a serem pautadas, algumas merecem destaque.

3.1 FORMANDOS VERSUS IGREJAS ORGANIZADAS

Estamos aqui sugerindo uma longa e animadora discussão em torno do assunto número de formandos “versus” número de igrejas organizadas. Logicamente não estamos falando em disputa, mas, sim, em uma reflexão matemática do tão falado crescimento numérico da nossa denominação.

Atualmente, contamos com três seminários, três extensões de teologia e três Centros de Treinamentos de Missionários (CTM). São nove instituições formando missionários ou graduados em teologia por todo o Brasil. Não podemos nos omitir diante da questão de que temos mais pastores que igrejas.

A busca pelos grandes centros, o desejo de formação adequada, questões familiares, etc. devem estar no bojo das nossas preocupações. É visível o número cada vez maior de alunos que chegam ao nosso seminário e não voltam para as suas regiões. Não estamos dizendo que isso seja ruim ou danoso à instituição, pois muitos estão pastoreando com seriedade e competência. Nossos questionamentos seguem em direção a uma discussão mais ampla. Falamos de um projeto missionário, que esteja acoplado ao ensino teológico de uma maneira sólida, para que um profundo processo inflacionário não paire sobre nós, se é que já não estamos sofrendo tais efeitos.

Analisando o atual momento, cabe aqui o seguinte questionamento: Qual é o projeto missionário da IPI do Brasil que colabora para o crescimento integral das nossas comunidades? Em Londrina, temos buscado estabelecer algumas parcerias para, por exemplo, a realização do estágio supervisionado que deve ser cumprido pelos alunos e alunas durante o segundo e terceiro anos. Aulas práticas em hospitais, asilos, etc. fazem parte do nosso trabalho, objetivando dar aos alunos e alunas uma visão integral do ministério. Partimos do princípio de que o diálogo teoria/prática deve ser desencadeado em sua totalidade, para que os novos pastores e pastoras percebam a responsabilidade ministerial em meio à miséria humana.

Contudo, cremos que tudo isso ainda não é suficiente, se não tivermos uma ação conjunta da igreja em todo o país. A igreja, nos seus mais diversos departa-

mentos, é convidada à produção de um projeto que tenha em suas raízes as orientações advindas do Reino de Deus.

Em Londrina, temos buscado estabelecer algumas parcerias para a realização do estágio supervisionado. Partimos do princípio de que o diálogo teoria/prática deve ser desencadeado em sua totalidade

3.2 QUESTÃO VOCACIONAL

Um segundo aspecto que merece nossa atenção é quanto à questão vocacional. Nesse ponto cabe uma pergunta inicial: será que o crescimento do número de alunos e alunas significa crescimento de vocação em nossas igrejas e presbitérios?

Nossa experiência, trabalhando com o ensino teológico tem mostrado que não. Alguns fatores têm contribuído para isso. Questões como influências ou “visões” familiares de que o filho ou a filha deveria ser pastor, influências de terceiros, emprego garantido e, infelizmente, pouco tempo de conversão são fatores visíveis para o aumento do número de alunos que podem ser percebidos em nossos vestibulares e testes psicológicos.

Naquilo que compete à responsabilidade conciliar, nenhum ensino teológico será eficaz se conselhos e presbitérios não forem mais rigorosos no exame de seus candidatos. A prova maior da necessidade de uma melhor filtragem está no fato de que presbitérios investem quatro anos em seus alunos e, no final do curso, alegam que o egresso do curso teológico não tem o perfil para a exercer o pastorado na região.

Ora, em qualquer região o candidato será ministro da IPI do Brasil. Consideremos que vocação se desenvolve também através de acompanhamento e pastoreio em uma possível parceria entre igreja local, presbitério (na pessoa de seus tutores) e instituição teológica. É bom lembrar que o investimento é muito alto – o que não condiz, em muitos casos, com o retorno almejado.

Ressaltamos, ainda, que o período acadêmico é uma excelente oportunidade para um sério mergulho no mundo da pesquisa, vida cristã e maturidade espiritual. O encontro com as ciências deve colaborar para o fortalecimento vocacional e levar o candidato a sentir-se totalmente seduzido por Deus. Um detalhe a ser destacado está no fato de que, em Londrina, o curso ser em regime de tempo integral.

3.3 FORMAÇÃO PASTORAL

Um terceiro aspecto a ser destacado diz respeito à formação pastoral. Apesar de haver uma determinação da Assembléia Geral no que se refere ao envio de candidatos às instituições da igreja, continuamos presenciando a entrada de muitos que nada conhecem do sistema presbiteriano de governo. Nossos cursos de reciclagem são frágeis para avaliar a capacidade dos alunos formados em outras instituições. O próprio termo “reciclagem” carece ser revisto, pois o mesmo tem uma profunda conotação depreciativa, quando em analisamos etimologicamente a palavra.

A teologia é uma ciência dinâmica e como tal precisa ser analisada e vivida dia após dia. Temos os nossos princípios, porém isso não nos impede de olharmos para igreja como possibilidade de avanço em suas propostas e esperança. O próprio texto bíblico, produzido durante o primeiro século e bem depois da presença física de Cristo, é uma demonstração de avanço e coragem em repensar a ação de Deus na história. Se fizermos uma pesquisa sobre a reciclagem dos nossos pastores, com certeza ficaremos assustados ou até mesmo preocupados com o baixo nível de conhecimento teológico e da tradição reformada.

Evidentemente, toda essa discussão deve ser em conjunto. A denominação precisa oferecer condições para tanto e o ministério pastoral precisa se decidir quanto ao seu interesse ou não pelo sistema presbiteriano de governo. Quando optamos por uma decisão partidária, compramos essa idéia e por ela lutamos, esforçando-nos à conquista de novos ideais. Se partirmos do princípio de que a igreja é a cara do seu pastor, é possível visualizar o ministério que temos em muitas das nossas igrejas. Diz-se que teologia é coisa de seminário, mas para isso somos desafiados a repensar nossa formação pastoral dizendo à igreja que ela também faz teologia. Queremos com isso dizer que todo o povo de Deus é convocado ao exercício teológico frente às necessidades humanas.

Criou-se ao longo da história uma linha divisória entre o pensar acadêmico e à prática pastoral. Nossa formação pastoral deve-nos levar à práxis compartilhada, partindo do princípio de que o processo pedagógico da teologia e conseqüentemente da prática pastoral se faz através de três grandes passos.

O primeiro refere-se à *edificação do chamado Corpo de Cristo*. Analisando os diversos textos do Novo Testamento que tratam do assunto, percebemos que o processo de ensino cristão está diretamente ligado à edificação da igreja como corpo vivo de Cristo, e a serviço do Mestre. Cristo convoca seus seguidores, par-



Sala de aulas do Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, em Londrina, com o Rev. Prof. Jeremias Klein

tindo do princípio que seu povo é luz do mundo e sal da terra, e que o mesmo se edifica em um corpo bem ajustado e consolidado (Ef 4.7-16), visto a descoberta através do ensino de quais são os melhores dons (1 Co 12).

Tal edificação, teologicamente falando, proporciona à igreja maior coesão em sua missão de promover o Reino de Deus entre homens e mulheres do nosso tempo. Um corpo doente, desarticulado e incoerente com os princípios bíblicos e teológicos da nossa tradição reformada dá à luz uma igreja deformada e insegura frente aos ventos de doutrinas do nosso tempo.

O segundo aspecto está diretamente ligado à *vivência de uma ética cristã*. Apesar de falarmos a respeito de escolas teológicas e das mais diversas formas possíveis de ensino, é preciso reconhecer que a sociedade moderna vive imersa em uma enorme crise ética. Esta se apresenta em forma de discurso, de promessas, de comportamentos, de crises familiares e sociais, enfim, em diversas formas que influenciam o discurso social.

Partindo do princípio de que ética e moral caminham juntas, ficamos ainda mais assustados, principalmente em relação às questões pastorais. Com tristeza precisamos reconhecer que, se há uma classe na qual a ética tem sido desprezada, essa classe chama-se ministério pastoral.



Revs. Silas de Oliveira, Éber Ferreira da Silva Lima, Júlio Paulo Tavares Zabaterio, Antônio de Godoy Sobrinho, Uriel Silveira e Rubens Rupprecht

Como edificar o corpo de Cristo, se princípios básicos da ética cristã são deixados de lado? Como sonhar com a unidade do povo de Deus, se, como líderes, nossos sonhos são individualizados?

Se ética é a ciência que analisa o comportamento humano, cabe ao mundo teológico desenvolver princípios básicos de vivência em sociedade. Se a nossa formação pastoral desenvolver tais princípios, com certeza teremos reuniões onde discutiremos mais projetos do que problemas e individualidades.

O terceiro e último aspecto a ser destacado refere-se à *promoção e restauração da dignidade humana*. Vivemos em um sistema onde o ensino tem sido elemento de preocupação de poucos interessados. Infelizmente, muitas igrejas e escolas não têm conseguido promover, através da educação, a restauração da dignidade do ser humano e seu reencontro com Deus, com o próximo e consigo mesmo. É só observar as inúmeras influências maléficas que penetram nas escolas, como, por exemplo, as drogas, a pregação da liberdade sexual, a desvalorização da família, etc. Aqui está um dos grandes alvos da educação teológica, partindo dos princípios do Reino de Deus.

A presença do Mestre no meio da sociedade mostrou-nos qual grande é o desafio da verdadeira educação. Em outras palavras, é preciso fugir da tentação de

transmitir conhecimentos, levando o indivíduo à produção do mesmo, visando a sua restauração completa. Quando homem e mulher passam de uma vida contemplativa, sem questionamentos, para uma vida participativa, onde cada momento é um desafio a ser vencido, podemos dizer que estamos produzindo uma teologia que compartilha a visão do Reino e, conseqüentemente, estamos criando uma sociedade mais abençoada.

O caminho para se reconhecer a validade de um processo educativo está em observar seus resultados práticos. O trabalho do teólogo deve ser avaliado pela sua preocupação com a dignidade do outro e conseqüentemente com sua restauração. Para isso, ele precisa se preocupar com sua atualização constante e com seu relacionamento com o educando. A relação educador-educando é fundamental para que o conhecimento mútuo gere não somente confiança, mas aprendizado prático, através das mudanças de atitudes por parte de quem está sendo ensinado. Podemos afirmar que o relacionamento afetivo é fundamental à moda de Cristo, diante da insensibilidade social.

Ao reconhecer que, através da educação teológica, tem-se uma enorme oportunidade de produzir vida em meio à morte, o teólogo vai descobrindo que o Reino de Deus é maior que a própria instituição à qual pertence, onde o mundo do imprevisto é abandonado e a elaboração de projetos é colocada em prática. Ele age em esperança, convicto da possibilidade de obter resultados diante da semente plantada.

CONCLUSÃO

Ao finalizarmos este trabalho, onde destacamos cerca de quatro décadas do trabalho teológico em nossa região, somos desafiados à elaboração de projetos que promovam a expansão do Reino de Deus. Os apontamentos destacados fazem parte de algumas das nossas preocupações, como desafios para uma Teologia Centenária. Cem anos é uma idade mais que adulta! Quem chega a essa idade de forma sóbria oferece condições suficientes para avaliar a história e proporcionar conselhos que vislumbrem o futuro.

Cem anos não é idade para aventuras adolescentes, projetos da juventude sem solidez e muito menos uma vida adulta repleta de frustrações. Pelo contrário, é idade para se saber que não é tempo de gastar o dinheiro naquilo que não é pão (Is 55.2); é tempo de maturidade e dignidade cristãs; é oportunidade de se fazer



Vista parcial da propriedade que abriga o Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, em Londrina

teologia para e com as novas gerações, motivados pela abertura de novos horizontes, sob a direção do Espírito de Deus. Que a teologia que produzimos possa nos aproximar um do outro e todos de Deus.

O Rev. Silas é o presidente do Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, em Londrina, PR

Observação

A primeira e segunda partes do trabalho foram desenvolvidas através de pesquisas feitas nos livros de atas da época, tanto do IBJC, quanto do STAGS. Entretanto, as informações obtidas de forma oral foram de extrema ajuda. Colhemos informações com irmãos queridos que deram sua brilhante contribuição à elaboração deste pequeno artigo. Quatro pastores da nossa denominação, muito nos ajudaram. São eles: o saudoso Antônio de Godoy Sobrinho (com ótimas e inspiradoras conversas), Abival Pires da Silveira (pela sua marca frente à liderança da igreja), Othoniel Gonçalves (pelo seu pastorado eficaz na região sul do país) e Uriel Silveira (pelo seu histórico no nosso Seminário em Londrina). A eles a gratidão da IPI do Brasil.

3

A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E A IPI DO BRASIL NO NORTE/NORDESTE

Rev. Áureo Rodrigues de Oliveira

INTRODUÇÃO

Algumas expressões atravessaram os anos, permanecendo com uma surpreendente atualidade. A frase de Eduardo Carlos Pereira “a educação dos filhos da igreja, pela igreja e para a igreja” se insere aqui. Se a interpretação dessa frase está correta, Eduardo Carlos Pereira enfatizava a necessidade da igreja empenhar-se na formação da sua liderança e a importância de que essa formação fosse dentro de determinados parâmetros e objetivos. A igreja brasileira, propugnava ele, não podia de forma alguma ficar na dependência dos contingentes missionários. Era preciso preparar os seus próprios quadros. Deste projeto dependia não apenas o suprimento de pastores para as novas comunidades, mas a própria sobrevivência e expansão da igreja. A indefinição da nascente igreja presbiteriana com relação aos seminários, sua localização, filosofia de ensino, etc., foi um fator de crise no presbiterianismo que, aliado a outros fatores, levou à ruptura de 1903.

A IPI do Brasil, desde os primórdios, sempre manifestou essa preocupação com a educação teológica. O seminário era denominado “a menina dos olhos da igreja”. Essa preocupação, é claro, não se aplicava unicamente ao seminário em si, mas estava também relacionada à qualidade do ensino e dos candidatos ao

ministério. Alguns pronunciamentos refletiram essa preocupação. Um editorial de *O Estandarte* ilustra isso, ponderando a necessidade de que os candidatos ao ministério fossem escolhidos com muito critério e que fossem piedosos, dotados de espírito prático e possuidores de boa cultura, tanto geral como teológica, que lhes dessem condições de examinar criticamente o passado, construir o presente e preparar o futuro.¹ Principalmente este último aspecto cabia ao seminário, em sua tarefa de proporcionar a necessária cultura teológica para enfrentar os desafios do ministério.

Este artigo, a partir de uma abordagem histórica da IPI do Brasil na região Norte/Nordeste, pretende mostrar como a questão da educação teológica e a conseqüente preparação de obreiros para atender as necessidades da igreja estiveram profundamente relacionadas, favorecendo ou limitando o desenvolvimento da igreja. Ou seja, grande parte das dificuldades na expansão e consolidação da IPI do Brasil na região se deveu basicamente à falta de obreiros preparados para atender as necessidades.

Obviamente, as informações históricas aqui tem várias lacunas. Os familiarizados com o assunto perceberão facilmente. Há, porém, uma carência de material escrito. A contrário de Lucas que, no prefácio de seu evangelho, diz que “muitos empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram”, poucos em nossa igreja têm se aventurado a escrever sobre a história da IPI do Brasil no Norte/Nordeste. Um dos poucos, para não dizer o único levantamento a que tivemos acesso, é o trabalho do Rev. Frank Arnold, do qual este artigo depende substancialmente no que se refere às informações sobre dos fatos históricos.² A ele devemos grande parte dos dados aqui contidos, bem como a indicação de fontes primárias. Conversas com alguns líderes e testemunhas de episódios passados ajudaram também no esclarecimento de alguns fatos. As omissões e lacunas são, todavia, de nossa única responsabilidade.

1. O ESTABELECIMENTO DA IPI DO BRASIL NO NORTE/NORDESTE

A IPI no Norte/Nordeste começa em S. Luiz, MA. Esta foi a primeira comunidade a aderir aos independentes, mediante decisão de sua assembléia, no dia 24/9/1903, apesar da resistência do seu pastor. A partir desse momento, a história vai depender fundamentalmente de pastores enviados do Sul,³ tanto para fazer

contactos com simpatizantes do movimento independente colhendo adesões, como para o recebimento de novos conversos.

O Rev. Vicente Themudo Lessa, natural de Pernambuco, era o único nordestino entre os sete pastores que organizaram a IPI do Brasil em 1903 e, certamente devido a essa condição, foi o primeiro a ser enviado ao Norte/Nordeste para contatar os simpatizantes do movimento independente. Como consequência de sua viagem, em abril de 1904, foi organizada a IPI de Aracaju, SE. No mês seguinte, foi organizada a IPI de Pão de Açúcar, AL. Lessa visitou Fortaleza em junho de 1904, onde se registra o batismo de uma criança, filho do Presb. Cândido Olegário Moreira, mais tarde um dos líderes do trabalho independente no Ceará. Em 1907, foi designado para o campo de São Luiz, MA, onde permaneceu até 1912, retornando para São Paulo.⁴

O Rev. José Maurício Higgins foi o segundo enviado, em 1905, tendo passado por várias capitais, incluindo Fortaleza, onde realizou algumas conferências e alcançou Belém, PA, com o objetivo também de contatar ali os simpatizantes do movimento. Não apenas recebeu as adesões, mas também batizou novos membros. Organizou uma igreja que permaneceu vários anos sem pastor, recebendo apenas visitas esporádicas, do Rev. Vicente Themudo Lessa, pastor então de São Luiz, MA.⁵

O Rev. Bento Ferraz foi o terceiro nesta lista de enviados. Na sua passagem por Aracaju, colheu uma das adesões mais preciosas ao movimento independente: o Rev. Manoel Machado – mais tarde conhecido como o “Leão do Norte” devido ao seu vigor e importância para o trabalho independente na região, desempenhando um dos pastorados mais longos e profícuos no Norte/Nordeste.

Bento Ferraz chegou a Fortaleza em março de 1906. Sua presença logo despertou interesse entre crentes presbiterianos que haviam ouvido falar do movimento independente. As habilidades oratórias, que lhe eram peculiares, fizeram-no bem sucedido na série de conferências promovidas sobre a questão maçônica, na residência de uma família presbiteriana receptiva à nova denominação.

O missionário presbiteriano Dr. Baird chamou do interior cearense o Rev. Alfredo Ferreira para ajudá-lo no embate e conter a ameaça de evasão de membros. Surpreendentemente, o Rev. Alfredo, após ter ouvido as palestras, no dia da organização da nova igreja, aderiu ao grupo dos vinte seis membros comungantes e vinte nove menores, tornando-se assim o primeiro pastor da igreja. Era 26/3/1906.⁶

O período de adesões logo se esgotou. Por volta de 1912, nove igrejas completavam o rol. Todas eram resultado do processo de adesão ao movimento inde-

pendente. O Presbitério do Norte, que fora organizado em 1908, contava com três pastores: Vicente Themudo Lessa, Alfredo Ferreira e Manoel Machado.

2. A CARÊNCIA DE OBREIROS

Com o retorno de Themudo Lessa (1912) para São Paulo e, mais tarde (1918), quando dos três pastores do Presbitério, dois deles, o Rev. Alfredo Ferreira e Alfredo do Vale (que estava na região desde 1913), aceitaram convites de igrejas do Sul, agravou-se sobremaneira o atendimento pastoral, que já era difícil em uma região tão extensa. Permaneceu na região apenas o Rev. Machado, com uma responsabilidade pastoral que se estendia da Bahia ao Pará. As constantes e cruéis secas que se abateram sobre a região forçavam a migração não apenas para os centros urbanos localizados na região litorânea, mas também na sua maioria para o “Sul maravilha”, como assim se dizia. As igrejas não deixavam de sofrer esse esvaziamento forçado e o Rev. Machado lamentava que a igreja do Sul havia se tornado no “paraíso do nortista que não ama seu Norte”.⁷

O incansável Rev. Machado estava sempre propondo e buscando soluções para a IPI no Norte/Nordeste.

Inicialmente propôs ao presbitério a utilização dos evangelistas leigos, o que esbarrava, inevitavelmente, no problema do sustento. A maior parte do sustento dos pastores ainda dependia de complementação procedente da Comissão de Missões Nacionais.⁸

O próprio Rev. Machado sofreu não apenas durante o seu ministério a escassez dos recursos, mas, mesmo depois de jubilado, teve de ser socorrido por campanhas. O relatório de Betel, em 1953, apontava um item denominado “amigos do Rev. Machado”, no qual essas contribuições, através de Betel, suplementavam o sustento de sua numerosa família.⁹

Portanto, a proposta de utilização de obreiros leigos não conseguiu ser implementada definitivamente. A falta de assistência pastoral não apenas limitava a expansão do trabalho, uma vez que o modelo presbiteriano sempre concentrou no pastor as iniciativas e atividades, mas também acabou também gerando condições para a evasão de muitos membros, que encontraram assistência pastoral mais freqüente ou próxima em outras igrejas.

O avanço do movimento pentecostal, que teve seu início no Norte (Belém, 1911) e rapidamente se estendeu pelo Nordeste, registra inúmeros casos de várias

famílias ou congregações desassistidas pastoralmente que foram presas fáceis do movimento pentecostal. O Rev. Machado, compreensivelmente, publicou em O Estandarte uma série de contundentes artigos contra essa “seita” e a “invasão pentecostista”.¹⁰ Em outro arti-

go, lamentava o assédio dos “hereges sabatistas”, que haviam desviado membros do seu rebanho em Belém. Ele concluía, dizendo: “Isso mostra a necessidade que há de haver ali um trabalhador consagrado inteiramente ao trabalho”.¹¹

Com a chegada dos novos obreiros como Elias Tavares (1922), José Cruz (1925), Severino Alves de Lima (1925) e Sebastião Gomes Moreira (1929), o Presbitério do Norte, que fora dissolvido em 1919, tendo suas igrejas sido arroladas no Presbitério do Leste, pôde novamente ser reorganizado, em 1929, e ganhar novo impulso.

Longe do único seminário da denominação localizado em São Paulo, contando com as dificuldades de retorno à região depois do curso em São Paulo (“paraíso dos nortistas que não amam sua região”, segundo o Rev. Machado), os seminários de outras denominações surgiram como única alternativa ao treinamento dos seus candidatos, sem retirá-los do seu meio ambiente, facilitando, assim, a permanência deles na região.

O Seminário Presbiteriano do Norte em Recife serviu para formação de vários pastores naquele período, entre eles: Sebastião Gomes Moreira, Severino Alves de Lima, Aureliano Alves de Jesus, Joel de Melo Miranda. Outros, como os Adiel Tito Figueiredo e Jonan Cruz, iniciaram seus estudos em Recife, concluindo-os, porém, em São Paulo.

Segundo o Rev. Jonan, houve alguma tentativa de aliciamento por parte de alguns de alguns professores/pastores presbiterianos diante das dificuldades financeiras da IPI do Brasil em sustentar não apenas seus candidatos, mas também seus pastores. O Presbitério, tendo tomado conhecimento dessa possível investida, precaveu-se, transferindo seus candidatos para São Paulo.

Mais tarde os candidatos Moacir Viana, Almir André Santos, Silas Menezes, Vicente Felipe, Francisco Pereira e José Afonso foram enviados, por essa razão, ao Seminário Congregacional do Recife. Ressalve-se que este último, inicialmente, não era candidato da IPI do Brasil, vindo, no entanto, a ser admitido e ordenado por ela, pastoreando a 1ª Igreja em Fortaleza, onde, sob seu pastorado, foi fundado

Longe do único seminário da denominação em São Paulo, os seminários de outras denominações surgiram como única alternativa ao treinamento dos candidatos do Norte e do Nordeste

o Instituto Bíblico Independente do Norte, em uma das tentativas de solucionar o problema da formação de obreiros para a igreja.

Posteriormente, já nas décadas de 70 e 80 outros candidatos foram enviados ao Seminário Presbiteriano do Norte, onde concluíram seus estudos e continuaram servindo a IPI do Brasil: Jorge Antônio Rodrigues Barbosa, José Wilson Andrade, Rubem Maia, José Antônio Gonçalves, Valdir França, Milton Barroso, Luiz Florêncio e outros.

A formação em outros seminários nunca foi considerada uma solução satisfatória. Sempre houve receios quanto à falta de identidade e ao compromisso com os ideais da IPI do Brasil. O Rev. Adiel, em artigo publicado em *O Estandarte*, lamentava a fragilidade da igreja da região, que era, de certo modo, agravada por essa situação.¹² Não raras vezes, o desconhecimento do sistema presbiteriano se refletiva nas reuniões conciliares e no próprio dia-a-dia das igrejas. Uma igreja liderada por um pastor oriundo e formado por outra tradição, por ocasião da reunião do Presbitério, na impossibilidade de se enviar o presbítero representante, designara um diácono para representá-la e, em outra circunstância, delegara, através de carta, plenos poderes ao seu pastor para representá-la no concílio.

No aspecto doutrinário, a prática do batismo infantil e a forma da aspersão, bem como a doutrina da eleição, sempre representaram “pedras de tropeço” para muitos líderes.

Embora a IPI do Brasil, nos seus primórdios, tivesse normas mais flexíveis para a ordenação ao ministério da palavra, pesou sempre a tradição e a expectativa de que seus pastores tivessem o preparo teológico formal adequado. Essas preocupações faziam parte da agenda de Eduardo Carlos Pereira e foram naturalmente assimiladas pela IPI do Brasil. As circunstâncias, no entanto, ditaram outro caminho e não apenas no Norte/Nordeste, onde a escassez de obreiros era mais evidente, mas também na região Sul. Vários pastores – inclusive alguns que se projetaram como líderes denominacionais como Jorge Bertolaso Stella e Jonas Dias Martins – foram ordenados sem o devido preparo formal.

Não foi diferente no Norte/Nordeste, como dissemos. A distância do único seminário da denominação, o risco do não retorno dos candidatos após a conclusão do curso, a extensão dos campos e a dificuldade de atendimento produziram a necessidade de se recorrer à ordenação de leigos. Assim vários foram ordenados, entre eles: Cândido Olegário Moreira, Anísio Ferreira, João Monteiro Júnior, Alfredo Maciel, Francisco Nunes, Antônio Pio Medeiros, José Fernandes Machado e outros. Geralmente eram presbíteros experimentados, bons pregadores, evangelistas que possuíam algum treinamento teológico ou até formação universi-

tária em outras áreas.

A falta de obreiros se refletiu no fato de que várias igrejas ou congregações tiveram início, mas logo desapareceram. Em alguns casos, foram reiniciadas mais tarde; outras desapareceram definitivamente.

Canasvieiras, BA, fundada em 1907,

foi dissolvida em 1940; Manaus iniciou em 1908, mas não teve continuidade e só foi reiniciada em 1952; Maceió, AL, em 1924 e reiniciada em 1977; João Pessoa, PB, em 1908 e, depois de várias tentativas sem sucesso, funciona ainda como trabalho missionário desde 1997; Mossoró, RN, em 1924 e depois em 1992. Em Teresina, PI, houve adesões ao movimento em 1904, chegou a existir uma congregação que desapareceu, sendo reaberta somente em 1969 e organizada em igreja em 1985.¹³

Estes são alguns dos exemplos entre outros de trabalhos iniciados e interrompidos basicamente por falta de uma assistência efetiva.

Havia muitas queixas de abandono por parte da igreja do Sul. O Rev. Manoel Machado expressou-as através de artigos em *O Estandarte* e em cartas. O Rev. João Godoy, anos depois, ainda continuava lembrando a velha súplica bíblica: “Passa à Macedônia e ajuda-nos”.¹⁴ Esses apelos eram ora atendidos através de ofertas esporádicas que não solucionavam de fato o problema, ora ignorados, em parte devido ao preconceito que se estabeleceu rotulando o nordestino como pedinte e acomodado. Preconceitos esses que, diga-se, ainda hoje persistem.

O Rev. Adiel, por ocasião do Jubileu de Ouro da IPI do Brasil, escrevia em *O Estandarte* que, apesar da igreja estar concentrada no Sul, seus líderes não podiam perder a visão do conjunto, pensando apenas regionalmente. Defendia uma tese já corrente de que todos os candidatos, ao concluírem seu curso ou durante o curso, deveriam fazer um estágio de pelo menos dois anos na região, não apenas como forma de integração, mas para ajudá-los na visão da igreja como um todo.¹⁵ Esta tese já havia sido esposada pelo Presb. Benjamin Themudo Lessa, o qual, tendo raízes nordestinas, conhecia a situação de perto. Reconhecia ele, em artigo publicado em *O Estandarte*, que esta, entretanto, não era a solução ideal e, sim, a instalação de um curso de teologia, sendo o lugar mais apropriado a cidade de Fortaleza.¹⁶

Embora a IPI do Brasil, nos seus primórdios, tivesse normas mais flexíveis para a ordenação ao ministério da palavra, pesou sempre a tradição e a expectativa de que seus pastores tivessem o preparo teológico formal adequado

3. AS PRIMEIRAS INICIATIVAS DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

O Rev. João de Godoy, que havia chegado em Fortaleza em 1945, sendo aqui ordenado, sentiu de perto o desafio e a necessidade do preparo de obreiros. Inspirado pela Escola Missionária de Assis (“A Antioquia da Sorocabana”)¹⁷ onde fora aluno, fundou, em 1947, uma escola missionária com o mesmo objetivo, esperando que Fortaleza também se constituísse na “Antioquia do Nordeste”.¹⁸

Todavia, esse projeto não teve continuidade e não há registros de frutos dessa iniciativa do velho Godoy. Seu sonho, entretanto, não desapareceu e, anos mais tarde, na década de 60, quando era pastor no Norte do Paraná, fundou, em Arapongas, juntamente com seu filho Antônio de Godoy Sobrinho, o Instituto Bíblico João Calvino, que proporcionou a formação de inúmeros pastores que ainda hoje servem a IPI do Brasil.

O Presbitério do Norte, em sua reunião ordinária de 1961, aprovou um projeto do conselho da 1ª IPI de Fortaleza, criando o Instituto Bíblico Independente do Norte.

Com duração prevista para quatro anos, o curso oferecido requeria, no entanto, apenas o ginásial para ingresso e apresentava uma estrutura curricular semelhante à de qualquer outro seminário do gênero. O projeto ainda visava não apenas a educação teológica, mas também a secular a longo prazo.

O Presb. Waldir Matos Magno, filho de um dos casais fundadores da 1ª IPI de Fortaleza, assumiu a liderança do empreendimento juntamente com o Rev. José Afonso do Nascimento, pastor local. Todavia, a renúncia deste ao pastorado por questões pessoais comprometeu o projeto e, mais uma vez, o sonho de se ter uma instituição teológica treinando obreiros na região foi postergado.

Em março de 1964, o Presb. Waldir Magno liderava o comitê de recepção, no porto do Mucuripe, ao recém ordenado Rev. Ezequiel Tamarozzi e família, procedente do Presbitério Leste, em São Paulo, que se transferia para Fortaleza a pedido do Presbitério do Norte, para ali iniciar um dos capítulos mais importantes não apenas na história da 1ª IPI de Fortaleza, mas também para ali estabelecer o marco de um esforço significativo na formação de um ministério autóctone.

No ano seguinte, no aniversário da 1ª IPI de Fortaleza, 26/3/1965, tiveram início as atividades do Instituto Bíblico Presbiteriano Independente Norte Nordeste, com sete alunos matriculados.

Mais tarde mudou-se o nome para Seminário Presbiteriano Independente



Inauguração do Seminário de Fortaleza, em 2/3/1986, na 1ª IPI de Fortaleza: Revs. Abival Pires, José Wilson, Assir Pereira, Presb. Naur Valle, Revs. Sergio Francisco Santos, Frank Arnold e Moacir Viana

Rev. Manoel Machado, em homenagem justa àquele que sempre sonhara com uma igreja auto-suficiente e forte na região.

Três anos após sua fundação, em dezembro de 1968, a primeira turma se graduava. Na ocasião, o Rev. Tamarozzi dizia: “Pela primeira vez em sua história, o Instituto Bíblico Presbiteriano Independente Norte Nordeste se reúne para uma solenidade de formatura. Ela é o resultado de um esforço conjunto da liderança da igreja – que propiciou os recursos financeiros – e da plêiade de idealistas do Instituto Bíblico Presbiteriano Independente Norte Nordeste, a quem coube os embates na frente da batalha”.¹⁹ Funcionava nas dependências da 1ª IPI de Fortaleza. As condições, na ocasião, não eram exatamente adequadas para tal, agravadas pela necessidade do recebimento de alunos de outras cidades e estados.

Outros graduados foram entregues à IPI do Brasil bem como a outras denominações: Rubens Diender de Oliveira, Iloivaldo Araújo Rodrigues, Raimundo Nonato Damasceno, José Xavier de Freitas, João Correia Lima, Joel Antônio de Freitas, Adauto Rodrigues, etc.

As velhas e conhecidas dificuldades financeiras sempre se fizeram presentes e não raras vezes, o Rev. Tamarozzi esteve a ponto de desistir. Pastoreando um campo com várias congregações, trabalhando em um emprego público para o sustento da família, liderando um seminário praticamente sozinho e sem recursos

assegurados de forma permanente,²⁰ não é de se estranhar a grande quantidade de lutas e obstáculos. Todavia, Tamarozí era um idealista e batalhador.²¹

O próprio Presbitério do Norte, em determinadas ocasiões, via com ceticismo o projeto. A falta de pessoal qualificado para o ensino²² bem como a precariedade de recursos e instalações fizeram com que o Presbitério do Norte, em sua reunião de 1973, opinasse pela extinção do seminário, causando uma repercussão negativa entre a liderança da IPI do Brasil no Sul.

O pior, no entanto, ainda estava por vir. Os ventos da chamada renovação pentecostal, que sopraram forte sobre a IPI do Brasil no Sul, dividindo várias igrejas e fazendo desaparecer outras, trouxeram medo e inquietação em todo o arraial independente. Vários concílios, tentando se precaver, tomaram medidas restritivas. Em muitos casos, eram elas justificáveis; em outros, porém, beiravam a uma paranóia antipentecostal. O que ocorreu na 1ª IPI de Fortaleza poderia ser incluído aí.

Instigado por alguns líderes extremamente avessos a qualquer alteração litúrgica, o Presbitério do Nordeste (1975) destituiu todo o Conselho da 1ª IPI de Fortaleza, afastou o Rev. Tamarozí, sob alegação de atitudes pentecostalizantes, chegando, mais tarde, a despojá-lo do ministério.

Nomeou-se uma comissão interventora que, entre outras decisões, disciplinou vários membros da igreja que haviam tomado partido do seu pastor.

O Sínodo Setentrional, todavia, refez a sentença, restaurando o Rev. Tamarozí. Contudo, já não havia mais condições para reempossá-lo na igreja. Em todas as decisões de força há, inevitavelmente, vítimas e, entre elas, naturalmente, achava-se o seminário e um projeto de educação teológica. Como o seminário até então tinha sido conduzido graças à persistência e visão de Tamarozí, o acordo com a 1ª IPI para o funcionamento do seminário em suas dependências não foi mais viável. Sem lugar adequado para funcionar, as aulas foram suspensas e novamente o sonho de se ter uma instituição preparando homens e mulheres para os diferentes ministérios da igreja dentro do seu próprio contexto teve que ser adiado.

4. UMA NOVA TENTATIVA

Os anos 60/70 foram cenários de profundas transformações sociais e políticas no Brasil. As igrejas não fugiram à regra. Como instituições sociais que são, absorveram e reproduziram a seu modo essas transformações, assumindo elas con-

figurações religiosas e discursos que justificavam ou tentavam enfrentar esses acontecimentos extremamente perturbadores. Este é um tema demasiado amplo para ser tratado aqui, dada a natureza deste artigo, todavia podemos alinhar alguns fatos que nos permitem ver alguns acontecimentos dentro de uma conjuntura maior.

- a) A exaustão do modelo agrícola cafeeiro levou milhares de famílias no Sul a abandonarem a zona rural, acentuando a migração para os centros urbanos, em parte também atraídos pelas oportunidades geradas no processo de industrialização, ou ainda para a região Centro-Oeste, a nova fronteira agrícola do país. Como Mendonça demonstra, o protestantismo foi implantado seguindo no rastro de uma expansão cafeeira do Sul brasileiro.²³

Porém, agora se dá uma rota inversa: muitas IPIs dessas regiões cafeeiras desapareceram; outras tiveram uma considerável redução e, conseqüentemente, algumas igrejas localizadas nos centros urbanos polarizadores tiveram um expressivo acréscimo de membros. Em algumas igrejas da região Centro-Oeste, sua membresia foi praticamente transplantada para esses novos “eldorados”.

- b) A efervescência ideológica, os debates sobre modelos políticos alternativos, a revolução cubana, os protestos contra o intervencionismo americano (Vietnã, República Dominicana, Cuba, etc.) acentuaram tensões internas e produziram várias reações direitistas, lideradas na maioria por militares formados pela ideologia da segurança nacional, cuja matriz era a malfadada Escola das Américas nos EUA. Vários golpes militares se sucederam em toda América Latina, levando inevitavelmente à repressão e silenciamento dos opositores.

A igreja protestante brasileira, de certa maneira, assimilou e reproduziu o modelo repressivo e várias lideranças foram cassadas. A Igreja Presbiteriana do Brasil viveu mais intensamente esse problema retratado por João Dias de Araújo na sua obra “Inquisição sem fogueiras”.²⁴ No âmbito da IPI do Brasil, em proporções menores, houve alguns conflitos, mas o que decididamente marcou foi um episódio envolvendo quase todos os estudantes do Seminário de São Paulo, localizado no Jardim Bonfiglioli, em 1968. Foi uma crise entre alunos e direção/professores que redundou no fechamento temporário do seminário e a expulsão de seus alunos.²⁵

- c) Como componente ou resultante talvez do quadro acima, registra-se o surgimento do movimento pentecostal dentro das denominações históri-

cas. Impedidos de se expressarem politicamente, experimentando a exaustão de um modelo eclesialítico-litúrgico e ansiosos por uma presença mais significativa ou visível na sociedade, muitos pastores, líderes, membros embarcam no modelo pentecostal. Este modelo, embora se distanciando de uma herança litúrgica e teológica, era um canal de manifestação que agora assumia um discurso de espiritualidade e de consagração.

Todas denominações tradicionais, sem exceção, experimentaram as tensões do chamado movimento de “renovação espiritual”. Algumas conseguiram assimilá-lo e domesticá-lo. Outras, e aqui incluindo a IPI do Brasil, que convivi- am com o fenômeno desde meados da década de 60, caminharam para uma ruptura. No caso da IPI do Brasil, isso aconteceu em 1972, surgindo a Igreja Presbiteriana Independente Renovada. Mais tarde, em 1976, ela fundiu-se com os renovados dissidentes da Igreja Presbiteriana do Brasil, formando, assim, uma nova denominação: a Igreja Presbiteriana Renovada.

O restante da década de 70, no âmbito da IPI do Brasil, foi consumida no empenho para curar as feridas de uma divisão que deixou profundas cicatrizes, desconfiânças e amarguras. Igrejas inteiras abandonaram a denominação; outras ficaram divididas; outras enfrentaram processos judiciais para a retomada de patrimônio em meio a muitas acusações mútuas, etc.

Vários concílios baixaram resolução proibindo que pastores renovados ocupassem o púlpito independente ou mesmo que houvesse qualquer relacionamento eclesialítico com os renovados.

No campo da educação teológica, o Seminário de São Paulo, em sua longa peregrinação, agora funcionando na rua Arthur Prado, passou por mais uma série de crises, refletindo as próprias tensões da igreja. A emergência de novas propostas teológicas representava ameaça e redundou na saída de alguns professores. Pairava desconfiança sobre a responsabilidade do seminário no acompanhamento da vida dos alunos internos. Circulavam pela igreja boatos e cartas anônimas, fazendo acusações de comportamentos nada ortodoxos por parte do corpo discente.

A Fundação Eduardo Carlos Pereira, responsável pelo ensino teológico, decidiu transferir a sede do seminário, que, mais uma vez, retornou às dependências da 1ª IPI de São Paulo (1976), iniciando um novo tempo, porém, de curta duração. Uma nova crise (1978) eclodiu fechando o seminário durante um mês.

Todos esses fatores apontavam para um fato: era preciso repensar a igreja, reformular a educação teológica, abrir novas fronteiras, tirar a igreja do marasmo.

A partir de 1980, alguns grupos começaram a discutir os rumos da igreja e



Encontro de Líderes do Sínodo Setentrional no Seminário de Fortaleza, em julho 1991

a necessidade de um posicionamento político, que incluía a eleição de uma nova diretoria para a IPI do Brasil. A eleição, na reunião do Supremo Concílio em 1981, do Rev. Abival Pires da Silveira representou o desfecho desse processo bem como o início de um novo momento na história da IPI do Brasil.

Como parte da estratégia de mudanças, a mesma assembléia que elegeu o Rev. Abival decidiu pela criação do segundo seminário da IPI do Brasil, o qual foi instalado em fevereiro de 1982, na cidade de Londrina, PR.

Entre as principais metas da nova gestão estava o desafio da integração da igreja. Em diversas falas e escritos do novo presidente, repetia-se a importância da unidade e integração. O Rev. Abival sempre se referia a duas igrejas: uma do Sul e em torno da qual giravam as propostas, decisões, projetos; e outra do Norte/Nordeste, isolada, distante, alheia, como um apêndice na denominação e cujos vínculos com as demais regiões eram apenas formais ou quando muito preservados apenas na memória de poucos.

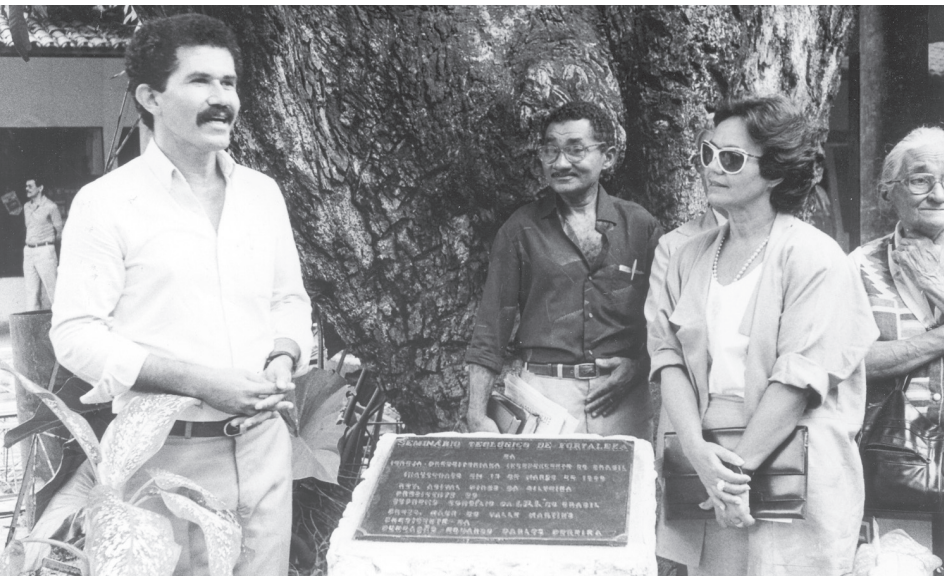
Os projetos de educação cristã, a reformulação de O Estandarte, as visitas mais freqüentes à região, o apoio financeiro a presbitérios e a candidatos no Seminário Presbiteriano do Norte, o sustento de missionários, o financiamento de despesas de viagem para reuniões conciliares ou encontros, etc. fizeram parte nesse primeiro momento para superar as distâncias e aproximar as duas igrejas.

Contudo, era preciso investir de modo mais significativo e estratégico. Os

candidatos ao ministério do Norte/Nordeste continuavam procurando outros seminários. Vários dos que foram estudar em São Paulo continuavam tendo dificuldade para retornar. Havia “bolsões eclesiásticos”, cuja identidade com a IPI do Brasil era apenas a placa na fachada do templo, quando havia.

A decisão de iniciar um centro teológico para preparar homens e mulheres para o ministério, treinar líderes, servir como ponto de reflexão e até mesmo de referência para vida da igreja na região se tornou um imperativo. O Supremo Concílio reunido em Londrina (1984) decidiu abrir o terceiro seminário da IPI do Brasil para atender a região Norte/Nordeste, cabendo à Fundação Eduardo Carlos Pereira localizar o imóvel mais apropriado ao projeto. Várias cidades foram consideradas. Fortaleza prevaleceu como consenso, considerando-se a questão geográfica, a inexistência de outros seminários de denominações históricas e a possibilidade de se continuar um projeto várias vezes interrompido anteriormente.

Em uma velha mansão de estilo arquitetônico grego, construída ao final do século XIX, com um anexo que funcionara anteriormente como conjunto comercial, foi instalado o Seminário Teológico de Fortaleza, iniciando suas atividades no dia 1º/3/1986, com quatorze alunos matriculados. O Rev. Sérgio Francisco dos Santos liderava a equipe composta pelo Rev. Moacir Viana e o casal de missionários Rev. Frank e Hope Arnold, cedidos pela Igreja Presbiteriana do Estados Unidos como parte do acordo de cooperação firmado entre as duas igrejas.



Rev. Sérgio Francisco dos Santos na inauguração do Seminário de Fortaleza, em 1986

Pouco mais tarde, outro casal de missionários, Rev. James e Índia Manner, junta-se à nova equipe. As perspectivas pareciam promissoras. Todavia, o projeto teria de lutar para superar velhas desconfianças e naturais dificuldades. Algumas desconfianças tinham sua origem em promessas e projetos anteriores não concretizados, iniciativas na área teológica que não prosperaram por falta de apoio e, obviamente, pela distância que se estabelecera entre uma igreja do Sul e outra isolada no Norte/Nordeste.

Ressalte-se que desconfianças e questionamentos brotavam também da igreja do Sul. O principal deles era a real pertinência e viabilidade do projeto. Inevitáveis perguntas eram levantadas: quantos alunos estão matriculados? Quantos candidatos são da IPI do Brasil? Qual o custo desses alunos para a igreja? Não seria mais adequado usar esses recursos para o envio e sustento de missionários na região? Não estaria a IPI do Brasil, uma igreja com escassos recursos, a investir e subsidiar a formação de líderes para outras denominações? Essas e outras

perguntas sempre afloravam por ocasião das assembleias gerais da igreja e, com certeza, se intensificaram quando primeira cerimônia de formatura foi realizada com apenas um graduado, o qual originalmente não pertencia à IPI do Brasil.

Apesar de ser o único seminário de uma denominação histórica em Fortaleza e de oferecer uma alternativa acadêmica séria, o curso diurno não conseguiu atrair muitos interessados. Além disso, em Fortaleza existiam outras escolas, que funcionavam somente à noite e ofereciam um caminho mais curto para a obtenção de um diploma. Transferir as aulas para o período noturno a partir de 1989 e manter um



Inauguração do dormitório das mulheres que recebeu o nome de Hope Arnold em homenagem ao seu trabalho e dedicação ao seminário durante os primeiros dez anos de atividade.

bom padrão acadêmico foram dois desafios que proporcionaram oportunidades para os candidatos que desejavam um preparo consistente para o ministério e que, em muitos casos, tinham que trabalhar durante o dia para pagar seus estudos.

Assim, candidatos de outras denominações começaram a afluir: presbiterianos, metodistas, batistas, pentecostais e até mesmo católicos, criando uma experiência ecumênica rica e desafiadora. A diversidade denominacional do corpo docente, como realidade que se impunha diante das dificuldades de se compor uma equipe totalmente da IPI do Brasil, contribuiu, sem dúvida, para esse perfil ecumênico, sinalizando às demais denominações que o nosso Seminário era uma alternativa viável para o preparo dos seus candidatos. Algumas chegaram a fazê-lo oficialmente; outras, informalmente. Alguns projetos de cooperação e parceria se esboçaram, infelizmente ainda não concretizados, quase sempre esbarrando nos velhos problemas que limitam os relacionamentos ecumênicos no protestantismo brasileiro.

Além do curso bacharel com duração de quatro anos, outros programas adicionais foram sendo implantados ao longo do período. O curso por extensão se propunha a treinar líderes leigos dentro das suas comunidades, proporcionando-lhe um melhor embasamento bíblico teológico. O curso de música surgiu como alternativa diante da necessidade de preparação de ministros de música e adora-



Alunos e alunas do curso de mestrado no Seminário de Fortaleza, em 1999

ção. A procura por um treinamento teológico que não fosse necessariamente voltado para o ministério pastoral levou à criação de um curso de missões, inicialmente com dois anos, posteriormente reformulado para um ano e direcionado mais especificamente à formação de professores de educação cristã. A ausência de qualquer alternativa geograficamente próxima que possibilitasse estudos pós-graduados, bem como a importância da educação teológica contínua e a preparação para futuros docentes levaram o seminário a iniciar o programa de pós-graduação, funcionando no sistema de módulos. Professores doutores de reconhecida capacidade e experiência têm contribuído nesse programa, gerando um espaço de reflexão e produção teológica.

Outra experiência desafiadora foi a preparação de professores para o ensino religioso, conforme prescrevia a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Mediante convênio firmado com uma universidade estadual, foi instituído um semestre adicional ao curso bacharel para complementação das disciplinas pedagógicas necessárias à licenciatura em ciências da religião. Além de ser uma experiência inédita, proporcionando aos egressos a oportunidade de atuarem no ensino secular, a experiência abriu-lhes caminho para a obtenção de um diploma de nível superior emitido pela universidade, representando um reconhecimento do curso de teologia.

CONCLUSÕES E AVALIAÇÕES

Ao fazer um breve relato histórico da IPI do Brasil no Norte-Nordeste, procuramos mostrar que o crescimento e expansão da igreja ora foi beneficiado pela atuação da sua liderança, ora foi profundamente limitado tendo em vista as dificuldades na formação de uma liderança, bem como a adequação dessa liderança ao projeto histórico da IPI do Brasil na região. Vale dizer que, onde houve uma liderança treinada, permanente e afinada com o projeto da IPI do Brasil, a igreja se consolidou e apresenta ainda hoje sinais saudáveis e de esperança. A improvisação e a intermitência sempre representaram ameaça e solução de continuidade.

Um projeto de educação teológica, que visava suprir a igreja nas suas demandas de liderança, trazia embutido também uma proposta de reconstrução e fortalecimento da identidade teológica e doutrinária. Ao mesmo tempo, representava uma grande possibilidade de renovação e arejamento.

O quadro religioso brasileiro, principalmente no ambiente protestante, encontra-se extremamente fragmentado e há sinais bem nítidos, principalmente na



Hope e Rev. Frank Leonard
Arnold no Seminário de
Fortaleza

área litúrgica, de que vivemos, de fato, numa era pós-denominacional. Lidar com essa situação, buscando adequar-se aos novos tempos e mantendo a identidade representa um desafio adicional.

Um centro de educação teológica serviu e serve, inegavelmente, como elo ou recurso na quebra das distâncias alimentadas por outros fatores além do geográfico. Nesse sentido, a contribuição vai além da região Norte/Nordeste, na medida em que ajuda a IPI do Brasil a ver-se não apenas como uma igreja paulista, mas que possui uma diversidade que lhe enriquece.

Decorridos dezenove anos nesse processo, cento e oitenta sete estudantes já concluíram seu curso de teologia (até dezembro de 2004,) sendo oitenta e dois da IPI do Brasil, dos quais sessenta e dois servem diretamente como pastores e pastoras, sem mencionar os concludentes de outras igrejas. Vinte três militam foram do Norte/Nordeste, mostrando que o seminário tem suprido necessidades também fora da sua região, principalmente o Centro-Oeste, onde dezesseis graduados estão servindo a igreja.

Há que se ressaltar que a experiência de formação e preparo de pastores, pastoras e líderes dentro do seu contexto social/econômico revelou-se acertada. Esse aspecto tem sido fundamental para a permanência dos egressos na região.

A existência do seminário funcionando como pólo de reflexão e referência

para a vida da igreja e o investimento no treinamento de líderes representa, sem dúvida, a alternativa mais viável para projetos de missão a médio e longo prazo. Esse empreendimento acabou por assumir um perfil missionário, uma vez que contribuiu não apenas para a implantação e desenvolvimento de novas igrejas, mas para a continuidade de um processo, através de uma liderança devidamente habilitada.

O caso do Ceará serve como ilustração. Por ocasião da implantação do seminário, havia apenas duas igrejas organizadas e três congregações: a 1ª IPI de Fortaleza, organizada em 1906, e a 2ª IPI (Pirambu), em 1961. Totalizados os membros, não ultrapassavam a cento e cinquenta. Durante a última década, cinco novas igrejas foram organizadas, bem como novas congregações e pontos de pregação. Hoje, seis igrejas e dez congregações compõem o novo presbitério do Ceará, desmembrado, em 1995, do Presbitério Nordeste.²⁶

Os seminários, como instituições da igreja, devem ser, permanentemente, um instrumento a serviço da igreja, não apenas formando lideranças, mas também pela reflexão crítica, que ajuda e confronta profeticamente a igreja. Não raras vezes a relação academia-igreja sempre se revelou tensa e conflituosa. Esse fenômeno nunca esteve restrito ao limites da nossa denominação. Todavia, há que se ressaltar, essa relação teve e tem aspectos produtivos, mutuamente enriquecedores, pois não precisa necessariamente assumir apenas um perfil conflituoso. Devolver à igreja seus filhos e filhas, devidamente capacitados e comprometidos com esta mesma igreja, constitui-se um permanente desafio. Ou seja, “educar os filhos da igreja pela igreja e para a igreja”. A isto se propõe o Seminário de Fortaleza. Quão bem sucedido terá sido nessa empreitada e propósito, o tempo e os fatos, bem como uma avaliação mais isenta, poderão dizer.

O Rev. Áureo é o presidente do Seminário Teológico de Fortaleza, CE, e pastor da 1ª IPI de Fortaleza

Notas

- 1 O Estandarte, 11/10/1935, p.1.
- 2 Arnold, Frank Leonard. A Igreja Presbiteriana Independente no Norte/Nordeste – Uma breve história 1903-1995. 63pp. Trabalho não publicado.
- 3 A expressão Sul aqui deve ser entendida de maneira abrangente incluindo o Sudeste e Centro-Oeste. Por vezes, alguns textos mais adiante citados se referem ao Norte também no sentido abrangente, isto é, incluindo o Nordeste.

- 4 Arnold, op.cit. p.6
- 5 Ibid.
- 6 O Estandarte, 25.03.1920, pp 6-9.
- 7 O Estandarte, 20.04.41, p.6
- 8 Arnold, op. cit. p.19
- 9 O Estandarte, 15/9/1953, p.27
- 10 Em artigo em O Estandarte de 2/10/1913, o Rev. Machado escreveu: “Na congregação de S.Luiz preguei duas vezes. Na manhã de domingo, 22, fomos visitar os pentecostistas, afim de ouvil-os e procurar convencil-os de seu erro filiando-se a essa seita. A ocasião foi inoportuna, porque se achavam numa reunião de oração. O espetáculo que presenciávamos causou-nos uma impressão estranha.”
- 11 O Estandarte, 9/10/1913
- 12 O Estandarte, 31/7/1958, p.7
- 13 Arnold, op. cit. pp 27-31
- 14 O Estandarte, 15/7/1948, p.30
- 15 O Estandarte, 15/9/1953, p.24
- 16 O Estandarte, 30/6/1948
- 17 A Escola Missionária de Assis foi uma experiência bem sucedida no treinamento de obreiros para o trabalho evangélico e missionário, sob a liderança de Cesarina Xavier Pinto. Vários filhos da igreja ingressaram no ministério como fruto dessa iniciativa: José Coelho Ferraz, Francisco e Wilson Guedelha, Jair Ribeiro de Melo, Gerson Pires de Camargo e João de Godoy. O Estandarte, 31/7/1953, p.67.
- 18 Arnold, op. cit. p.43
- 19 Depoimento escrito do Rev. Ezequiel Tamarozi.
- 20 A situação fora parcialmente amenizada somente em 1972, quando o Supremo Concílio decidiu que a cota dos 5% das igrejas da região deveriam ser remetidos ao Seminário
- 22 Para tentar superar a falta de um corpo docente qualificado, em várias cartas registrava-se a luta infrutífera de Tamarozi com a Junta de Missões para que designasse o Rev. Mário Alvarenga para Fortaleza ao invés de enviá-lo para o Amazonas.
- 21 Do arquivo pessoal do Rev. Tamarozi, que ora se encontra em poder do Seminário de Fortaleza, podemos ler inúmeras cópias de cartas que ele escreveu a amigos, líderes, membros da diretoria da IPI do Brasil no Sul, compartilhando seus sonhos, projetos e buscando ajuda. Dentre seus sonhos, estava a construção de um internato, salas de aula, cozinha, biblioteca para ampliar o serviço do seminário que se utilizava das limitadas instalações da 1ª IPI de Fortaleza.
- 23 Mendonça, A. G. O Celeste Porvir. São Paulo: Paulinas, 1981
- 24 Araújo, J.D. Inquisição sem fogueiras. Rio de Janeiro: ISER, 1985
- 25 Sobre este assunto, ver artigo do Rev. Leonildo Silveira Campos “A IPI nos anos de chumbo – (1964-1985)”, in “2º Caderno do Centenário” de O Estandarte, de janeiro 2003.
- 26 O crescimento da IPI do Brasil no Nordeste também precisa ser avaliado à luz da contribuição do Centro Treinamento Missionário em Natal, RN, (1997) que tem formado vários missionários e viabilizado a implantação de projetos, como o “Projeto Sertão”, com o surgimento de várias novas comunidades em diferentes locais, não apenas do sertão da Paraíba, mas também em outras localidades.

4

DEPOIMENTO O SEMINÁRIO PRESBITERIANO INDEPENDENTE REV. MANOEL MACHADO (1965-1975)

Rev. Ezequiel Tamarozi

“Numa planície aberta sobre o Atlântico surge Fortaleza, a cidade dos Verdes Mares. Originado do Forte de Schoonembach, misto de quartel e entreposto comercial fundado pelos invasores holandeses em 1549, Fortaleza é a cidade ideal para o turista”.

Alinhando informações sobre praias lindas, sol e mar, jangadas e jangadeiros, clubes luxuosos, ótimos hotéis e restaurantes, esportes náuticos, numa cidade que resume tudo de bom, o articulista faz justiça aos encantos da bela capital.

É a cidade ideal para o turista. Mas a cidade, bem como toda a região do nordeste semi-árido, é também a terra ideal para o missionário que deseja uma grande colheita de vidas para o Senhor Jesus Cristo. É um celeiro de portas abertas para o evangelho. Os frutos maduros podem ser colhidos a qualquer instante. A pesca é maravilhosa e, até em muitos casos, milagrosa. Às vezes o “peixe” vem à rede. Muitos sedentos ocorrem voluntariamente e dizem: “Eu vim aqui pra aceitar Jesus”. São milhares, prontos para a colheita.

No entanto, nem sempre foi assim.

“O obreiro Francisco Pontes sofreu cruel perseguição na Paraíba. Sua esposa morreu mártir. Recebera uma pedrada por ocasião de um culto, enlouqueceu e, em conseqüência, veio a falecer. O Rev. Wardlaw foi perseguido em Baturité. Os seus adversários adotaram lançar terra no seu prato nas mesas do

hotel. Não podia alimentar-se. Certa vez, estava sendo apupado nas ruas de Fortaleza. Um grupo de meninos amolecados acompanhava e gritava: “Padre casado! Padre casado! Olhe o Padre casado...” O missionário trajado a rigor, cruzê e cartola, pára, volta-se para os meninos com quem distribui uma mão cheia de níqueis e vinténs e recomenda: “Olha, meninos, continua, continua. Chama mim padre casado. Não chama padre amancebado, non” (*Os Dois Tributos*, Rev. Natanael Cortez). Wardlaw foi o pioneiro do presbiterianismo no Ceará, tendo aportado em Fortaleza a 27/9/1882.

Cerca de 82 anos após, na manhã quente do dia 19 de março de 1964, eu e minha família, a esposa Asseneth e os filhos Sérgio e Débora, desembarcamos em Fortaleza. Não ainda no porto, que é hoje um dos orgulhos dos cearenses. O desembarque se dava ao largo da costa e os passageiros eram levados à terra firme em bote conduzido por marinheiros experimentados.

Na pequena plataforma, um grupo de irmãos, liderado pelo Presb. Waldir Matos Magno, nos esperava com sorrisos e abraços. Foi emocionante! A recepção agradável e surpreendente era a marca registrada daqueles irmãos presbiterianos independentes. Na época, eu trajava um impecável colete clerical. Estava bastante emocionado porque se tratava do meu primeiro campo de trabalho.

Formado em 1963 pela Faculdade de Teologia da IPI do Brasil em São Paulo e candidato do então Presbitério de Leste, finalmente realizava o meu sonho!

Os cinco anos de preparo foram bem difíceis. Frequentava as aulas pela manhã e trabalhava à tarde. Algumas vezes, também à noite, para sustentar a família que estava crescendo. Comecei o curso no antigo prédio da rua Visconde de Ouro Preto.

Após a formatura, apresentei-me ao Presbitério de Leste, onde fui ordenado em 19 de janeiro de 1964, na 3ª IPI de São Paulo. Em seguida, atendendo ao meu pedido e solicitação da IPI de Fortaleza, fui transferido para o Presbitério do Norte.

O primeiro ano foi de observação. Fiz vários contatos com colegas da nossa igreja e de outras denominações, objetivando levantar dados para a criação de um possível instituto bíblico, tendo em vista o fato de que, em um campo tão grande e próspero como o do Ceará, era praticamente impossível desenvolver sozinho o ministério pastoral.

Em carta ao Rev. Aharon Sapsezian, secretário executivo da Aste, em 26/7/1965, escrevia: “Abrimos este ano o IBPINN (Instituto Bíblico Presbiteriano

Independente do Norte/Nordeste). É uma tentativa de resolver os problemas difíceis da nossa igreja no norte do Brasil. A primeira tentativa (IBIN, feita pelo Rev. João de Godoy) infelizmente não foi bem sucedida. ... Depois de algumas providências, abrimos o IBIPN. Para que possamos ir vencendo nesta empreitada, solicito do prezado amigo algumas idéias e sugestões relacionadas com currículo, bibliografia e outras que achar interessantes e úteis para nós”.

A abertura do Instituto Bíblico Presbiteriano Independente do Norte/Nordeste foi uma tentativa de resolver os problemas difíceis da nossa igreja nessas duas regiões do país

Em artigo para o jornal *O Independente*, de Londrina, setembro/outubro de 1984, escrevi: “Houve época em que um obreiro precisava viajar mais de 4 mil quilômetros para visitar todo o campo. As histórias que se contam do Rev. Manoel Machado são maravilhosas e impressionantes. Chegava, às vezes, a ficar longe de casa por mais de quatro meses. Viajando a cavalo ou a pé, na boléia de um caminhão ou em cima de uma carga, não media esforços para realizar a sua inconfundível vocação. Ainda hoje é possível observar os frutos daquele abençoado ministério. A segurança doutrinária dos crentes, principalmente no interior menos assistido, é prova concludente do seu extraordinário pastorado”.

Ao tempo deste pioneirismo heróico, muito se fez pela causa do Senhor em terras de José de Alencar ou no norte-nordeste. Porém, a fase do pioneirismo passou, as portas foram se abrindo, as oportunidades se multiplicando e era preciso planejar para o futuro.

Uma pequenina semente foi plantada em 1965 nas dependências da 1ª IPI de Fortaleza. Era o IBPINN.

Com um curso médio de teologia e um programa de ação adaptado às circunstâncias especiais daquele campo, a instituição prometia muito. Este instituto cedeu lugar ao *Seminário Presbiteriano Independente Rev. Manoel Machado* (SPIRMN), numa homenagem mais do que justa ao pastor que fez história com seu ministério de inconfundível vocação missionária.

O SPIRMN era um fato e uma demonstração da verdade de que era não somente uma necessidade, mas uma realidade que devia continuar para a glória de Deus. Em circunstâncias muitas vezes adversas, seguia seu movimento ascendente, abrindo caminho na correnteza da história. Era uma instituição que ficava no centro de uma sociedade em rápido crescimento, francamente aberta ao evangelho e onde as oportunidades se multiplicavam de modo extra-

ordinário.

Vários pastores ministravam em diversos campos da igreja, frutos da visão que permeava todas as atividades da Casa de Profetas de Fortaleza. O Seminário olhava para o futuro vivendo um presente cheio de intensidade.

Meu interesse por este tipo de atividade vinha desde 1963, quando estudante do quarto ano, conforme correspondência enviada às várias instituições de ensino teológico em nossa pátria, buscando informações para um eventual ministério nessa área.

O IBPINN iniciou suas atividades com 7 alunos, em 26 de março de 1965, com um culto solene na 1ª IPI de Fortaleza e, no dia 14/12/1968 houve a primeira colação de grau, com a formatura do irmão Ananias Queiroz Aguiar.

Na oportunidade pronunciei as seguintes palavras: “Pela primeira vez o Seminário Bíblico Presbiteriano Independente do Norte/Nordeste se reúne para uma solenidade de formatura. Ela é o resultado de um esforço conjunto da liderança da igreja – que propiciou os recursos financeiros – e da plêiade de idealistas do SBPINN, a quem coube os embates na frente de batalha.

Este dia vem coroar com êxito o trabalho ininterrupto de uma equipe que, há três anos, labora incansavelmente para Cristo e sua igreja, particularmente a do Norte-Nordeste da nossa pátria. A presente festa reveste-se de características próprias e especiais. Ela não só evoca o passado com suas lutas e vitórias, mas representa sobremaneira a exaltação da divina Providência tão presente hoje como naqueles momentos históricos do início de nossa amada instituição. De fato, sem esta energia criadora, sem o Deus pessoal que até aqui nos amparou, hoje não poderia ser o dia da vitória.

O sinal da força que anima a planta é manifestada pelos frutos. “Pelos frutos os conhecereis”, disse Jesus. A validade do empreendimento se reconhece através dos resultados que eles apresentam. O dia 14 de dezembro de 1968 ficará na história de nossa denominação porque é a prova da fecundidade do SBPINN, irreversível realidade de nossa igreja em terras de Alencar.

Nesta hora, quando temos a honra e o privilégio de abrir esta solenidade, festejamos a vitória com o nosso coração no altar do Senhor e somos eternamente gratos pela bênção alcançada. Esta é a única maneira válida de celebrar a vitória e a celebramos certos da aprovação do Senhor, a quem honramos em espírito e verdade”.

Após um ano de licenciatura, Ananias Queiroz foi ordenado ao sagrado ministério pelo Presbitério do Norte, em janeiro de 1970.

Nos anos subsequentes, outras turmas foram se juntando e os alunos en-

viados aos campos: 1969, Iloivaldo Araújo Rodrigues; 1972, Benedita Regina Gonçalves, Elizenaide Gomes, Joel Antonio Freitas e José Xavier de Freitas; 1973, Raimundo Nonato Damasceno, Rubens Diender de Oliveira Lima e Raimundo Wiliams Bezerra Pereira.

Com a minha volta para São Paulo em 1977, outros documentos sobre o Seminário foram entregues à Fundação Eduardo Carlos Pereira.

As dificuldades para a manutenção do Seminário sempre foram grandes. Em 16/2/1970 escrevi ao Rev. Daily Resende França: “O ano de 1969 foi difícil. Muitas lutas, incompreensões, acúmulo de encargos e outros quase me fizeram desanimar. Contudo, o Conselho, para não deixar a “peteca cair” e confiando na graça e misericórdia de Deus, resolveu continuar nesta dura fronteira. Creio que, em 1970, vamos melhorar muito. Para isto, precisamos com *urgência* de recursos ou para comprar uma propriedade ou para alugar uma adequada ao pleno funcionamento do SBPINN. Está visto e provado que Seminário em fundo de igreja não dá certo, principalmente quando se tem de contar com elementos que mal vêem um palmo à frente do nariz. Conto com a sua ajuda sempre eficaz.”

O Rev. Daily ajudou muito o Seminário, dando muitas opiniões valiosas. Intermediou junto aos órgãos competentes questões relativas ao financiamento da instituição. Ele acreditava no empreendimento.

Ao ler “O Estandarte” de 31/3/1973 fui surpreendido com a resolução do Presbitério do Norte, determinando a extinção do Seminário: “Considerando, entre outras coisas, haver escassez de elementos evangélicos gabaritados e que, por isso, o reitor do Seminário deseja dar cursos por correspondência”.

Com certeza, havia considerandos válidos na resolução, mas outras deixaram-me perplexo, porque não representavam a realidade. Em longa carta ao Rev. Adiel Tito de Figueiredo, datada de 4/5/1973, procurei esclarecer as dúvidas e os verdadeiros planos da instituição.

A situação do Seminário se agravou com a crise (acusação de renovação carismática) estabelecida na 1ª IPI de Fortaleza. Instalado em suas dependências, ela se ressentiu com a crise. A junta nomeada pelo Presbitério do Nordeste para atuar como Conselho, resolveu cancelar o acordo para o funcionamento do Seminário nas dependências da 1ª IPI de Fortaleza. Sem um lugar próprio para

O Instituto Bíblico Presbiteriano Independente do Norte/Nordeste iniciou suas atividades com 7 anos, em 7anos, em 20/3/1965, e, em 14/12/1968, houve a primeira colação de grau

funcionar, as aulas foram suspensas, aguardando ulterior deliberação.

A leitura dos relatórios anuais, remetidos em fotocópias ao vice-presidente da Fundação, Rev. Abival Pires da Silveira, são dados reveladores que se prestavam a uma análise em profundidade do problema que estávamos enfrentando.

Ao longo de todos esses anos, ficou evidente que uma obra daquela envergadura, dentro das necessidades de um campo tão fértil e promissor como o do Norte-Nordeste, não poderia ser feita apenas com o entusiasmo e a vibração de um homem só. Era preciso mais do que coragem e idealismo. O futuro se encarregou de mostrar que uma instituição forte e vitoriosa é fruto de homens e de recursos, voltados para um único objetivo. O atual Seminário de Fortaleza é uma prova disso.

“Não podemos viver no passado, mas a herança preciosa do passado ajuda-nos a viver no presente” (Cornélio Ferrer). Valeu a tentativa e os frutos dela advindos. Amém.

***O Rev. Tamarozzi foi o idealizador e diretor do Seminário Bíblico
Presbiteriano Independente do Norte/Nordeste***

5

OS CENTROS DE TREINAMENTO MISSIONÁRIO DA IPI DO BRASIL

**Rev. Hermany Rosa Vieira, com colaboração dos Rev. Sermsakdi Michael Sivalee e
Rev. Jonas Furtado do Nascimento**

Era março de 2000, estava chegando de um encontro de escolas de treinamento para liderança leiga, realizado em San José, Costa Rica. No aeroporto de Guarulhos, SP, encontrei o Rev. Assir Pereira, vindo de outra região.

Ali lembramos um pouco as façanhas das mocidades em Tupã, SP, e Oswaldo Cruz, SP, e, depois, trocamos algumas idéias sobre os Centros de Treinamento Missionário (CTM). Naquela ocasião, eu estava assumindo a direção do CTM Nordeste e para mim era tudo muita novidade.

Minha chegada no CTM Nordeste ocorreu numa aula intensiva ministrada em setembro de 1998. Fiquei apaixonado pelo projeto. Vi ali uma grande possibilidade de ter um crescimento de qualidade nas nossas igrejas.

O Rev. Assir me contou que a idéia inicial da criação de um CTM era treinar profissionais liberais, por um ano, que pudessem ir a outras cidades e regiões e, servindo em suas profissões, implantar trabalhos da IPI do Brasil através de seus relacionamentos. Este ano de preparação teria a intenção de dar uma base bíblica, teológica e missiológica, bem como tratar de planejamentos e estratégias, visando à implantação de um novo trabalho.

O sonho, recebendo a contribuição de outras pessoas, foi tornando-se concreto. No dia 1º de março de 1996, sob a liderança do Rev. Gérson Mendonça de Anunciação, a Secretaria de Missões (SMI) lançou o Plano Missionário Global (PMG) no qual previa a instalação de CTMs, com o propósito de preparar nossos



O Centro de Treinamento Missionário Nordeste procura enfatizar as questões da região Nordeste, principalmente o Sertão Nordestino, onde foi implantado o Projeto Sertão, na cidade de Patos, PB

missionários para a implantação de novos campos.

O PMG apresenta um breve histórico da vida missionária da IPI do Brasil, relatando, por exemplo, a iniciativa de algumas igrejas locais de criar escolas de treinamento missionário.

Em Assis, SP, na década de 30, talvez tenha acontecido o projeto pioneiro. Outros projetos surgiram e, atualmente, contamos com 3 Centros de Treinamento Missionários: Natal, RN, Florianópolis, SC e Campinas, SP.

A UNIFICAÇÃO DE CURRÍCULOS

Os CTMs, a partir de uma reunião entre diretores e diretores associados, junto com o Departamento de Formação e Treinamento de Pessoal (DFTP) da SMI, realizada em fevereiro de 1999 na cidade de Natal, RN, traçaram planos e definiram currículos e metodologia de ensino, compreendendo as diferenças culturais regionais.

O CTM Centro-Oeste, dirigido na época pelo Rev. Dr. Sermsakdi Michael Sivalee e sua esposa Irene Agnes Lodwick Sivalee, tinha como objetivo central, treinar missionários e missionárias para a região Centro-Oeste e Norte e trabalhar as questões indígenas, próprias da região.

O CTM Nordeste, dirigido pelo Rev. Hermany Rosa Vieira e sua esposa Marta Marta Munguba Vieira, tendo como diretores associados o Rev. Paul Melvin Fahnestock e sua esposa Linda Fahnestock, procura enfatizar as questões da região Nordeste, principalmente o Sertão Nordestino, onde, quase que ao mesmo tempo, foi instalado o Projeto Sertão, na cidade de Patos, PB, e mais duas cidades vizinhas – Malta e São Mamede – procurando criar um modelo de implantação de igrejas na região.

O CTM Sul, dirigido pelo Rev. Jonas Furtado do Nascimento e sua esposa Cinira Barbosa Furtado do Nascimento, ficou sendo a escola com ênfase em missões transculturais e urbanas, tendo disciplinas específicas para a área de línguas.

Inicialmente, o CTM Sul teve o Rev. Júlio Paulo Tavares Zabatiero como diretor e sua esposa a Eneida Gomes Zabatiero como secretária.

O CTM de Campinas tem sua ênfase voltada para a evangelização urbana e teve como seu diretor o Rev. Calvino Camargo. É o mais novo CTM.

A unificação de currículo e metodologia tornou possível uma troca de alunos e o fortalecimento da estrutura da escola. Sendo uma escola ainda nova, nascida em 1996, está, desde já, contribuindo, de forma sistemática com as igrejas e presbitérios, que têm recebido seus alunos e alunas.

Depois de alguns anos de experiência, o DFTP, juntamente com os diretores dos CTMS, decidiram diminuir o tempo de treinamento, que era de 4 anos, sendo 1 ano na cidade onde está instalado o CTM e 3 anos no campo, para 3 anos, reduzindo-se o tempo de estágio no campo em 2 anos, tendo em vista as grandes distâncias que alguns alunos e alunas tinham de percorrer para participação nos cursos intensivos, o que os obrigava a ficar longo tempo fora do campo.

O CTM Sul, que cuida da preparação transcultural, continua com 2 anos na sede, sendo o segundo dedicado especificamente para a preparação transcultural.

A METODOLOGIA DOS CTMS

Os CTMs adotam um sistema que tem sido discutido pelas instituições de missões há algum tempo. Sua metodologia de trabalho busca aliar o estudo acadê-

mico, que ofereça uma boa base bíblico-missiológica, e a prática.

No primeiro ano, em cada CTM, é ministrado um curso em tempo integral, com uma carga horária de 60 horas-aula por disciplina (4 créditos), com 5 disciplinas por semestre. Em todas elas, os CTMs procuram integrá-las e dar uma abordagem missiológica, conduzindo os alunos e as alunas num nível acadêmico que os ajude em sua formação integral.

O primeiro ano tem como propósito a formação intracultural, com um currículo analítico e regime residencial. Há pequenas variações entre os currículos de cada CTM por questões de adaptação e contextualização.

Os estágios supervisionados acontecem nos 6 períodos em que os estudantes estão na escola e, no caso do CTM Nordeste, foi implantado um estágio social. No começo do ano letivo, os estudantes conhecem 5 instituições sociais que trabalhem com usuários de drogas, idosos, órfãos, pré-escola e atendimento em uma favela em Natal. Depois, eles escolhem uma instituição para fazer seu estágio (8 visitas) e, no segundo semestre, selecionam outra instituição para mais 8 visitas. O propósito é dar ao estudante uma idéia do dia-a-dia de uma instituição social para que ele, no campo, possa saber como encaminhar questões parecidas.

O CTM Sul, em parceria com o Projeto Silóé, dirigido pela missionária Nídia Caldas Mafra (*Bugra*) e seu esposo Presb. João Paulino Mafra, desenvolve um programa de apoio a usuários de drogas e portadores do vírus HIV. O projeto tem contribuído com a formação dos estudantes no CTM Sul.

Os anos seguintes (segundo e terceiro) são chamados de Regime por Extensão, com currículo integrado. Os estudantes que optam por missões transculturais têm, no CTM Sul, um segundo ano de residência.

Este tem sido o grande diferencial na formação dos estudantes que passam pelos CTMs. Todos eles, durante o período de treinamento, trabalham no campo, sob a supervisão tanto dos CTMs como de um líder mais experiente.

A escolha do campo no qual o estudante vai estagiar obedece o seguinte critério: a igreja que o enviou tem prioridade para decidir para onde enviá-lo a fim de desenvolver seu estágio. Se a igreja não tem um campo específico, o CTM, juntamente com os presbitérios, procuram um local para o estágio.

Na medida do possível, os estudantes saem do primeiro ano com algumas definições importantes: campo de trabalho, tarefas agendadas para cumprirem mensalmente e a necessidade de elaborar um plano de ação, que deverá ser desenvolvido juntamente com a liderança local.

Em geral, suas atividades começam em fevereiro e, mensalmente, eles têm atividades acadêmicas para serem enviadas ao CTM. São elas: resumo de livros;

preparação de sermões e estudos bíblicos; realização de pesquisas de campo; elaboração de plano de ação; e remessa de relatório de atividades desenvolvidas no semestre.

Durante os meses de junho e novembro, os estudantes voltam para um tempo de aulas intensivas. O conteúdo lido e estudado durante o semestre é discutido em classe com os professores. Cada disciplina tem 40 horas-aula e, contanto com as leituras e trabalhos feitos em campo, são consideradas 60 horas-aula em cada disciplina (4 créditos).

É muito interessante perceber o crescimento individual dos estudantes e a forma como desenvolvem suas atividades.

Especificamente no Nordeste, onde trabalhamos, temos visto o esforço de cada estudante em dar o melhor de si na implantação e desenvolvimento dos trabalhos. Muita coisa não acontece como eles gostariam e como planejaram e, às vezes, eles chegam para os intensivos com as “baterias arriadas”. Mas a comunidade, a troca de experiências e o tempo consumido em classe renovam as forças e a alegria em servir ao Senhor.

O período dos cursos intensivos é tempo também de conversar individualmente com os estudantes e promover um momento de refrigério.

OS CUSTOS

Os CTMs procuram ter um padrão mínimo para as mensalidades e custos, para que tenhamos os recursos necessários acessíveis à nossa realidade.

O CTM Nordeste esteve instalado no antigo Hospital Evangélico de Natal até o final de 2003, onde algumas salas foram adaptadas para serem usadas como quartos. Atualmente, funciona num espaço alugado

O CTM Sul, instalado na IPI do Estreito, em Florianópolis, SC, apóia os estudantes na procura de alojamento próximo da escola, para formarem também uma cooperativa.

O CTM de Campinas desenvolve suas atividades nas dependências da 1ª IPI de Campinas, SP.

A mensalidade do primeiro ano (12) , a moradia (10) e o custo da alimentação (10) são de ½ salário mínimo para cada estudante. A bibliografia utilizada

Este tem sido o grande diferencial na formação dos estudantes que passam pelos CTMs. Todos eles, durante o período de treinamento, trabalham no campo, sob a supervisão dos CTMs e de um líder mais experiente

nos cursos está em torno de R\$ 150,00 reais por semestre. Os anos seguintes têm a mensalidade (12) de 30% do salário mínimo.

PRÉ-REQUISITOS PARA ESTUDAR NOS CTMS

O pré-requisito indispensável é a convicção de um chamado missionário. Diferentemente da proposta dos seminários, que é a de formar pastores, os CTMs têm a visão e missão de formar missionários e evangelistas, implantadores de igrejas, a fim de serem liderança e auxiliares no desenvolvimento de trabalhos que não têm crescido. Os CTMs têm proposto, em seu currículo, a formação de liderança e, para isso, é necessário que haja uma confirmação desse chamado.

Uma recomendação pastoral é indispensável, assim como a convicção de que o candidato ou a candidata tem esse dom e esse perfil.

A idade mínima exigida é a de 18 anos, com, no mínimo, 2 anos de vida eclesial plena.

Além disso, para matrícula é exigido que o estudante tenha concluído o ensino fundamental.

PARCERIAS

Os CTMs têm sido abençoados com parcerias que a SMI e os diretores associados têm conseguido.

A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e a Outreach Foundation têm contribuído com equipamentos, manutenção e bolsas de estudo para alunos e alunas carentes. Também a Igreja Presbiteriana da Irlanda tem contribuído com verbas para a biblioteca do CTM Nordeste, bem como com bolsas de estudos.

Sem essas parcerias, o número de alunos seria menor.

HISTÓRICO DE CADA CTM

Como todo início, a implantação dos CTMs não tem sido uma missão fácil.

Mesmo crendo na importância da obra e já podendo contemplar alguns bons resultados, todo começo está cheio de erros e acertos.

Os CTMs têm tido um começo vitorioso principalmente pela disposição daqueles que integram a SMI, diretores e estudantes, assim como graças à parceria com as igrejas e presbitérios que têm acreditado nas suas possibilidades.

● O INÍCIO, COM O CTM CENTRO-OESTE, EM CUIABÁ, MT

Em outubro de 1994, o Rev. Dr. Sermsakdi Michael Sivalee e sua esposa Irene Agnes Lodwick, missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, foram nomeados para cuidar do Projeto Centro de Treinamento Missionário (CTM em Cuiabá, MT).

O Rev. Sivalee nasceu na Tailândia e Irene, sua esposa, é filha do Rev. Robert Lodwick, missionário que trabalhou durante muitos anos no Brasil. Irene nasceu em Rio Verde, GO.

O casal veio para o Brasil em 1982 e, inicialmente, trabalhou com a Igreja Presbiteriana do Brasil em Conceição do Araguaia, Redenção e Xinguará, interior do Pará, onde ajudaram a implantar várias igrejas.

Em 1986, vieram trabalhar com a IPI do Brasil, no sul da Bahia, até serem transferidos para Cuiabá, em 1994.

Durante o ano de 1995, eles ajudaram a preparar a chácara que havia sido comprada pelo Rev. William Caraher, na década de oitenta. Não foi um trabalho fácil, pois o rio Coxipó havia inundado o dormitório que seria usado pelos homens. Foi preciso uma grande reforma. Em seguida, foi construída uma residência para os caseiros e a antiga casa deles foi transformada em dormitório para as moças.

A instalação do CTM Centro-Oeste se deu no dia 23 de fevereiro de 1996 com 12 alunos – 9 internos e 3 externos. A turma foi chamada de *Berechit* (o princípio). Naquela ocasião, o Rev. Matias Quintela de Souza, presidente do Supremo Concílio da IPI do Brasil, e o pregador oficial, Rev. Assir Pereira, estiveram presentes no culto inaugural.

Começava a se concretizar um grande sonho da IPI do Brasil desde sua fundação em 1903 – uma escola para treinamento de missionários e missionárias.

Foram professores daquela primeira turma: Rev. Jonas Furtado do Nasci-

mento, Rev. Carlos Alberto Silva (da Igreja Presbiteriana do Brasil) e Sueli Leme Valezi, professora da 1ª IPI de Cuiabá, MT, além dos diretores.

No final do seu primeiro ano de atividades, o CTM Centro-Oeste fez um grande culto de ação de graças pelas vitórias alcançadas. O Rev. Enock Coelho da Silva, secretário executivo da SMI naquele ano, foi o pregador oficial no culto de envio dessa primeira turma. Os estudantes foram enviados para os seguintes campos: Daniel Paulino para o campo da IPI de Goiânia, GO; Isaías de Gpes para a 7ª IPI de Londrina, PR; Maria Elena Antunes de Oliveira, para Santa Isabel, em Cuiabá, MT; Erivaldo de Moura, para IPI de Rondonópolis, MT; Nilcéia Boa Morte, para Cristo Rei, em Várzea Grande, MT; Elionette Pinheiro e Adriana Sousa, para o campo de Tocantins.

A segunda turma, chamada *Kerigma* (proclamação) era formada por 8 alunos. O Rev. Wagner Mango e sua esposa Sueli foram convidados pela SMI para serem diretores associados, mas ficaram pouco tempo, decidindo ir para o campo de Palmas, em Tocantins.

O Rev. Jonas e sua esposa Cinira foram então convidados para assumirem a função de diretores associados, em 1998. Nesse ano, o CTM Centro Oeste recebeu 10 novos alunos e pode construir apartamentos para casais. O primeiro casal que chegou foi Francisco e Lídia Moreira Dourado, com seus dois filhos. A turma foi chamada de *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus).

Em 1999, chegaram mais 13 alunos e o primeiro estrangeiro, César Ramirez, vindo do Peru, da Iglesia Evangelica Presbiteriana del Peru. Esse grupo adotou o nome de *Carvalho de Justiça*. Foi um ano de muito trabalho e viagens para Cuiabá com as crianças e idas aos médicos, mas, com a graça de Deus, foi um ano de vitórias. A primeira turma, *Berechit*, concluiu seu tempo e novamente o Rev. Assir foi convidado para pregar no culto especial de formatura.

O ano de 2000 recebeu 20 novos alunos, sendo 8 do Presbitério Mato Grosso/Rondônia e o nome da turma foi uma homenagem ao seu diretor e fundador, *Sivalee 2000* – servo de Deus. Um grande destaque foi o início do envolvimento no sustento da obra pelas igrejas e congregações do Presbitério Mato Grosso/Rondônia, num reconhecimento dos trabalhos e habilidades dos estagiários e missionários enviados aos campos. Houve um crescimento e fortalecimento significativos nas igrejas e congregações desse Presbitério.

Ainda em 2000, com a bênção de Deus, foi possível construir o prédio da administração, salas de aulas e biblioteca. Durante a formatura da turma *Kerigma*, o Rev. Jonas e Cinira, sua esposa, foram os grandes homenageados pelo trabalho e companheirismo.

Em 2001, com mais 7 alunos, a turma *Ágape* teve início.

Depois de quase 8 anos servindo a IPI do Brasil em Cuiabá, o Rev. Sivalee e sua esposa Irene resolveram voltar aos Estados Unidos. Era o ano de 2002, ano que recebeu mais 10 alunos, sendo 1 da Bolívia. O casal foi

grandemente homenageado pelas igrejas do Presbitério local, juntamente com os alunos e representantes da SMI e IPI do Brasil. O Rev. Sivalee foi, durante o período em que trabalhou em Cuiabá, presidente e vice-presidente do Presbitério por vários mandatos, representante do Sínodo, da SMI e Assembléia Geral. No culto de despedida do casal, no dia 3 de fevereiro, o Rev. Éber Ferreira Silveira Lima, secretário executivo da IPI do Brasil, pregou e o Rev. Assir Pereira impetrou a bênção.

O Rev. Saulo Vieira e sua esposa Luciana assumiram a direção da escola durante o ano de 2002 e, no final do ano, foram cuidar da IPI de Sinop, MT.

Para 2003, a SMI convidou o casal Rev. Élvio de Almeida e sua esposa Patrícia para assumirem a direção do CTM Centro Oeste.

Em 2003, ano do Centenário da IPI do Brasil, pela graça de Deus e os esforços do missionário Daniel Paulino, formado em 1999, juntamente com a SMI e o Presbitério local, conseguimos levar o Pendão Real e a bandeira do nosso Rei Jesus até Cruzeiro, no Acre.

No final de 2003, o CTM Centro-Oeste encerrou suas atividades.

Ao longo de sua história, o CTM Centro-Oeste treinou 90 alunos, sendo 82 brasileiros, 4 peruanos, 2 argentinos, 1 boliviano e 1 nipo-brasileiro. Entregou 30 alunos formados e eles estão espalhados pelo Brasil, servindo ao Senhor e à IPI do Brasil no Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Amazonas, Rondônia, Rio Grande do Sul, Paraíba, Minas Gerais, Bahia, Acre, Goiás, Tocantins, Distrito Federal e no Peru. Dos alunos formados, 9 foram cursar teologia nos Seminários de São Paulo, SP, Londrina, PR, Campinas, SP e Ji-Paraná, RO; 3 foram para a universidade para especialização nas áreas de música e psicologia, a fim de melhor servirem ao Senhor.

Ao longo de sua história, o CTM Centro-Oeste treinou 90 alunos, sendo 82 brasileiros, 2 peruanos, 2 argentinos, 1 boliviano e 1 nipo-brasileiro. Entregou 30 alunos formados e eles estão espalhados pelo Brasil, servindo ao Senhor e à IPI do Brasil



Alunos do CTM Nordeste em atividade no campo missionário

● O CTM NORDESTE

O segundo CTM a ser criado, deu início às suas atividades na 1ª IPI de Natal, no dia 24 de fevereiro de 1997, enquanto suas dependências eram reformadas. Depois ele foi instalado no antigo Hospital Evangélico, que passou por algumas adaptações para receber estudantes internos, cozinha, salas de aulas, biblioteca e diretoria. Atualmente, funciona numa casa alugada pela SMI.

O culto inaugural contou com a presença de representantes da SMI e da IPI do Brasil, bem como de representantes da Igreja Presbiteriana da Irlanda.

A primeira turma era formada por 17 alunos, sendo 11 da IPI do Brasil e o restante das igrejas Batista, Congregacional, Igreja de Deus no Brasil e Casa da Bênção.

A direção da escola estava sob a responsabilidade do Rev. Jango Magno Fernandes Miranda e contou com o apoio na secretaria de Themis Andréa Lessa Machado, que foi substituída pela missionária Abigail Noádia Barbalho da Silva. Posteriormente a missionária Abigail ficou apenas como professora, deixando o secretariado para sua irmã Adda Késia Barbalho da Silva.



Cerimônia de formatura de alunos do CTM Nordeste

Logo no primeiro ano de sua existência, o CTM Nordeste realizou sua 1ª Semana Missionária, com a presença da missionária Bugra (Projeto Siloé).

No mês de maio de 97, o CTM Nordeste realizou um avanço missionário na cidade de Alto do Rodrigues, onde o Presbitério tem uma congregação.

A segunda turma, 1998, iniciou com 18 alunos, sendo 10 da IPI do Brasil e o restante das igrejas Batista, Congregacional, Igreja de Deus no Brasil, Assembléia de Deus e Igreja Presbiteriana do Brasil.

Naquele ano, o CTM Nordeste realizou um avanço missionário na cidade de Mossoró em maio, onde também o Presbitério tem uma congregação, e outro em Maceió, AL, no mês de julho. Foi realizada uma semana de aulas de primeiros socorros, ministradas pelo Dr. Reginaldo Rebouças e pelo estudante de medicina Terêncio Barros de Souza.

No segundo semestre, foi realizada a Semana de Medicina Alternativa e Sanitarismo com a farmacêutica Magna Regina Rodrigues.

Em 1999, o CTM Nordeste recebeu uma nova direção. O Rev. Jango foi transferido para Patos, PB, com o propósito de iniciar o Projeto Sertão e foram convidados para assumir a direção o Rev. Hermany Rosa Vieira, sua esposa Marta Marta Munguba Vieira e os diretores associados Rev. Paul e Linda Fahnestock.

A turma desse ano começou com 9 alunos, sendo 4 da IPI do Brasil e o restante das igrejas Presbiteriana do Brasil, Nazareno, Igreja de Deus no Brasil, Congregacional e Assembléia de Deus.

Fizemos 2 avanços missionários no ano. Um em João Pessoa, PR, para fortalecer o trabalho ali iniciado, e outro em Cruzeta, RN, onde os missionários James Lynn Cochrane e sua esposa Healthier implantaram uma igreja com o apoio da Igreja Presbiteriana da Irlanda. Tivemos também a participação num curso de evangelização promovido pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA), na 1ª IPI do Natal com o grupo Fellowship, e ajudamos na organização do Encontro de Pastores e Líderes do Sínodo Setentrional, em Natal, com a presença de mais de 300 pessoas, e na 3ª Conferência Missionária da 1ª IPI do Natal.

Numa tentativa de proporcionar melhor aparelhamento dos estudantes, foi criada a Escola de Música Halleluia, que proporcionava aulas de canto, violão e teclado aos estudantes e membros das igrejas locais. Também iniciamos um Curso de Línguas, com a missionária Linda Fahnestock.

Em 2000, formou-se a primeira turma com 13 alunos. A segunda turma, 2001, foi formada com 5 alunos. A terceira, 2002, com 3 alunos. A quarta, 2003, com 5 alunos. E a quinta, em 2004, com 4 alunos

Durante todos estes anos, o CTM Nordeste realiza avanços missionários e

Professores e alunos do CTM Sul, em Florianópolis, SC





O CTM Sul oferece formação transcultural, além de preparação para missões urbanas e regionais

tem participado, juntamente com os seminários de Natal, das Semanas Teológicas coordenadas pela Diaconia (Recife, PE), nas quais os alunos e alunas participam ouvindo palestras e debatendo assuntos ligados à teologia e ao diaconato.

● O CTM SUL

As atividades do CTM Sul iniciaram-se em março de 1998. O Rev. Mathias Quintela de Souza, presidente do Supremo Concílio da IPI do Brasil, pregou no culto que ocorreu na IPI do Estreito em Florianópolis, SC. Nesta mesma igreja, que tem dado todo apoio, funciona o CTM Sul. A primeira diretoria foi composta pelo Rev. Júlio Paulo Tavares Zabatiero e sua esposa Eneida Gomes Zabatiero.

O CTM Sul oferece, como diferencial em relação aos outros CTMs, a formação transcultural, além da preparação para missões urbanas e regionais, co-

munis a todos os CTMs.

Como cidade turística, Florianópolis proporciona todas as possibilidades para a formação missionária, mesmo não sendo uma mega cidade. Nos períodos de férias, em algumas de suas praias, o espanhol é a língua mais falada, sendo uma excelente oportunidade para estágio transcultural dentro do próprio país.

O CTM Sul mantém uma parceria com o Projeto Siloé, uma agência missionária dedicada à evangelização e apoio fraterno a pessoas dependentes de drogas, portadores do vírus HIV e pessoas marginalizadas em geral. É um projeto bastante conhecido de nossas igrejas devido ao trabalho significativo realizado pela missionária Nídia Caldas Mafra (*Bugra*) e seu esposo Presb. João Paulino Mafra. Esse ministério colabora no apoio para a formação prática dos estudantes.

As atividades do CTM Sul tiveram início com a presença de 14 alunos vindos de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e das igrejas locais. Também nos anos seguintes, continuou recebendo alunos e alunas de outros estados e contando com a colaboração de professores da IPI do Brasil, da IPB e da Igreja Batista.

O Rev. Júlio Zabatiero e sua esposa Eneida foram diretores do CTM Sul nos anos de 1998 e 1999, sendo substituídos pelo Rev. Jonas Furtado do Nascimento e sua esposa Cinira Barbosa Furtado do Nascimento.

Durante o ano 2000, chegaram, para colaborar com o CTM Sul, vindos da PCUSA, o casal Kim e Ceceu Kingshill e o casal Charles Timothy e Marta Kerr Carriker. Kim e Ceceu permaneceram até começo de 2001; Timóteo e Marta continuam como diretores associados, concedendo valiosíssima contribuição.

● O CTM DE CAMPINAS

É a mais nova escola de formação missionária da IPI do Brasil. O CTM de Campinas teve suas atividades iniciadas com um culto inaugural em 30 de novembro de 2002, com a presença de representantes da SMI, do Presbitério de Campinas e várias igrejas locais. Suas atividades acadêmicas iniciadas em fevereiro de 2003. É uma parceria entre a 1ª IPI de Campinas e a SMI. O CTM Campinas recebe apoio também da Secretaria de Missões do Presbitério de Campinas.

Seguindo um currículo semelhante ao do CTM Sul, tem, em seu segundo ano, disciplinas voltadas para o ministério urbano. O objetivo principal do CTM

CURRÍCULO DO CTM NORDESTE

1º ANO – 1º SEMESTRE

Introdução à Bíblia I
Teologia e Prática da Missão
Teologia e Prática da Evangelização
Teologia Reformada I
Comunicação e Língua Portuguesa
Estágio Supervisionado em Missões e Social I

2º ANO – 1º SEMESTRE

Teologia e Exegese do NT
Vida Missionária
Estágio Supervisionado em Missões III

3º ANO – 1º SEMESTRE

Teologia e Exegese do AT
Antropologia, Evangelho e Cultura
Estágio Supervisionado em Missões V

1º ANO – 2º SEMESTRE

Introdução à Bíblia II
Implantação e Crescimento de Igrejas
História da Igreja
Teologia Reformada II
Liturgia e Pregação
Estágio Supervisionado em Missões e Social II

2º ANO – 2º SEMESTRE

Educação Cristã
Liderança Cristã
Estágio Supervisionado em Missões IV

3º ANO – 2º SEMESTRE

Aconselhamento
Diaconia/Administração Eclesiástica
Estágio Supervisionado em Missões VI

CURRÍCULO DO CTM SUL – 2º ANO (REGIME RESIDENCIAL, CURRÍCULO ANALÍTICO)

2º ANO – 1º SEMESTRE

Fonética e Teoria da Aprendizagem Língua
Sistemas Culturais
Teologia Bíblica da Missão
Panorama do Cristianismo Mundial
Vida do Missionário
Estágio Supervisionado em Missões

2º ANO – 2º SEMESTRE

Prática da Aprendizagem de Língua: Inglês
Fenomenologia e Sociologia da Religião
Contextualização e Etnoteologia
Panorama das Religiões Mundiais
Estratégias e Metodologias Missionárias
Estágio Supervisionado em Missões

Campinas é a capacitação de missionários para a implantação de igrejas em contexto urbano e também a elaboração de modelos e estratégias de ações visando ao crescimento de igrejas.

A direção esteve sob a responsabilidade do Rev. Calvino Camargo, desde sua organização até o ano de 2004, sendo substituído pelo Rev. Paulo César Barros Monteiro. A comissão gestora é dirigida pela Rosilene Alexandre Brunder Melo.

Sua primeira turma iniciou com 15 alunos.

CONCLUSÃO

Examinando as estatísticas de crescimento dos evangélicos no Brasil, bem como as das IPIs, vemos nos CTMs uma grande possibilidade de contribuir, com qualidade, na implantação de novos campos e fortalecimento daqueles que já se iniciaram.

Regiões do nosso Brasil que têm menos de 1% de evangélicos têm apresentado um número expressivo de crescimento com uma qualidade bastante questionável.

Os CTMs surgem não como a única solução, mas como uma excelente proposta de formação de liderança.

Hoje entendemos que o missionário e a missionária de nossas IPIs estão alcançando uma valorização maior e esse processo precisa continuar se desenvolvendo, pois os resultados estão surgindo.

Nossa oração é no sentido de que a IPI do Brasil continue crescendo em sua visão integral e, dessa forma, continue contribuindo na implantação do Reino de Deus.

***O Rev. Hermany é o diretor do CTM Nordeste;
o Rev. Sivalee foi o primeiro diretor do CTM Centro-Oeste;
e o Rev. Jonas é o diretor do CTM Sul***

6

CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO E NOVO PROJETO

Rev. Gerson Correia de Lacerda

No dia 21 de abril de 2005, a IPI do Brasil celebrou o Centenário da Educação Teológica. Foi no dia 21 de abril de 1905 que se organizou o Seminário de São Paulo, o mais antigo da denominação.

A celebração não se resumiu a uma simples festa. Ao contrário, a ocasião foi aproveitada para a realização de uma profunda avaliação do trabalho que está sendo realizado no campo da educação teológica e, ao mesmo tempo, para a elaboração de um novo projeto diante dos desafios da nossa realidade.

Com a colaboração e apoio da direção da IPI do Brasil e da Fundação Eduardo Carlos Pereira, as congregações dos três seminários da nossa igreja se reuniram na sede do Seminário de São Paulo, de 21 a 25 de abril. Contaram com a participação da Secretaria de Missões e dos três Centros de Treinamento Missionário da denominação, bem como de convidados especiais de outros centros de ensino teológico (Rev. Dr. Nelson Kilpp, da Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, e Rev. Prof. Lourenço Stello Rega, da Faculdade Teológica Batista de São Paulo).

Antes desse encontro, durante vários meses, todos os seminários estiveram trabalhando isoladamente. Cada um deles preparou um documento, com avaliação e propostas para a educação teológica na IPI do Brasil.

Depois do encontro, o trabalho continuou. Uma equipe elaborou um texto final que foi submetido à apreciação das congregações dos três seminários, o qual se transformou no Projeto de Educação Teológica da IPI do Brasil. Finalmente, a Assembléia Geral da nossa igreja, reunida na 1ª IPI de Santo André, SP, de 10 a 13 de agosto de 2005, examinou o documento e o aprovou.



Encontro de professores dos três seminários da IPI do Brasil, de 21 a 24 de abril, no Seminário de São Paulo. Sentados: Revs. Gerson Correia de Lacerda (presidente do Seminário de São Paulo), Abival Pires da Silveira (secretário de Educação Teológica), Assir Pereira (presidente da Assembléia Geral), Áureo Rodrigues de Oliveira (presidente do Seminário de Fortaleza) e Silas de Oliveira (presidente do Seminário de Londrina)

NOSSO GRANDE DESAFIO

Agora, os seminários da IPI do Brasil têm diante de si um grande desafio: o de transformar o projeto em realidade. E é nisso que eles estão envolvidos atualmente.

O novo Projeto de Educação Teológica da IPI do Brasil estabelece as linhas gerais do caminho a ser percorrido na formação de pastores e pastoras, missionários e missionárias, bem como de líderes e do povo em geral de nossas igrejas.

Destacamos alguns deles, utilizando trechos do próprio texto do Projeto:

1. ÊNFASE BÍBLICA E REFORMADA

“Uma das mais importantes ênfases da Reforma Protestante do século XVI foi a doutrina do livre exame das Escrituras pelo povo. Esta ênfase se constituiu, através dos séculos, em uma grande conquista do protestantismo. A Bíblia e a proclamação da Palavra de Deus são importantes para o culto e a

fé evangélica protestante. Nenhum curso teológico que vise à preparação de ministros/as e teólogos/as para a igreja evangélica poderá desprezar o estudo criterioso da Bíblia em seu currículo. Reconhecemos também que, para o competen-

te manuseio e interpretação dos textos bíblicos, precisamos estar sintonizados com o avanço das Ciências Bíblicas dos últimos séculos.”

“O estudo da herança da Reforma Protestante do século XVI precisa se materializar em esforços concretos na escola teológica para esse fim. É necessário buscar o equilíbrio entre o conhecimento dessa herança, por um lado, e o conhecimento da realidade religiosa e cultural do mundo contemporâneo, por outro. A identidade latino-americana e brasileira da nossa teologia deve também fazer parte da nossa preocupação enquanto prática teológica no mundo atual.”

A Assembléia Geral da IPI do Brasil aprovou o Projeto de Educação Teológica, em reunião de 10 a 13/8/2005. Agora, os seminários têm diante de si um grande desafio: transformar o projeto em realidade

2. PREOCUPAÇÃO MISSIONAL

“O foco de atuação dos seminários tem sido, preferencialmente, a preparação de pastores e pastoras para igrejas já estabelecidas e organizadas. Por outro lado, os centros de treinamento missionário se consagram à preparação de missionários e missionárias, sem vinculação com a Secretaria de Educação Teológica. Essa situação tem contribuído para reforçar a concepção de que a preparação pastoral e a formação missiológica encontram-se em departamentos estanques e incomunicáveis.” Diante dessa realidade, “é preciso reforçar as preocupações missionais dentro dos seminários, integrando capacitação teológica e missiológica, para fazer frente aos desafios práticos da igreja”

3. ÊNFASE NAS CIÊNCIAS PASTORAIS

A educação teológica não deve e não pode ser resumir à formação acadêmica e à preparação teórica. Ao contrário, tem trabalhar a partir da prática. Por isso,



Revs. Hermany Rosa Vieira (diretor do CTM Nordeste), Rev. Antônio Carlos Alves (Secretário de Missões), Jonas Furtado do Nascimento (diretor do CTM Sul) e Rev. Paulo César Barros Monteiro (diretor do CTM Sudeste), no encontro dos três seminários da IPI do Brasil, de 21 a 24 de abril

o Projeto de Educação Teológica estabelece que:

“As rápidas mudanças no panorama sócio-cultural e econômico do nosso país, somadas às mais diversas formações regionais, criam situações específicas para a atuação pastoral que exige soluções específicas, demandando um maior aprofundamento nas questões relativas ao ministério pastoral nestas situações de crise e mudança. Diante dessas exigências, a escola deve oferecer um programa de estudos que proporcione oportunidades de aprofundamento teológico-pastoral e oportunize o debate em torno dos problemas apresentados nas situações concretas do ministério pastoral”.

4. EDUCAÇÃO CONTINUADA

“Um aspecto da realidade do mundo atual que merece ser levado em consideração é o da necessidade de formação contínua de profissionais que atuam nas mais diversas áreas. Todas as pessoas que concluem cursos de nível superior sabem que precisam de atualização constante. Foi-se o tempo em que o graduado deixava de ter de estudar ao receber seu diploma. Tendo em vista essa realidade, os seminários precisam passar a se dedicar ao oferecimento de programas de educação continuada para pastores e pastoras, missionários e missionárias.”

5. EDUCAÇÃO DE TODO O POVO DE DEUS

“A missão como *tarefa da igreja* é derivada da *missão de Deus*. A eleição do povo de Deus, antes de denotar qualquer favoritismo *exclusivista* de Deus, teve um propósito *inclusivo de serviço com fins universais*. A eleição não é para separação, mas participação e serviço, uma perspectiva que nos protege contra uma atitude ascética que procura fugir deste mundo para um plano “celestial”.

A missão de Deus não inibe a atividade do seu povo, mas dinamiza a. Ser pró-ativo e específico na fundamentação pedagógica, na explicitação de objetivos educativos, na definição de cursos, na elaboração curricular e no planejamento duma política de carreira acadêmica docente é decorrência da chamada de Deus para uma missão da igreja.

A tarefa educativa pertence à igreja toda e em todas as suas dimensões e níveis.

A missão como incumbência da igreja toda implica numa educação teológica que envolve todo o povo de Deus em suas vocações no mundo. Implica no reconhecimento pela igreja dos diversos ministérios: missionário, diaconal e pastoral. Faz-se necessário redescobrir o sacerdócio de todos os crentes. O novo modelo de igreja implica no envolvimento de todos no ministério, e não um ministério de ordenados e de autoridades.”

6. COMPROMISSO ECUMÊNICO

“Uma das marcas da igreja é a sua *catolicidade*. Um compromisso *ecumênico* é essencial ao êxito da missão da igreja e, sem este compromisso, a sua missão está prejudicada, pois tal compromisso é em si missionário. A oração sacerdotal de Jesus (Jo 17) é clara em apontar a unidade do povo de Deus como condição para a confiabilidade do nosso testemunho. Dada a complexidade da missão de Deus no mundo, esta não pode ser realizada no isolamento. A consciência de responsabilidade diante da missão impõe uma postura de humildade, buscando o diálogo com setores diversos da igreja e da sociedade. Nesse sentido, a educação teológica deve preparar pessoas que saibam dialogar, acima de preconceitos que nos afastam como seres humanos e como participantes da missão de Deus.”



Revs. Nelson Kilpp
(Escola Superior de
Teologia da Igreja
Evangélica de Confissão
Luterana no Brasil) e
Abival Pires da Silveira
(secretário de Educação
Teológica) no encontro
dos três seminários da IPI
do Brasil, no Seminário
de São Paulo

7. COMPROMISSO DE PROMOÇÃO DA RESTAURAÇÃO

“As Escrituras descrevem os atos de Deus na história começando com os relatos da criação e terminando com a restauração da mesma. O ser humano não só é guardião do seu próximo, mas mordomo de toda a criação.”

“A igreja tem uma missão de mordomia sobre a criação toda. E, assim, problemas do meio ambiente fazem parte da preocupação missional da igreja.”

Por outro lado, “observamos que Deus age *dentro e através* de eventos concretos na vida dos seres humanos. Ele se manifesta não num plano contemplativo e “celestial”, mas dentro de *eventos históricos*. Até mesmo a literatura apocalíptica, que enfatiza um contraste com este mundo, ensina que a intervenção futura e restauradora de Deus será uma irrupção para dentro *desta* história e *deste* mundo. Portanto, a missão se realiza na história humana comum, não exclusivamente na igreja e por meio dela.

É preciso que a educação teológica se mostre coerente com uma compreensão libertadora e ousada para o mundo e a sociedade em que vive. Assim, ‘missão significa servir, curar, reconciliar uma humanidade dividida e machucada’ e esta definição tem inúmeras implicações para o curso de teologia, em suas diversas áreas.”

MENSAGEM DO CENTENÁRIO

No dia 24 de abril de 2005, no templo da 1ª IPI de São Paulo, foi realizado o culto solene de gratidão a Deus pelo Centenário da Educação Teológica da IPI do Brasil. O culto marcou o encerramento do encontro das congregações dos três seminários para elaboração do Projeto de Educação Teológica.

Com base no texto de 1 Reis 18.1-17, o Rev. Gerson Correia de Lacerda, diretor do Seminário de São Paulo, entregou a seguinte mensagem, tendo como tema:

“PERTURBADORES DE ISRAEL”

INTRODUÇÃO

Casa de Profetas - Essa é uma das formas pelas quais são conhecidos os seminários de nossa igreja.

Casa de Profetas - A designação tem um sabor profundamente bíblico. Remete-nos ao Antigo Testamento, quando teve origem e se desenvolveu o movimento profético em Israel. Ao mesmo tempo, remete-nos ao Novo Testamento, onde desponta a figura de Jesus de Nazaré, o profeta por excelência.

Casa de Profetas - A expressão faz parte da nossa tradição histórica. Nossos seminários sempre a valorizaram e a apreciaram. Todos aqueles e aquelas que labutam e gastam sua vida nos seminários sentem satisfação com essa forma de tratamento.

Não é para menos! Os profetas tiveram uma relevância enorme na história de Israel no Antigo Testamento. Eles eram “porta-vozes de uma palavra viva de Deus” (Scott). Nos momentos de crise, eles foram, verdadeiramente, a voz de Deus, denunciando o pecado, convidando ao arre-

pendimento e prometendo o perdão.

Nessas circunstâncias, ao serem designados como “Casa de Profetas”, os seminários sentem-se honrados e valorizados. Adquirem uma espécie de aura especial, que os diferencia de outras instituições de ensino. Eles não são escolas comuns, semelhantes às muitas outras que se dedicam a um campo de estudo qualquer. Eles não são meras faculdades ou cursos de nível superior, simplesmente devotados ao saber acadêmico.

Muito acima disso, os seminários são “casas de profetas”, isto é, têm uma vinculação divina. Preparam aqueles e aquelas que irão falar em nome de Deus.

Tudo isso é muito bonito! Tudo isso chega a ser uma visão romântica e ideal do significado dos seminários!

Todavia, tudo isso é somente parte da verdade! Existe um outro lado da moeda! Há uma outra face da realidade! E ela não pode ser esquecida nem mesmo em momentos como este, em que se celebra o centenário da organização do Seminário de São Paulo, ocorrida nesta Primeira Igreja, em 21 de abril de 1905.

Qual é esse outro lado da moeda? Qual é essa outra face da realidade?

Ela aparece na expressão utilizada pelo rei Acabe, quando se encontrou com o profeta Elias. Nessa oportunidade, assim se expressou o rei: És tu, ó perturbador de Israel? Ou, na Tradução da Bíblia da Linguagem de Hoje: Então é você que está aí, você, o maior criador de problemas de Israel!

Aí estão expressões não muito dignificantes a respeito de um profeta: criador de problemas; perturbador de Israel.

Se estas expressões foram aplicadas a um profeta, também podem ser destinadas aos seminários. E é sobre assunto que queremos falar nesta hora: sobre os seminários como criadores de problemas ou como perturbadores de Israel.

1. O GOVERNO DE ACABE

Para entender bem o texto bíblico, temos de fazer uma rápida in-



Rev. Gerson Correia de Lacerda - culto de gratidão a Deus pelo Centenário da Educação Teológica da IPI do Brasil, na 1ª IPI de São Paulo, em 24/4/2005

curso pela história de Israel no Antigo Testamento.

Elias apareceu no Reino do Norte, durante o reinado de Acabe e Acazias, isto é, entre 874 e 852 antes de Cristo.

Acabe desenvolveu a política iniciada por seu pai, que fundara a cidade de Samaria. Isso significou duas coisas básicas: por um lado, Acabe procurou integrar a população cananéia existente no seu reino e, por outro lado, buscou um relacionamento mais intenso com os reinos vizinhos.

Naquela época, relacionamentos políticos nunca se limitavam às esferas profanas. Ao contrário, incluíam, necessariamente, aspectos religiosos. Foi por isso que, ao aprofundar os contatos com a cidade fenícia de Tiro, Acabe casou-se com Jezabel, filha de Etbaal, rei de Sidom.

Jezabel propagou em Israel o culto a Baal. Em Samaria, foi construído um templo à adoração do deus estrangeiro. Profetas fenícios foram importados. Na corte e nas camadas superiores da população urbana, Baal passou a ser venerado.

Tudo isso teve implicações profundas na vida social de Israel.

Sob Javé, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o rei Acabe tinha direitos limitados. Sob Javé, o Deus de Moisés, o rei Acabe também estava debaixo das determinações da lei de Deus. Sob Javé, o Deus da aliança no Sinai, o rei Acabe era obrigado a respeitar os direitos humanos básicos estabelecidos na lei do Senhor.

Com Baal, tudo ficava muito diferente. Com Baal, o rei Acabe passava a ser um monarca absoluto, semelhante aos outros que existiam no antigo Oriente Médio. Com Baal, o rei Acabe passava a ter todo o poder sobre as terras e sobre os habitantes de Israel. Com Baal, o rei Acabe adquiria direitos sem limites, podendo fazer o que bem entendesse.

Tudo isso pode ser perfeitamente percebido na história da vinha de Nabote, registrada no capítulo 21 do Primeiro Livro dos Reis.

Nabote era o proprietário de uma plantação de uvas, que ficava ao lado de um dos palácios do rei Acabe. Este desejou adquiri-la. Mas Nabote recusou-se a vendê-la. Quando soube dessa história, Jezabel disse a seu marido: Afinal de contas, você é o rei ou não é?

Na verdade, Jezabel não se limitou a criticar o esposo. Sem nenhum escrúpulo, providenciou a morte de Nabote e entregou suas terras ao rei Acabe.

Nessa história, temos um retrato nítido a respeito de como eram as coisas com o deus Baal.

Com o deus Baal, o rei podia dispor da vida das pessoas e ficar com suas propriedades! Com o deus Baal, o rei tinha total imunidade e completa impunidade! Com o deus Baal não havia limites éticos para a ambição dos poderosos!

2. ELIAS E A VOLTA ÀS ORIGENS

Foi precisamente nesse contexto histórico que despontou a figura de Elias.

Ele apareceu de forma súbita e sem maiores explicações. “Sua origem é tão misteriosa quanto a de Melquisedeque. É-nos dito apenas que ele era um tesbita, e que vivia em Gileade, nas bordas do deserto”. (Scott)

Para compreender bem a figura de Elias, podemos recorrer ao Novo Testamento. Nos evangelhos, encontramos um episódio da vida de Jesus em que Elias também aparece. Referimo-nos à transfiguração do Senhor.

Jesus subiu a um monte, levando Pedro, Tiago e João. Ali, a roupa de Jesus ficou branca e brilhante. E os três discípulos viram Elias e Moisés conversando com Jesus.

Essa história é tem um profundo significado simbólico. Elias e Moisés foram vistos juntos. Elias e Moisés apareceram lado a lado. Elias e Moisés conversaram com Jesus.

Na verdade, isso serve para indicar que há muita coisa em comum entre Elias e Moisés. Existe uma ligação profunda entre Elias e Moisés.

Moisés foi o grande libertador de Israel. Foi também o legislador. Tanto na condição de libertador como na de legislador, Moisés atuou em nome de um Deus soberano, contra a opressão e pela liberdade. Em todo o seu ministério, Moisés proclamou e ensinou que Deus é o único Senhor, defensor de um estilo ético-religioso de vida.

O mesmo ocorreu com Elias. Diante de um rei opressor e injusto, o profeta tomou posição ao lado dos mais fracos. Não se associou aos profetas profissionais, que viviam na corte e no palácio, desfrutando das benesses do poder. Ao contrário, denunciou que a mais antiga tradição de Israel estava sendo abandonada. Recusou-se a concordar com um rei que violava os direitos humanos básicos. Fez oposição ao monarca que desrespeitava a exigência divina de justiça.

Ao agir dessa maneira, Elias estava promovendo um regresso às origens. Ele retornava às fontes mais puras do judaísmo. Voltava a Moisés.

Nesse sentido, Elias procedia exatamente como os grandes líderes da Reforma Protestante do Século XVI. Também Lutero e Calvino fizeram uma proposta de volta às origens. Também Calvino e Lutero levantaram a bandeira de retorno às fontes bíblicas.

Ora, com essa postura de reformador, Elias não podia deixar de ser considerado como um perturbador de Israel.

Pelo menos para o rei e para as camadas dominantes, Elias não

passava de um criador de problemas, ao levantar sua voz poderosa para relembrar a lealdade primária ao Deus libertador.

Para o rei e para que os levavam vantagens com seu governo absoluto, Elias era, de fato, um perturbador, ao defender uma reforma profunda de volta a Deus em defesa da justiça.

3. ELIAS E O NOVO

Por outro lado, nem só de volta ao passado, às origens e às fontes foi a vida e a mensagem do profeta Elias.

Ao contrário, também houve um elemento novo na sua proclamação. Existiu uma novidade na sua pregação.

Foi o Senhor Jesus quem chamou a atenção para o elemento novo que havia na atuação profética de Elias. Diz o evangelho que, certa ocasião, Jesus foi visitar a aldeia de Nazaré, onde havia sido criado. Ali, num sábado, como era seu costume, foi ele à sinagoga.

Jesus já tinha granjeado uma pequena fama com seus sinais. Por isso, pediram-lhe que fizesse em Nazaré alguns dos milagres que comentavam que ele fizera em Cafarnaum.

Jesus se recusou. Ele não fazia milagres para conquistar sucesso.

E Jesus foi um pouco além. Pregou lembrando que, na época de Elias, tinha havido uma grande seca e uma enorme fome na terra de Israel. No entanto, Elias não fizera milagres em profusão, providenciando alimentos a todos os que não tinham o que comer.

Ao contrário, Elias fizera somente um milagre nesse sentido. E o único milagre desse tipo fora feito para uma viúva que morava em Sarepta, perto de Sidom.

De fato, foi isso mesmo o que aconteceu. Com seu milagre, Elias beneficiou não a um judeu, mas a uma estrangeira. Com seu milagre Elias socorreu não a um homem de seu próprio povo, mas a uma mulher de uma nação pagã.

Na época de Elias, isso era incompreensível. Para os judeus de seu tempo, isso representava uma grande novidade.

Os judeus tinham profundos preconceitos contra os estrangeiros. Os judeus se consideravam o privilegiado povo ao qual Deus amava com exclusividade.

Para os judeus, as outras raças eram inferiores. Para os judeus, as outras nações eram desprezíveis.

Elias, porém, foi diferente. Ele não se deixou influenciar pelos preconceitos nutridos por seu povo. Ao contrário, foi capaz de perceber que Deus também agia entre os gentios. Muito mais do que isso! Elias colocou-se a serviço da missão de Deus no meio de pagãos!

Tudo isso representava uma grande novidade! Uma novidade que causava reação e provocava oposição!

Com suas novidades, Elias não podia deixar de ser considerado como um perturbador de Israel.

Pelo menos para aqueles que eram incapazes de se abrir para uma nova compreensão da realidade, Elias não passava de um criador de problemas, ao associar-se à missão de Deus entre os gentios.

Para aqueles que se apegavam a uma ortodoxia estreita e fechada, Elias era, de fato, um perturbador ao apontar para atuação soberana de Deus fora dos limites de Israel.

CONCLUSÃO

A Bíblia registra que Elias não aceitou ser chamado de perturbador de Israel. Corajosa e atrevidamente, ele respondeu ao rei Acabe: -Eu não tenho perturbado a Israel. Você e o seu pai é que são criadores de problemas, pois abandonaram os mandamentos do Senhor ...

Quem é que tinha razão? Quem era, de fato, o perturbador de Israel?

Aos olhos de Deus, Elias era um servo fiel. Aos olhos de Deus, Elias era um grande profeta. Aos olhos de Deus, Elias era um portavoz pelo qual transmitia a sua mensagem.

Mas aos olhos de Acabe, Elias não passava de um perturbador



Cenas do Centenário da Educação Teológica, em 24/4/2005, na 1ª IPI de São Paulo: composição da mesa que dirigiu o culto e bênção apostólica impetrada pelo Rev. Rubens Cintra Damião

de Israel. Aos olhos de Acabe, Elias era, realmente, um criador de problemas.

Pois bem, vivemos numa época de muitos Acabes. Acabes seculares e religiosos. Acabes no poder político e no poder eclesiástico. Acabes que adoram e servem a Baal tanto nas igrejas como no mundo.

Onde existe injustiça, Acabe está reinando. Onde existe opressão, Acabe está mandando. Onde os direitos humanos são desrespeitados, Acabe está triunfando. Onde os preconceitos prevalecem, Acabe está dominando.

E, quando a igreja se cala diante disso, está sendo conivente com Acabe. Quando a igreja se omite ou até mesmo procurar tirar vantagens dessa situação, está, de fato, dando todo seu apoio a Acabe.

Se quisermos ser fiéis a Deus, não existe outra alternativa: temos de correr o risco perturbar!

Se quisermos ser verdadeiros profetas do Senhor, não existe outro caminho: temos de viver a grande aventura de perturbar!

Se quisermos ser verdadeiros portadores da mensagem do Senhor, não existe outra saída: temos de perturbar todos os Acabes que existem por aí.

Deus abençoe os nossos seminários!

Deus abençoe as nossas casas de profetas!

Que, pela graça de Deus, nossas casas de profetas sejam centros de preparação e de formação de novos Elias para a nossa igreja e para o nosso mundo! Amém!”

O Rev. Gerson é o presidente do Seminário Teológico de São Paulo da IPI do Brasil

Caderno de *O Estandarte*

Publicação especial em comemoração ao Centenário do Seminário Teológico de São Paulo
Novembro de 2005



MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO

Presb^a. Eleni Mender Rangel (diretora)
Rev. Gerson Correia de Lacerda (*O Estandarte*)
Sheila de Amorim Souza (*Alvorada*)
Presb. Reuel Matos de Oliveira (*Portal da IPI do Brasil*)
Presb. Jeferson Barbosa Borges (*Pendão Real*)

Jornalista responsável:

Dr. Uassyr Ferreira
Reg. MT 6220 - SJPESP 65381
Matr. Sind. nº 12763

Redação:

Rua Amaral Gurgel, 452 - Sobrelaja
CEP 01221-000 - São Paulo-SP
Fone/fax: (011)3258-1422 / 3258-7967
E-mail: estandarte@ipib.org
Expediente: 2^a a 6^a, das 9 às 18 hs.

Editora Pendão Real

Cléber C. Coelho
(Administrativo)

Albério José Siqueira
(Atendimento e Cadastro)

Exemplar avulso: R\$ 5,00

Depósito no Bradesco

Agência 095-7 C/C 151.212-9

Revisão: Gerson Correia de Lacerda

Coordenação da edição : Eduardo Galasso Faria

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Sheila de Amorim Souza

Foto da capa:

Prédio do Seminário de São Paulo na rua Visconde de Ouro Preto, 51

Alunos do Seminário em 1952 (última capa)

Foto da capa e ilustrações:

Arquivos do jornal *O Estandarte* e dos Seminários

Tiragem: 7.000 exemplares.

Impressão: Gráfica Potyguara
(11) 6969-4077

Artigos assinados não representam necessariamente a opinião da IPI do Brasil, nem da própria direção do jornal. Matérias enviadas sem solicitação da Redação só serão publicadas a critério da diretoria. Os originais não são devolvidos.

